



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

A large white circle is centered on a gray rectangular background. The circle's diameter is nearly equal to the height of the gray rectangle, leaving small gray corners at the top and bottom.

**PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM
GEOGRAFIA**

LEANDRO LUÍS LINO DOS SANTOS

**INOVAÇÕES TÉCNICAS NO FUTEBOL DE BASE BRASILEIRO: UMA
ANÁLISE DO PAPEL DESEMPENHADO PELO CERTIFICADO DE CLUBE
FORMADOR**

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

**RIO CLARO - SP
2025**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

LEANDRO LUÍS LINO DOS SANTOS

**INOVAÇÕES TÉCNICAS NO FUTEBOL DE BASE
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PAPEL
DESEMPENHADO PELO CERTIFICADO DE
CLUBE FORMADOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
do Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Geografia.

Orientador: Samuel Frederico

Rio Claro – SP

2025

S237i

Santos, Leandro Luís Lino dos

Inovações técnicas no futebol de base brasileiro : uma análise do papel desempenhado pelo certificado de clube formador / Leandro Luís Lino dos Santos. -- Rio Claro, 2025

97 p. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: Samuel Frederico

1. Formação de Base. 2. Evolução Técnica. 3. Território Normado. 4. Divisão Internacional do Trabalho. I. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

LEANDRO LUÍS LINO DOS SANTOS

INOVAÇÕES TÉCNICAS NO FUTEBOL DE BASE
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO PAPEL
DESEMPENHADO PELO CERTIFICADO DE
CLUBE FORMADOR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Samuel Frederico (Orientador)
IGCE/UNESP/Rio Claro

Dr. Henrique Santos
UNICAMP/Campinas

Dr. Rodrigo Cavalcanti do Nascimento
USP/São Paulo

Conceito: Aprovado

Rio Claro (SP), 22 de Novembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Durante estes últimos três anos, tive a oportunidade de vivenciar, no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Unesp-Rio Claro, uma importante etapa do desenvolvimento acadêmico, a elaboração de uma dissertação para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Ao longo do caminho que trilhei, encarei situações cotidianas no meio acadêmico, como as inerentes questões sobre a clareza da escrita, dificuldades no cumprimento das disciplinas, no delineamento da revisão bibliográfica, dentre outras situações.

Inevitavelmente, encarei as situações citadas sozinho, muitas vezes contemplando a própria solidão do processo de escrita, assim como outros pesquisadores. Todavia, resumir a minha trajetória no mestrado a uma caminhada solitária, seria um erro. Portanto, gostaria de dedicar este excerto do trabalho a agradecer um elenco de grande importância para mim neste período.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Prossigo os agradecimentos ao dedicar um grande e fraterno abraço a minha família, a minha mãe – Célia Aparecida Lino dos Santos, ao meu pai – Luiz Menezes dos Santos, ao meu irmão – Otávio José Lino dos Santos e a minha avó materna – Ana de Andrade Lino. Durante um momento de aguda instabilidade, como observado no decorrer da pandemia de COVID-19, eles supriram o apoio necessário para o meu ingresso e a minha continuidade no caminho da pós-graduação.

O próximo na lista dos agradecimentos não é uma pessoa somente, é um grupo de pessoas que, assim como eu, trilha o caminho de contribuir aos estudos futebolísticos, a partir dos conhecimentos geográficos. Gostaria de agradecer a todos os colegas integrantes do Grupo de Estudos – Mundo Dentro e Fora das 4 Linhas (MDF4L), pois a convivência com outras pessoas empenhadas na mesma atividade nos garante uma ampliação do nosso raio de ação acadêmica. Para além desta razão, necessito pontuar que frequentar este grupo, me proporcionou o cultivo de boas amizades, como: Jonathan Ferreira Caio Bernardo Gomes, João Rosalin, Rafael Freitas, Fernando Chamone, Amanda Trovó, dentre muitos outros.

Ainda sobre as relações pessoais, gostaria de agradecer ao apoio pessoal dos meus amigos mais próximos, uma vez que a presença deles foi de grande importância para eu conseguir trilhar este caminho do Mestrado. Um grande abraço para Alexandre Magnum Leme, para o Ruan Felipe Belzi Corrêa, Vinícius dos Santos, Ivan Angelocci Filho, Thiago Martins e

Renan de Moraes Ozello.

Dando sequência aos agradecimentos, gostaria de agradecer a disponibilidade da Thais Toledo em realizar uma entrevista para o desenvolvimento de minha pesquisa. A Thais é idealizadora da consultoria ACESSOSS, e contribuiu de maneira retumbante para a minha investigação, pois ela foi a profissional inserida no meio futebolístico que se prontificou para ser entrevistada.

Caminhando ao final dos agradecimentos, gostaria de agradecer todos os colegas professores que compartilhei profissão entre os anos de 2023 e 2024, tanto na E.M. Armando Grisi, na E.E. Michel Alem e na E.E. José Cardoso. No período em que adentrei à docência, muitos colegas que me auxiliaram nesta inserção a sala de aula. Um grande abraço a todos!

O agradecimento derradeiro, é destinado a uma pessoa de importância ímpar na minha jornada pelo Mestrado acadêmico. Seu nome é Emily Amanda Salvioni, e eu sou muito feliz por ser seu namorado. Agradeço a minha namorada, pois num cotidiano muito reservado, sozinho e que propicia a emergência de questões sobre a qualidade individual, ela esteve ao meu lado, entre os altos e baixos desta jornada. Um agradecimento especial, dedicado para uma pessoa especial! Um grande beijo!

RESUMO

Fundado como uma prática atlética adequada as urgências da emergente burguesia inglesa, o futebol trilhou um extenso caminho desde a sua origem. Com o tempo, ampliou as origens de seus praticantes, se tornou um espetáculo marcado pelos crescentes volumes de torcedores e foi incorporado ao entendimento mercantil, sob o argumento de que a cultura se tornou algo imiscuo ao âmbito econômico. Em virtude do disseminar de objetos técnicos nas dinâmicas futebolísticas, com o transcorrer dos decênios o futebol atravessou consideráveis mudanças, evidenciando que a introdução de inovações técnicas no esporte resultou numa extensa metamorfose na sua dinâmica. Ao dedicar um olhar mais detalhado a influência do fenômeno técnico no processo de formação de jogadores no Brasil, a inauguração do Certificado do Clube Formador (CCF) em 2012 é a maior demonstração desta influência. Desde a instalação do CCF no futebol brasileiro, foram colhidos frutos desta medida legal, como a retomada dos investimentos nas categorias de base, além do aumento do alcance de captação de atletas, que no momento vigente abrange outros países da América do Sul. Contudo, há de se pontuar que estas benesses atreladas ao CCF, ocorrem em parcelas específicas do território nacional, com maior destaque para os principais clubes do país. Tendo isto em mente, o processo de modernização promovido pelo certificado pode ser classificado como conservador, pois somente uma seleta lista de agremiações usufruem do certificado, em detrimento dos demais, que não dispõem da proteção necessária.

Palavras Chave: Formação de Base, Evolução Técnica, Território Normado, Divisão Internacional do Trabalho

ABSTRACT

Founded as an athletic practice suited to the needs of the emerging English bourgeoisie, football has travelled a long way since its inception. Over time, it broadened the origins of its practitioners, became a spectacle marked by growing volumes of fans and was incorporated into the mercantile understanding, under the argument that culture became something immiscible to the economic sphere. Due to the spread of technical objects in football dynamics, over the decades football has undergone considerable changes, showing that the introduction of technical innovations in the sport has resulted in an extensive metamorphosis in its dynamics. If we take a closer look at the influence of technical phenomena on the process of training players in Brazil, the inauguration of the Training Club Certificate (CCF) in 2012 is the greatest demonstration of this influence. Since the installation of the CCF in Brazilian football, the fruits of this legal measure have been reaped, such as the resumption of investment in the grassroots categories, as well as an increase in the scope for attracting players, which currently includes other South American countries. However, it should be pointed out that these benefits linked to the CCF occur in specific parts of the country, most notably in the country's main clubs. With this in mind, the modernisation process promoted by the certificate can be classified as conservative, as only a select list of associations enjoy the certificate, to the detriment of others, who do not have the necessary protection.

Keywords: Grassroots Categories, Technical Evolution, Normed Territory, International Division of Labour

LISTA DE SIGLAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CCF – Certificado de Clube Formador
CEDECA - Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
CIES - *Centre International d'Etude du Sport*
COI – Comitê Olímpico Internacional
CONAFUT - Conferência Nacional de Futebol
CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol
CT – Centro de Treinamento
FA – *Football Association*
FERJ – Federação do Estado do Rio de Janeiro
FIFA – Federação Internacional de Futebol
FPF – Federação Paulista de Futebol
GLT – *Goal Line Technology*
HD – *High Definition*
IFAB – *International Football Association Board*
LFF – Liga Forte Futebol
LIBRA – Liga do Futebol Brasileiro
MP – Medida Provisória
NFT – *Non-Foundable Token*
RSSSF – *Rec. Sport Soccer Statistic Foundation*
TMS – *Transfer Market Sistem*
UEFA – União das Associações Europeias de Futebol
VAR – *Video Assistant Referee*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Manchete – Jornal dos Sports (1933).....	27
Figura 2: Exposição permanente do Museu do Futebol	37
Figura 3: Exposição 22 em campo - Museu do Futebol.....	38

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Destinos de transferências de futebolistas brasileiros (1930-2015).....	31
Mapa 2: Principais rotas migratórias de jogadores Brasileiros (2024).....	32
Mapa 3: Quantidade de agremiações portadoras do CCF - Novembro/2024.....	69
Mapa 4: Fluxo de jogadores estrangeiros Sub-20 (2012 – 2023).....	74
Mapa 5: Quantidade de jogadores estrangeiros por estado (2012-2023)	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de jogadores transferidos ao exterior (1976 - 2019).....	28
Gráfico 2: Investimentos em categorias de base pelos principais clubes brasileiros (2010-2021)	61
Gráfico 3: Quantidade de Clubes portadores do Certificado de Clube Formador (2012-2024)	64
Gráfico 4: Quantidade de jogadores estrangeiros no Camp. Bras. Sub-20 (2012-2023)	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução da dimensão alcançada por edição da Copa do Mundo	<u>24</u>
Tabela 2: Principais nacionalidades envolvidas em transferências (2011-2020).....	30
Tabela 3: Quantidade de Estrangeiros no Campeonato Brasileiro (2003-2023).....	33
Tabela 4: Valor de Mercado dos Campeonatos Nacionais Sul-Americanos.....	34
Tabela 5: Quantidade de clubes portadores do CCF - por divisão nacional (2024).....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Periodização técnica no futebol.....	43
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
METODOLOGIA.....	15
1 – MERCANTILIZAÇÃO DO FUTEBOL: DO ESPETÁCULO ELITISTA AO PRODUTO DE ENTRETENIMENTO POPULAR.....	18
1.1 – DA INGLATERRA PARA O MUNDO.....	20
1.2 – MERCANTILIZAÇÃO DO FUTEBOL	23
1.3 – OS EFEITOS NO FUTEBOL BRASILEIRO	26
2 – A TÉCNICA NAS QUATRO LINHAS: COMO A INSERÇÃO DOS OBJETOS TÉCNICOS MODIFICARAM AS NORMAS DO FUTEBOL.....	36
2.1 – PERÍODO TÉCNICO DO FUTEBOL.....	46
2.2 - PERÍODO TÉCNICO CIENTÍFICO DO FUTEBOL	48
2.3 – PERÍODO TÉCNICO CIENTÍFICO INFORMACIONAL DO FUTEBOL	51
3 – A MERCANTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE BASE: O PAPEL DESEMPENHADO PELO CERTIFICADO DO CLUBE FORMADOR.....	53
3.1 – O IMPACTO DAS MUDANÇAS NORMATIVAS NAS CATEGORIAS DE BASE	54
3.2 – O SURGIMENTO DO CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR.....	59
3.3 – O TERRITÓRIO NORMADO DO CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR.....	63
3.4 – O PÚBLICO ALVO DO CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR E AS SUAS LOCALIDADES	66
3.5 – A CRESCENTE ATRAÇÃO DE JOGADORES ESTRANGEIROS POR PARTE DAS CATEGORIAS DE BASE BRASILEIRAS	71
CONCLUSÕES.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82

INTRODUÇÃO

Fundado enquanto uma prática atlética adequada as urgências da emergente burguesia inglesa, o futebol trilhou um amplo caminho desde a sua origem, atravessou a ampliação da quantidade e as origens de seus praticantes, passou por um processo de espetacularização marcado pelos crescentes volumes de adeptos que atendem as partidas, que culminou na consolidação do entendimento mercantil perante a sua prática. O alicerce para a habituação da mediação econômica do esporte, reside sob o argumento de que a cultura se tornou algo imiscuo ao âmbito econômico (HAAG, 2013).

O caminho trilhado pelo futebol em direção a hegemonia da perspectiva econômica, somente é percorrido através da intensificação do processo de globalização, que ao promover um acentuado desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, assegura uma maior difusão das tecnologias pelo espaço, e consigo uma maior permeabilidade dos ideais capitalistas no espaço (SANTOS, 2001). De modo simultâneo ao crescimento do mercado, o futebol observou a sua consolidação como um espetáculo de massas, que foi englobado pelo âmbito comercial, através da crescente incorporação de novos objetos técnicos.

Em virtude do disseminar de objetos técnicos nas dinâmicas futebolísticas, com o transcorrer dos decênios o futebol atravessou consideráveis mudanças, sendo a de maior notoriedade a liberalização do mercado vinculado a sua prática profissional. Motivada pela adequação as novas necessidades de um esporte que cada vez mais adota objetos técnicos hegemônicos, o futebol se distancia daquele seu clássico entendimento de ser um esporte renomado pela simplicidade de seus acessórios (MASCARENHAS, 2014).

Diante da internacionalização das fronteiras do futebol e de seus produtos, um vultoso ramo de mercado se inaugurou, e que delineou ainda mais a função desempenhada pelo futebol brasileiro no cenário internacional, a exportação de pé-de-obra¹. Este entendimento, muitas vezes é vinculado ao momento atual do futebol nacional, porém, é algo que já vem de décadas atrás. Com o rápido desenvolvimento das transferências de jogadores de futebol, logo o futebol brasileiro se habituou ao avolumar das transações de futebolistas brasileiros ocorreu em sincronia ao desembarque de sistemas técnicos hegemônicos no país.

Numa tentativa de promover a incorporação dos objetos técnicos no futebol nacional, foram aprovadas uma série de medidas designadas para garantir o incentivo financeiro as

¹ É um termo utilizado nos estudos futebolísticos para se referir a força de trabalho futebolística, os seus jogadores. (SAMPAIO, SOUSA, SILVA, 2023).

categorias de base brasileiras, que no momento de liberalização do mercado de transferências vivenciou um grande baque, devido à falta de salvaguardas normativas. A maioria destas medidas, foram pouco influentes no cenário formativo brasileiro.

Com a chegada do ano de 2012, foi sancionado em 2012 o Certificado do Clube Formador (CCF), m documento esportivo que foi idealizado a partir de um vínculo a uma legislação, elaborada para assegurar o retorno financeiro dos investimentos dispendidos pelos clubes portadores deste documento (POTERIKO, 2022). Perante esta situação, este trabalho buscou compreender como que a incorporação técnica promovida pelo certificado influenciou o cenário formativo nacional, a partir de olhares dedicados ao alcance deste documento, quais mudanças estão atreladas a emissão deste certificado e se este certificado favoreceu o aumento de exportações de futebolistas brasileiros.

Um dos pontos essenciais para a realização deste trabalho, se refere a metodologia utilizada na sua elaboração, que dispõe das contribuições da teoria crítica do espaço para o desenvolvimento de um diálogo teórico entre a geografia e as demais áreas do conhecimento, sob o propósito de entender quais são as implicações territoriais do CCF. No que diz respeito aos dados utilizados, foram usufruídas informações da FIFA, da CBF e de sites de referência. De modo a aproximar com a realidade existente, foi realizada uma entrevista com uma profissional de serviço social, que atua no futebol desde antes da vigência do CCF.

No decorrer dos capítulos, serão abordadas as questões fundamentais para o entendimento do certificado, como a sua origem, qual é o cenário futebolístico no qual este documento foi escrito, e como que a legislação se consolida na realidade. O primeiro capítulo é dedicado a entender qual é o papel desempenhado pelo futebol brasileiro no cenário internacional, a partir de um breve resgate da origem do futebol, o seu desenvolvimento e como que a sua consolidação como produto somente aprofunda a função de exportação.

O segundo capítulo se reserva a abordar como o futebol retrata a materialização da evolução experimentada pelo fenômeno técnico, a partir de seu léxico simbólico, como observado nos uniformes, nas infraestruturas utilizadas, dentre outros pontos. Este trecho do trabalho, tem como intuito desenvolver uma aproximação entre a teoria crítica do espaço com o futebol, de modo a produzir uma interpretação da evolução mercantil do esporte amparada sob o cabedal do fenômeno técnico, sendo este o alicerce teórico do trabalho.

Já o terceiro foi escrito para evidenciar as mudanças legais atreladas ao desenvolvimento técnico ocorrido no futebol brasileiro, a partir de uma abordagem dedicada ao cenário das

categorias de base nacionais. Durante esta parcela do texto, as mudanças legislativas serão esmiuçadas, tanto no que concerne ao texto legal, quanto concerne ao seu impacto no futebol brasileiro. Ao final do capítulo é abordado o momento de assinatura do Certificado de Clube Formador (2012 - 2024),

O quarto capítulo é dedicado a problematizar os impactos do CCF no futebol brasileiro. Sua escrita foi elaborada para que o documento atue como uma medida voltada a modernização das infraestruturas nacionais destinadas a formação de atletas, algo que realmente ocorreu, uma vez que os investimentos escalaram de pouco menos de 60 milhões de reais em 2010, para pouco mais de 300 milhões em 2021 (XP, ITAU, 2015, 2021). Portanto, desde a instalação do CCF no futebol brasileiro, foram colhidos frutos desta medida legal, como a retomada dos investimentos, e o aumento do alcance de captação de atletas, que no momento vigente abrange outros países da América do Sul.

Contudo, há de se pontuar que estas benesses atreladas ao CCF, ocorrem em parcelas específicas do território nacional, com maior destaque para os principais clubes do país. Deste modo, a modernização se consolida na dinâmica do futebol nacional para uma seleta lista de agremiações, fortalecendo os seus portadores, em detrimento dos demais, que não dispõem da proteção necessária. Dito isto, este trabalho busca entender como que o CCF influencia a dinâmica formativa brasileira, a partir de um olhar voltado a sua interferência no volume de investimentos, de vendas de atletas ao exterior, e ao aumento do horizonte espacial de captação.

METODOLOGIA

No decorrer desta seção do trabalho, serão descritas a relação de materiais e métodos utilizados na sua elaboração, de modo a proporcionar ao leitor uma compreensão mais precisa sobre os instrumentos, fontes e bibliografias presentes na construção desta análise. Visando prover maiores detalhes acerca dos meios empregues, os âmbitos teórico e empírico serão abordados separadamente, começando pelos referenciais metodológicos usados nesta pesquisa.

Um dos pontos fundamentais para o desenvolvimento da análise aqui proposta, é o referencial metodológico utilizado. Esta investigação adotou como alicerce metodológico para o seu desenvolvimento, as contribuições feitas por autores da teoria crítica do espaço, como se pode observar pelo emprego da técnica para entender a evolução do espaço. A partir do método escolhido, foi realizada uma ampla revisão de literatura, que fundamentou a interpretação geográfica aqui demonstrada, por meio das contribuições teóricas de renomados geógrafos, como: Milton Santos, *María Laura Silveira*, Ricardo Mendes Antas Jr., Gilmar Mascarenhas, Patrícia Volk Schatz, *Cristopher Gaffney*, *Hervé Thery*, dentre outros.

No que diz respeito às produções referentes ao âmbito futebolístico, também foi realizado um resgate teórico amplo, uma vez que os estudos sobre futebol são balizados por contribuições multidisciplinares providas por obras da Antropologia, Direito, Economia, Educação Física, História, etc. Autores como: Marcos Alvito, Fernanda Haag, Ivan Furegato, Arthur Sales, *Borja García*, Wagner Barbosa Matias, Carmen Rial, *Pierre Lanfranchi*, *Matthew Taylor*, Irlan Simões, Arlei Damo, *David* e *Peter Kennedy*, Daniel Destro, Álvaro Mello Filho, Marcelo Proni, *Richard Giulianotti*, dentre outros, foram essenciais para compreender as transformações ocorridas no esporte, tanto na sua prática, quanto nos demais campos.

Esta extensa revisão de literatura tem como principal empenho garantir uma interlocução entre os referenciais geográficos, que balizam esta investigação, com os subsídios científicos fornecidos por uma miríade de disciplinas sobre o futebol. A partir deste diálogo teórico se desenvolve esta análise, ao incorporar as contribuições do conhecimento geográfico aos trabalhos acadêmicos que abordam o futebol.

No que tange a relação de informações utilizadas neste trabalho, torna-se necessário detalhar quais foram os dados empregues e as suas fontes. O elenco de dados utilizados é amplo, se estendendo desde dados econômicos, passando por dados futebolísticos, dados históricos e até relatos de profissionais da área.

A respeito dos dados econômicos exibidos no trabalho, estas informações foram obtidas a partir de quatro fontes distintas. Aquelas informações relativas à evolução da dimensão econômica da Copa do Mundo, foram disponibilizadas pelos relatórios econômicos das edições da competição, situados no site da FIFA dedicada a documentos oficiais². Sobre as quantias movimentadas pelas transferências de jogadores brasileiros ao exterior, entre os anos de 1995 e 2023³, este dado foi encontrado no site do Banco Central do Brasil. Finalizando as informações econômicas, os dados referentes a evolução dos investimentos despendidos nas categorias de base⁴ (2011 - 2023), foram obtidos a partir dos relatórios Itaú BBA (2015 e 2021) e Convocados XP (2021).

Quanto aos dados utilizados na discussão acerca da evolução técnica experimentada pelo futebol, foi necessário a consulta de uma ampla gama de bibliografias, sites, textos legais, além das várias versões da regra do jogo, do qual se notabilizam o livro de minutas da *Football Association* (livro verde do futebol), a circular nº 769 da FIFA, o site *Worldcupballs.com*⁵, matérias do site *SoccerBible*, dentre incontáveis outros⁶.

No que se refere aos dados sobre o volume das transferências de futebolistas brasileiros ao exterior, este trabalho dispôs de duas fontes distintas para sua elaboração, cada uma delas compreendendo um período temporal diferente. A primeira destas fontes é um levantamento próprio, que compreende a quantidade de transferências anuais entre 1973 e 2009, realizado por intermédio de uma compilação de dados presentes em bibliografias consultadas⁷. Já a segunda das fontes utilizadas, se refere a quantidade de atletas transferidos anualmente entre os anos de 2012 e 2023, que se encontra nos relatórios FIFA TMS⁸.

Acerca dos destinos das transferências destes futebolistas brasileiros, foi produzido um levantamento sobre a evolução da sua quantidade com o transcorrer das décadas, de modo a evidenciar o contínuo crescimento das rotas de transferências desde a década de 1930. De modo

² Para acessar a relação de relatórios econômicos da FIFA – acessar: <https://inside.fifa.com/about-fifa/official-documents>

³ Informações obtidas a partir do acesso às tabelas 23617, 23618 e 23619 do Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS) - [SGS - Sistema Gerenciador de Séries Temporais \(bcb.gov.br\)](https://sgs.bcb.gov.br)

⁴ O escopo de abrangência ao qual este termo se refere, compreende as quarenta agremiações integrantes da primeira e segunda divisão do campeonato brasileiro de futebol.

⁵ Disponível em: [All you have to know about the FIFA World Cup balls \(1930-2022\)](https://www.worldcupballs.com)

⁶ Figurando no rol de referências consultadas, constam os textos legais de conhecidas legislações brasileiras, como: a Lei do passe (Nº 6354/1976), a Lei Zico (8672/1993), a Lei Pelé (9615/1998), além do estatuto da CBF, e a resolução 01/2019 da presidência da CBF.

⁷ Para a elaboração deste levantamento, foram utilizadas as seguintes obras: (LANFRANCHI & TAYLOR, 2001); (ALVITO, 2006); (COELHO, 2009) e (SCHATZ, 2017).

⁸ Para mais informações, acessar o site: <https://inside.fifa.com/legal/football-regulatory/player-transfers>

similar aos levantamentos supracitados, este foi realizado a partir de uma compilação de informações existentes em destacadas referências teóricas sobre o futebol.

Para além destes dados econômicos presentes na dissertação, o trabalho também usufruiu de uma série de informações relativas as categorias de base brasileiras para a sua elaboração. O elenco de informações aqui utilizados remete a quatro fontes distintas, sendo cada uma delas responsável pelo aprofundamento em um tema específico. No que se refere a quantidade de postos de trabalho presentes no futebol brasileiro, esta informação está disponibilizada em relatórios do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA) e pelo estudo – Impacto do Futebol Brasileiro, encomendado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a consultoria *Ernst Young* (EY). No tocante a quantidade de clubes certificados pelo CCF, esta informação foi disponibilizada pela CBF em seu site oficial.

Acerca dos impactos do CCF no cotidiano das categorias de base, estas informações foram obtidas através de uma entrevista com a profissional do serviço social Thaís Toledo, idealizadora da consultoria ACESSOSS. Nesta entrevista, a entrevistada trouxe em seu relato impressões sobre as diferenças entre as categorias de base, antes do CCF e depois do certificado, com base na sua experiência empírica enquanto uma profissional inserida no âmbito futebolístico. Já no que se refere a quantidade de estrangeiros incorporados às categorias de base brasileiras, este importante dado é provido pelo portal O Gol.

Buscando detalhar o cabedal de ferramentas utilizadas na escrita do trabalho, será elencado brevemente os utensílios dispostos por esta investigação. Para a elaboração dos mapas autorais dispostos no trabalho, foi empregado o software QGis, na sua versão 3.16.15, intitulada “*Hannover*”. No que diz respeito ao tratamento de dados e escrita, esta pesquisa utilizou dos serviços providos pelos softwares vinculados ao pacote *Office* do *Windows*.

Portanto, ao possuir tal alicerce, este trabalho busca se somar aos estudos geográficos, ao desenvolver uma análise sobre uma temática pouco abordada nos estudos futebolísticos em geral, que são as categorias de base. De maneira sintética, o CCF tem sua importância no processo de modernização das categorias de base, mas ele traz consigo o aprofundamento das desigualdades já existentes.

1 – MERCANTILIZAÇÃO DO FUTEBOL: DO ESPETÁCULO ELITISTA AO PRODUTO DE ENTRETENIMENTO POPULAR

Originado como uma prática atlética dedicada à emergente burguesia industrial inglesa, o futebol no decorrer dos anos se caracterizou por sua capacidade de transitar entre as mais diversas classes sociais. Corolário das diversas mudanças vigentes na sociedade britânica, a prática do futebol traz consigo a expressão da passagem de uma realidade arcaica para uma moderna, marcada pelo florescer do modelo urbano-industrial (LANFRANCHI, TAYLOR, 2001).

Em sua alvorada, o exercício deste esporte se realizava exclusivamente perante os membros das elites, pois a sua prática era compreendida como uma atividade física adequada para o desenvolvimento corpóreo e cívico daqueles homens pertencentes as elites governantes, na medida em que o futebol exige de seu praticante o vigor físico, a rapidez de raciocínio, dentre outros atributos prestigiados a um bom líder (FRANCO JR., 2007; SIMÕES, 2017).

Diferentemente de outras modalidades, o futebol não possui uma longa ou restritiva relação de equipamentos necessários, uma vez que para o seu exercício não são essenciais equipamentos muito custosos ou elaborados, é preciso um campo pouco esburacado, uma bola mais ou menos esférica, e as balizas podem ser demarcadas com pedras, ou até chinelos (MASCARENHAS, 2014). Através dos anos, por conta da sua enxuta relação de equipamentos, o futebol foi gradativamente sendo aceito como prática esportiva destinada a operários e pessoas menos abastadas, o que proporcionou a sua apropriação pelas parcelas mais humildes da população, conferindo a modalidade o seu célebre âmago popular (MATIAS, 2018).

Tendo em mente tal atributo, foram ampliadas as quantidades e as origens de seus praticantes com o discorrer da industrialização em solo inglês, cada vez mais fugindo daquele arquétipo aristocrático de sua origem, e se aproximando daquela concepção consagrada da convivência entre as pluralidades, que se confrontam num prélio simbólico (DAMO, 2014).

Em razão do contínuo aumento na quantidade de jogadores advindos de segmentos populares, os clubes deixaram de serem compostos somente por estudantes de prestigiosas instituições de ensino, e abraçaram formações constituídas por uma gama mais ampla de setores da sociedade, desde membros da classe média, passando por comunidades religiosas, operários⁹, e se difundindo pelas demais populações (KARAK, 2017).

⁹ No que se refere a clubes ingleses de origem operária, podemos indicar algumas agremiações, como o *West Ham*,

A medida em que o desporto foi se democratizando, os confrontos amistosos entre equipes foram se propagando, inflamando o espírito competitivo entre as agremiações. Na esteira desse processo, as responsabilidades atribuídas a *Football Association*¹⁰ (FA) se multiplicaram, deixando de ser somente a padronização das regras fundantes do futebol (FOOTBALL ASSOCIATION, 2025), para assumir cada vez mais um caráter administrativo da modalidade. A tão sonhada idealização de uma competição entre clubes ingleses, se tornou uma realidade em 1871, com a criação da mais antiga competição ainda em disputa, a Copa da Inglaterra¹¹ (*FA Cup*).

Inicialmente, este certame buscava coroar a melhor equipe dentro do elenco de agremiações vinculadas a FA. Todavia, como nas suas primeiras edições muitas equipes vinculadas a instituições de ensino povoaram os participantes, a *FA Cup* simbolizava uma disputa entre os clubes pertencentes as elites inglesas. Com o decorrer das edições, este número de equipes da elite gradativamente foi diminuindo, conforme o número agremiações operárias filiadas à FA aumentava.

Em virtude da multiplicação de peijas entre clubes operários e elitistas, logo despontou um considerável debate acerca da essência amadora do futebol, uma vez que as equipes operárias ofertavam condições especiais, como: recompensas econômicas veladas (conhecido como bicho no futebol brasileiro), e a garantia de um emprego de fachada para esses atletas, de modo em que tais jogadores pudessem plenamente desempenhar suas habilidades em campo, sem as restrições físicas características do trabalho braçal.

Conforme os anos, o tradicional entendimento do futebol como um lazer educativo praticado por atletas amadores (*sportsman*) foi sendo diluído numa crescente realidade que reconhecia no futebolista uma profissão a ser remunerada, evidenciando a iminente ruptura com tais raízes amadoras e elitistas fundantes do jogo (GUTERMAN, 2014; SIMÕES, 2017). Este rompimento se tornou algo muito relacionado somente às quatro linhas, contudo, não foi algo somente restrito a elas, pois comoveu importantes transformações tanto no aspecto organizativo

Manchester United, Arsenal, Blackburn Rovers (Antigo *Blackburn Olympic*), *Liverpool*, dentre muitos outros.

¹⁰A *Football Association* é a entidade responsável pela redação das regras fundantes do futebol, ocorrida no ano de 1863. Sua importância perante o futebol não se restringe somente a codificação da prática, uma vez que a entidade em questão também é fundadora do *International Football Association Board* (IFAB), que é o conselho pelo qual é delegado a responsabilidade de alterações nas regras aplicadas no futebol. Conforme o poder político da FIFA foi se consolidando, a FA restringiu seu papel a administrar o cenário futebolístico inglês, porém, esta instituição ainda hoje é uma das mais importantes dentro do esporte.

¹¹A Copa da Inglaterra é o torneio de futebol mais antigo do mundo, totalizando 143 edições em 154 anos. Em virtude da primeira e segunda guerras mundiais, os intervalos de 1915 até 1919 e de 1939 até 1945 não foram realizadas edições da competição.

dos clubes, marcado pela consolidação de membros da elite nestes cargos, já que a áurea aristocrática da sua prática tinha se esvaído (MASCARENHAS, 2014; SIMÕES, 2017). Quanto ao que se refere ao modo em que o clube encara o seu papel enquanto instituição, deixando para trás o apelo elitista da vida associativa, para adotar um posicionamento voltado para a busca da glória desportiva (MASCARENHAS, 2014).

A adoção do profissionalismo no futebol, possibilitou que o esporte deixasse de ser uma prática de cunho aristocrático, para que se convertesse num promissor espetáculo esportivo (MASCARENHAS, 2014), que a cada fim de semana que passava, contava com uma maior multidão de espectadores. Um dos mais manifestos frutos da adoção deste modelo organizativo do desporto, é a cobrança de ingressos para testemunhar as partidas. Tal ação foi implementada como um meio para manter as economias das agremiações e federações futebolísticas, representando o primeiro passo a adentrar o circuito da mercadoria.

1.1 – DA INGLATERRA PARA O MUNDO

O despontar da revolução industrial na Inglaterra, propiciou ao império britânico uma pujança econômica ímpar, pois ao se consolidar como a primeira nação marcada por um fenômeno industrial, os ingleses puderam desfrutar de relações econômicas muito favoráveis aos súditos da coroa britânica. Em virtude deste pioneirismo nas atividades secundárias, o protagonismo inglês foi ganhando concorrentes, e numa tentativa de manter a sua relevância internacional o reino unido buscou uma ampliação de seus mercados consumidores, como uma maneira de evadir a estagnação de suas produções industriais.

Conforme o império britânico expandia seu horizonte de influência, não tardou para que a Inglaterra se consolidasse como um expoente da sociedade urbano-industrial, ao difundir pelo globo suas tecnologias, via exportações de maquinários, sua dominância econômica, via tratados, chegando até seus costumes culturais, como é o caso do futebol. A difusão internacional do futebol está diretamente atrelada ao crescimento econômico inglês, pois o futebol usufruiu das principais redes de suporte comercial do império para introduzir um fenômeno cultural vinculado a emergente sociedade industrial inglesa (FRANCO JR., 2007; MASCARENHAS, 2014; MATIAS, 2018).

Tendo isto em mente, o desembarque do futebol nos demais países do globo não ocorre de maneira coincidente, a sua expansão emula a distribuição espacial dos principais mercados de consumo de bens ingleses. Conforme as relações comerciais entre os países iam se

intensificando, um maior fluxo de operários, marinheiros e estudantes britânicos aportavam, o que favoreceu o contato com o esporte. Não à toa, o pontapé inicial para muitos dos cenários futebolísticos destes países foi realizado em cidades portuárias, como se observa no trecho abaixo de Simões (2017, p.52).

(...) as cidades portuárias (...) serão privilegiadas nesse processo (...). O *Le Havre* (1872), da França; o *Quilmes*, da Argentina (1887) e o *Huelva*, da Espanha (1889), nascem em anos muito próximos, possivelmente os primeiros clubes criados especificamente para o futebol fora da Inglaterra, não à toa, fundados por britânicos emigrados. Juntos ao português Porto (1893), são os únicos clubes de futebol não britânicos na lista dos mais antigos do mundo.

Fundamentado sob a expansão econômica do império britânico, o futebol vivenciou o seu primeiro ímpeto de globalização a partir do desembarque da modalidade em países Europeus e Sul-Americanos. O crescimento do alcance territorial da prática futebolística, foi experienciado de maneira semelhantes nos países Europeus e da América do Sul, sendo o seu início marcado por dois perfis característicos de clubes. O primeiro deles, se refere aos clubes ligados a população inglesa presente no local. Já o segundo perfil, diz respeito as agremiações formadas pelas elites locais, que não discriminavam uma única nacionalidade participante, mas que via a criação de clubes como uma maneira de adequar os seus hábitos a uma realidade urbana-industrial (LANFRANCHI & TAYLOR, 2001; GUTERMAN, 2014).

Sem tardar, o ímpeto competitivo existente começou a prevalecer na relação entre as agremiações, que logo ansiavam pela realização de partidas amistosas, de modo a delimitar esportivamente qual clube detinha da melhor equipe futebolística. O fruto desta situação, foi a emergência de diversas federações nacionais em países europeus e sul-americanos, sob o argumento de que estas entidades seriam as responsáveis pela organização da prática futebolística em seus territórios. Diante desta multiplicação das federações nacionais, a demanda por uma entidade internacional reguladora se tornou evidente, pois cada vez mais se almejava a realização de uma competição recorrente entre os países. Visando sanar esta necessidade, foi criada a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) em Paris, no ano de 1904.

A FIFA é uma entidade importante em demasia para a edificação do futebol como conhecemos, pois superou a influência internacional da *FA* através de três medidas, a primeira delas se refere a adoção do seu cabedal de regras, a segunda delas foi a manutenção da

autonomia do *International Football Association Board* (IFAB)¹², e a terceira delas diz respeito ao seu ímpeto internacionalista, favorável ao tratamento dos mais diversos países como nações iguais entre si juridicamente, algo que a *FA* não utilizava em seu crivo, devido a sua ligação próxima a política do império britânico (ROCHA, 2019).

Como desfecho a esta disputa política, a FIFA se tornou a única responsável pela organização do futebol no mundo. Neste primeiro momento, a FIFA divergiu do Comitê Olímpico Internacional (COI), e abraçou a profissionalização dos jogadores, após numerosas resistências ocorridas. Nos cenários do futebol europeu e sul-americano, inicialmente se manifestou uma resistência à adoção da prática profissional do futebol. Porém, os anseios de manter o futebol enquanto uma prática amadora, não foram bem-sucedidos. Gradualmente as condições para a manutenção do amadorismo foram se esvaindo, o esporte foi se popularizando, até o momento em que se tornou um espetáculo. Para a sustentação deste espetáculo, a recompensa financeira aos praticantes mais habilidosos se mostrou algo inevitável, pois este fato já ocorria de maneira oculta.

Conforme a adoção do profissionalismo foi se consolidando entre europeus e sul-americanos, a FIFA aos poucos formou os alicerces do modelo organizativo vigente do futebol, delegando as suas federações subordinadas (confederações continentais, federações nacionais, e federações regionais) os paradigmas do jogo (PRONI, 2000; GIGLIO, 2013; MATIAS, 2018). Desde meados do século XX, não há grandes alterações no modelo de organização, somente se expande, com a contínua inclusão de países dos continentes Africano e Asiático. Estas nações estão sendo incluídas de maneira tardia a dinâmica futebolística, pois ainda eram reféns do colonialismo inglês e que em muitas das antigas colônias britânicas o esporte não se difundiu, sendo esta falta de interesse causado por características¹³ intrínsecas as formações destes países. Portanto, estas áreas do globo vêm ganhando destaque recentemente, em virtude do seu potencial comercial.

¹² O *International Football Association Board* (IFAB), é um conselho originado na Inglaterra, que é responsável pela elaboração e adequação das regras do futebol. Em 1913, a entrada da FIFA no conselho foi aprovada. Desde então, o IFAB é responsável pela preservação e desenvolvimento das regras vigentes no futebol, que são difundidas aos numerosos países do globo, a partir dos esforços da FIFA (IFAB, 2025).

¹³ Em virtude da maneira em que a colonização inglesa funcionava, em muitas dos antigos territórios coloniais, foram instalados sistemas educacionais à semelhança da educação metropolitana, o que garantiu a incorporação de outras modalidades esportivas pelos colonos, mais notadamente o *Cricket* nos países do sub-continente Indiano, e o *Rugby* na África do Sul, Austrália e Nova Zelândia.

1.2 – MERCANTILIZAÇÃO DO FUTEBOL

Ainda que o desporto tenha se tornado um espetáculo de massas, com um incipiente desenvolvimento do mercado perante sua prática profissional, a mercantilização do futebol não emergiu como o propósito central neste momento, mas sim a competição por títulos entre as agremiações. Esta busca por glória desportiva se justifica, pois, a proporção de mercado dos clubes no período posterior a instalação do profissionalismo, variava segundo o desempenho nas competições, sendo o principal cerne das equipes angariar a maior quantidade de adeptos as partidas, de modo a gerar um maior valor de receita, e então investir em habilidosos vedetes para o esquete se consagrar campeão, não havendo uma perspectiva voltada à obtenção de lucros (PRONI, 2000, MATIAS, 2018).

O caminho trilhado pelo futebol em direção a hegemonia da perspectiva econômica, é inaugurado quando a prática futebolística é compreendida como um meio de divulgação comercial. A partir da incorporação desta perspectiva, os horizontes de receitas dos clubes não se restringem somente a receita de atendimento as partidas, favorecendo um acentuado crescimento deste mercado referente a modalidade, que por meio dessa emergente alteração na dinâmica econômica traz consigo os ideais mercantis a modalidade, alterando importantes aspectos da vivência futebolística, como o próprio campo de jogo, passando pelos uniformes, e chegando até o modo em que os clubes encaram seus torcedores.

Esta mudança no entendimento econômico, tem no desenvolvimento dos meios de comunicação um importante subsídio. Conforme o processo de globalização foi se intensificando, os meios de comunicação experimentaram um acentuado desenvolvimento tecnológico, por conta da maior fluidez de informações promovidas pelos modais televisivo e da internet, em comparação ao rádio. À medida que estas tecnologias hegemônicas se tornaram acessíveis, os principais veículos midiáticos incorporaram tais tecnologias, possibilitando um maior leque de opções para o crescimento do mercado (SANTOS, 2001). Um dos ramos que foram englobados pela lógica de mercado foi o âmbito do futebol, que se tornou uma mercadoria quando o modal televisivo proporcionou a sua comercialização, pela via das transmissões de suas competições (JAMESON, 2006; HAAG, 2013).

Diante desta circunstância, a ocorrência de uma mudança política na FIFA foi essencial para a fundação do alicerce ao nascimento do futebol-espetáculo, Através da nomeação do brasileiro João Havelange que, as medidas impostas pela FIFA as suas instituições associadas eram elaboradas para gerenciar e regular a expansão internacional deste espetáculo do

entretenimento (PRONI, 2000; ROCHA, 2019).

No decorrer do período no qual Havelange foi o presidente da FIFA, a entidade arquivou em seu passado a sua característica predileção pelo continente europeu, e destinou o seu foco a expandir o alcance comercial do futebol. Através de uma campanha política, pautada em assegurar uma globalização definitiva da FIFA, João Havelange contou com o apoio político de países periféricos, como aqueles integrantes do Oriente Médio, África e Ásia, que clamavam por maior desenvolvimento da modalidade em seus domínios (ROCHA, 2019).

Para tanto, a instituição máxima do futebol viu a comercialização do esporte como um meio para a viabilização da integração destes países no cenário futebolístico (GIGLIO, 2013; ROCHA, 2019). A partir da comercialização do seu principal campeonato, a Copa do Mundo, a FIFA sinalizou o caminho a ser tomado pelo mercado futebolístico: a transformação das competições futebolísticas em produtos de entretenimento, por intermédio da venda dos direitos de transmissão do certame, conforme demonstrado na tabela 1.

Tabela 1: Evolução da dimensão alcançada por edição da Copa do Mundo

Ano	Audiência Televisiva (Cumulativas)	Direitos de Transmissão (Valor em US\$)	Receitas Geradas (Valor em US\$)
1982	-	49,65 Milhões	69,1 Milhões
1986	13,5 Bilhões	62,83 Milhões	77,3 Milhões
1990	26,6 Bilhões	140,58 Milhões	-
1994	32,1 Bilhões	170,18 Milhões	-
1998	24,7 Bilhões	192,37 Milhões	465,4 Milhões
2002	28,8 Bilhões	1,35 Bilhões	1,4 Bilhões
2006	26,2 Bilhões	1,59 Bilhões	2,8 Bilhões
2010	26 Bilhões	2,80 Bilhões	3,65 Bilhões
2014	117,4 Milhões*	2,63 Bilhões	4,8 Bilhões
2018	57,7 Bilhões	3 Bilhões	5,3 Bilhões
2022	-	-	-

Fonte: Elaborado com base em: (Fett, 2020; Relatórios da FIFA; FIFA.com e Relatório Comitê França 98)

Desde então, o futebol recebe a alcunha de “esporte das multidões”, tanto por conta das amplas quantias de torcedores mobilizadas, quanto por conta da quantidade de espectadores atingidos. Para além deste apelido carinhoso, o esporte convive com recorrentes adequações em

suas infraestruturas para acomodar as tecnologias adequadas para sua comercialização, desde obras nos estádios, passando pela introdução de maiores quantidades de câmeras de alta resolução, e chegando até a incorporação de sensores nas bolas dos jogos.

Não à toa, experienciar uma partida de futebol vem se tornando paulatinamente uma atividade cada vez mais marcada pelo liame capitalista, a partir da observação de placas de publicidades, uma ampla oferta de patrocínios nas camisas das agremiações, intervalos comerciais, sem contar a comercialização de outros artigos oficiais da agremiação em questão (GIULIANOTTI, 2002). Por conta desta incessante introdução de objetos tecnológicos, nas últimas décadas a prática futebolística se consolidou como um dos principais produtos da vultosa indústria do entretenimento (KENNEDY, KENNEDY, 2016), movimentando grandes quantias de capitais em seu circuito espacial produtivo.

Esta proeminente escalada dos fluxos econômicos vigentes no esporte, suscitou a obsolescência de inúmeros aspectos normativos deste desporto, que no decorrer dos tempos se tornaram entraves para a fluidez plena dos capitais vinculados ao mercado futebolístico. Mesmo com a consolidação de importantes mudanças para o desenvolvimento de ramos no mercado do futebol, uma instância que ainda mantinha um conjunto legal ultrapassado era o que versava sobre as transferências de jogadores, pois a regulamentação utilizada pela FIFA, até meados da década de 1990, ainda era baseado no modelo inglês de ressarcimento pela transação de um atleta registrado na federação sob a autorização do clube detentor do registro (FURMSTON, 1964; LANFRANCHI & TAYLOR, 2001).

Em virtude da desarmonia causada por essa rigidez normativa num período de proeminente crescimento do mercado, os clubes de futebol e as nascentes ligas nacionais não estavam satisfeitas com a pequena possibilidade de transações. Com a vitória de *Jean-Marc Bosman* perante a ação judicial¹⁴ movida contra a União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) no ano de 1995, ocorreu uma significativa reformulação do mercado de transferências de jogadores de futebol, uma vez que a lei oriunda deste imbróglio (Lei Bosman¹⁵), assegurou a liberalização do mercado de jogadores de futebol. Esta considerável mudança se consolida para otimizar um mercado, através da assinatura de legislações adequadas às necessidades de

¹⁴ O belga *Jean Marc Bosman*, é o mais notável dos casos acerca de irregularidades perante o sistema de transferência vigente até o ano de 1995. Todavia, este não foi o único caso de desacordos com o processo legal, havendo casos na Espanha, Inglaterra, França, dentre outros países (GARCÍA, 2016). O caso “Afonsinho” é um representante deste choque de interesses na realidade do futebol brasileiro da época.

¹⁵ O acórdão Bosman, é o nome dado a legislação decorrente da resolução do processo C-415/93, realizado no Tribunal de Justiça Europeu. Para mais detalhes sobre o documento, acessar: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:61993CJ0415>

alavancar os fluxos econômicos (SANTOS, 2006; GARCÍA, 2016).

Ao lançar um olhar mais atento sobre as transferências internacionais de jogadores de futebol, há de se ressaltar a dimensão que este segmento do mercado futebolístico tomou a partir da sua liberalização. Com o encerramento de mais uma janela de transferências de futebolistas, esta pujança financeira citada se comprova, uma vez que entre os meses de junho e setembro, movimentou-se uma quantia total de 4,5 bilhões de euros, aproximadamente 23 bilhões de reais (LOIS, 2022), um valor expressivamente superior aos 104,4 milhões de euros movimentados na última janela antes da Lei *Bosman* (TABLEAU, 2013).

1.3 – OS EFEITOS NO FUTEBOL BRASILEIRO

Durante o percorrer das décadas, o futebol vivencia um extenso processo de mercantilização da modalidade, marcado pela gradual incorporação de ideais pertencentes ao mercado nos diversos aspectos referentes ao cenário futebolístico. Este contínuo processo ocorre atrelado ao desenvolvimento tecnológico agregado ao futebol, uma vez que estas novas tecnologias proveram novas oportunidades de mercado. É sob esta conjuntura que as alterações normativas se sucedem, tanto no âmbito internacional, quanto no âmbito nacional, não sendo diferente para a dinâmica futebolística brasileira.

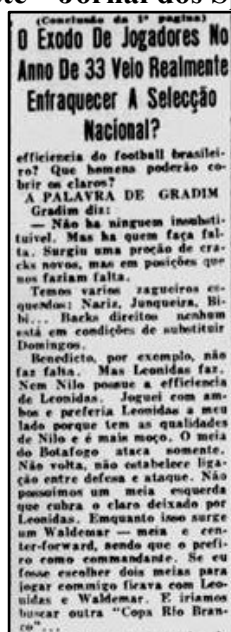
Dentre os numerosos aspectos intrínsecos ao futebol nacional afetados pela contínua mercantilização do futebol, a questão das transações de jogadores emerge como o principal prisma de análise sobre as influências no cenário brasileiro da transformação do futebol em um produto comercial. Portanto, para compreender em maior minúcia os efeitos desta mercantilização, se faz necessário dispender um olhar mais atento acerca da relação existente entre o papel exercido pelo futebol canarinho e as normas regulatórias desta atividade, caracterizadas por serem legisladas por instituições privadas monopolistas, bem distante do parâmetro dos Estados-Nações (ANTAS JR, 2005, ROCHA, 2019).

Diferentemente do período vigente, a alvorada do futebol no Brasil dispunha de diversas qualidades únicas ao seu momento histórico, porém, uma qualidade que aproxima ambos os períodos é a disposição de condições favoráveis as transferências de jogadores, uma vez que até o ano de 1933 o profissionalismo¹⁶ do futebol no Brasil não era uma realidade (DAMO,

¹⁶A adoção do profissionalismo se concretizou em cadências desiguais pelos países, ocorrendo primordialmente na Inglaterra em 1885, sendo adotado pela FIFA em 1926 (SIMÕES, 2017), e somente se efetivando no Brasil em 1933. O ano de 1933 é tomado como referência do profissionalismo no Brasil, em virtude do acordo feito entre a Federação Paulista de Futebol (FPF) e a Federação do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), pelo ressarcimento em

2004). Em vista desta situação, a ausência de uma legislação do tipo no país favoreceu a uma ampla sangria de talentos, que buscavam o futebol Argentino e Uruguaio como alternativas para prosperarem como profissionais. Em menores volumes, transações para Espanha, França e Itália ocorreram, mas poucos se sucederam nestes países, devido à dificuldade de comunicação com o Brasil, em conjunção a adversidades de adaptação (LANFRANCHI, TAYLOR, 2001). Tendo isto posto, mesmo à época o volume de atletas transacionados ao exterior já ganhava a atenção dos torcedores e mídia especializada, conforme se observa na figura 1.

Figura 1: Manchete – Jornal dos Sports (1933)



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Situado o profissionalismo no cenário futebolístico brasileiro, transações ao exterior em busca de melhores condições trabalhistas foram se tornando rarefeitas, em virtude do crescimento da espetacularização dos prélios no âmbito nacional. Neste período, entre as décadas de 1940 e 1950, transferências ao continente europeu arrefeceram devido a segunda guerra mundial, combinado com o fato de que a instância do país não valia a pena, já que o futebol europeu não significava um incremento em competitividade. Apesar das transações a Europa não serem tão recorrentes, um novo destino aos atletas emergiu no início dos anos 1950, personificado na *Liga Di Mayor* da Colômbia, que dispunha de vultosos capitais para investimentos em jogadores, ainda que fosse considerada ilegal pela FIFA. Em razão dos

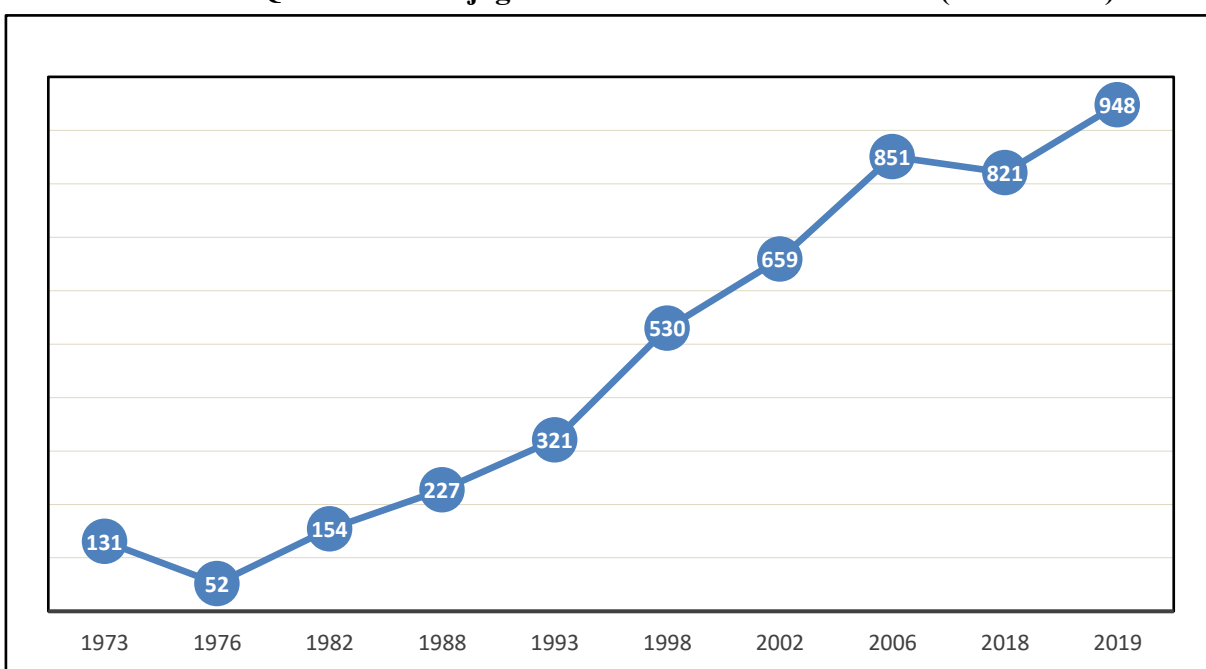
caso de transferências de atletas. Apesar de contar como o marco do profissionalismo no país, não se pode mensurar o impacto nacional desta medida, uma vez que à época a comunicação entre estados não era tão pronunciada (DAMO, 2004).

grandiosos salários, em conjunção com o momento delicado no continente europeu, o princípio da década de 1950 foi um dos poucos períodos em que clubes sul-americanos dispunham da condição econômica para contratar grandes jogadores europeus.

Conforme a década de 1970 foi se desenrolando, o futebol observou a aurora das transmissões televisivas, proporcionando a conjuntura ideal para a mercantilização da prática futebolística, visto que a maior admissão de objetos tecnológicos utilizados para garantir a veiculação do desporto, trouxe consigo uma ampliação dos fluxos econômico existentes, que gradualmente foram pondo em xeque as legislações desportivas vigentes. Não à toa que, já neste decênio, se multiplicavam as críticas¹⁷ a assinatura da Lei do Atleta Profissional - Lei 6354/1976 (Lei do Passe), que finalmente consolidou, em forma de texto legal, uma prática consagrada entre as agremiações nacionais, mantendo em voga um modelo legal que iniciava a sua caminhada ao anacronismo.

Mesmo com a manutenção de um mecanismo legal mais restritivo, o seu argumento central cada vez mais não se mostrava capaz de manter os talentos do país no futebol nacional, conforme se observa no gráfico 1.

Gráfico 1: Quantidade de jogadores transferidos ao exterior (1976 - 2019)



Fonte: ALVITO, 2006; SCHATZ, 2018

¹⁷ O documentário - Passe Livre (1974), dirigido por Oswaldo Caldeira e roteirizado por Almir Luiz, traz em seus 73 minutos, uma compilação de críticas do período destinadas a lei do passe. A principal das críticas apresentadas é destinada a “servidão” do jogador à agremiação que detêm o seu passe. Para mais detalhes, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=VzLuq779cCY>

Durante os 22 anos de atuação da lei do passe, o que se observou foi que este mecanismo legal não foi efetivo em conter a tendência de crescimento das transferências de jogadores de futebol brasileiros ao exterior, por mais restritivo que fosse. Logo nos primeiros seis anos de instalação da lei, a quantidade de jogadores transferidos a países estrangeiros aumentou de 52 transações em 1976 para 156 no ano de 1982 (ALVITO, 2006).

Apesar do mecanismo legal vigente, ser algo muito incômodo para os atletas e para as agremiações brasileiras, este somente foi modificado a partir dos desdobramentos do Caso Bosman. Em resposta a este caso, a Lei Pelé (9615/1998) foi assinada, carregando consigo a pecha de “modernizar” o futebol nacional, pois a manutenção do passe no cenário futebolístico brasileiro era uma antiguidade não condizente ao desenvolvimento tecnológico existente. Ao referendar a Lei Pelé, o futebol brasileiro assumiu que o passe estava abolido, o que significou o fim de contratos abusivos por parte das agremiações, porém, ao mesmo tempo significou a liberalização do mercado de transferências brasileiro.

Sob esta conjuntura de liberalização das transferências de futebolistas, a chancela da Lei Pelé trouxe a possibilidade de mudanças a dinâmica organizativa do futebol brasileiro, como uma administração mais profissionalizada do futebol, por meio do modelo de Clube-Empresa; melhores condições normativas para a formação de base, viabilização de criação de ligas nacionais ou regionais administradas por entidades próprias, além de outras mudanças. Apesar de propor numerosas mudanças, elaboradas com o intuito de propiciar a modernização do futebol brasileiro, o que observamos na realidade de sua implantação foi somente a consolidação do seu papel de exportador de pé de obra (HELAL, GORDON, 2002; ALVITO, 2006, REIS, 2013). Função esta, que não se caracteriza como algo recente, proporcionado somente pela assinatura desta lei, conforme observado neste trecho da revista Placar (1994, p. 66):

A penúria da economia e a incompetência dos cartolas sempre fizeram do futebol brasileiro presa fácil das moedas estrangeiras. Não é por acaso que o Brasil ostenta a condição de maior exportador mundial de jogadores. Segundo boletim da FIFA, o país lidera o ranking de exportação de futebolistas há 44 anos, desde 1950.

No período subsequente a chancela da Lei Pelé, o futebol brasileiro vivenciou uma explosão nos volumes de atletas exportados, como se observa na tabela 2.

Tabela 2: Principais nacionalidades envolvidas em transferências (2011-2020)

País	Quantidade total de Transferências – Envolvendo Nacionalidades	Quantidade Total de Transferências Diretas ao Exterior
Brasil	15.128	7.284
Argentina	7.444	4.346
Reino Unido	5.523	4.617
França	5.027	4.025
Colômbia	4.287	2.756
Espanha	3.922	4.448
Nigéria	3.793	1.903
Sérvia	3.576	2.173
Uruguai	3.341	2.320
Gana	2.848	1.533

Fonte: Relatório FIFA TMS 2021

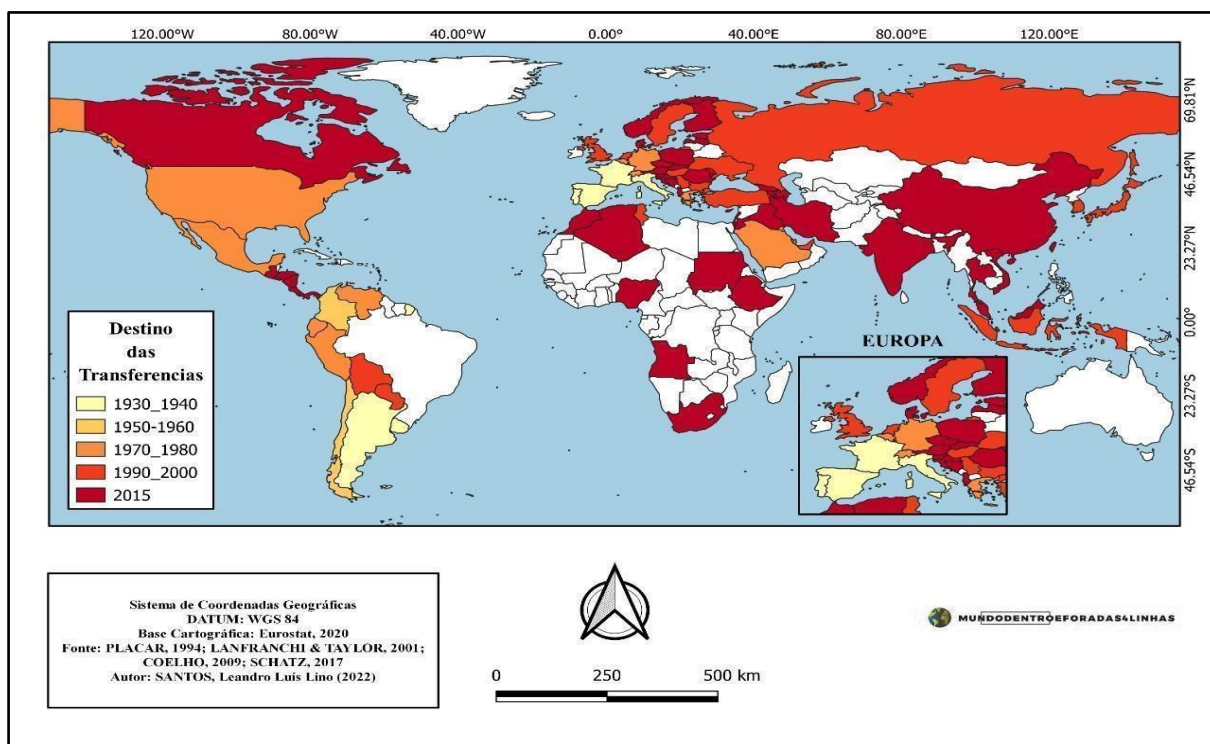
Entre os anos de 2011 e 2020, o Brasil aprofundou o seu papel hegemônico no mercado de transferências de jogadores. Durante o período mencionado, um total de 15.128 atletas brasileiros participaram de transações entre clubes, no qual 7.284 jogadores foram transferidos diretamente ao exterior por um clube brasileiro, a partir de uma operação de venda (FIFA, 2021). Figurando na segunda posição da tabela, vem a Argentina, que conta com um total de 7.444 atletas envolvidos em transações, sendo deste total 4.346 jogadores transferidos diretamente ao exterior por um clube Argentino (FIFA, 2021). Em terceiro lugar, se encontra o Reino Unido, que transacionou um total de 5.523 jogadores, dos quais 4.617 foram diretamente envolvidos em transferências ao exterior (FIFA, 2021).

No que se refere a transferências de jogadores, o Brasil é de longe o maior expoente deste mercado. Somente o valor de atletas diretamente transferidos ao exterior, é uma quantia que suficientemente ocuparia a segunda posição desta tabela. A respeito da quantidade total de jogadores transacionados, o país dispõe de um volume mais amplo do que a combinação dos valores dos dois próximos colocados (FIFA, 2021).

Uma parte do total de jogadores envolvidos em transferências, irão desfilas suas habilidades nos mais prestigiosos campeonatos do mundo. Todavia, uma boa parte deles percorrerão um destino muito menos comum, passando por países com mínima tradição no

futebol. Estas rotas menos usuais de transferências de jogadores evidenciam o crescimento do mercado futebolístico no mundo, ao mesmo tempo em que se observa a consolidação do papel exportador de pé-de-obra do futebol brasileiro. Não à toa que, com o passar das décadas, se observa um crescimento concomitante entre os novos mercados do futebol e um aumento na relação de países que recebem atletas brasileiros, conforme observado no mapa 1.

Mapa 1: Destinos de transferências de futebolistas brasileiros (1930-2015)



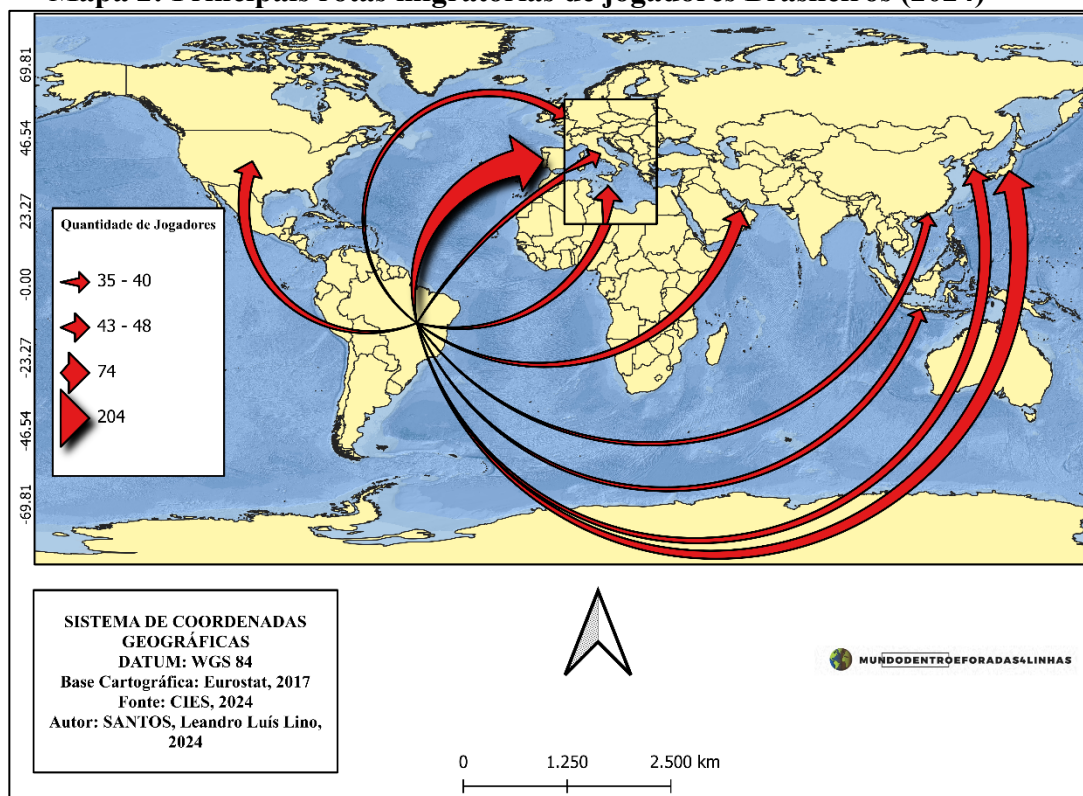
Fonte: PLACAR, 1994; LANFRANCHI & TAYLOR, 2001; COELHO, 2009; SCHATZ, 2018

Ao longo das décadas de 1930 a 1970, o horizonte de destinos para transferências cresceu de maneira gradual, adicionando algumas nações menos habituais para o repertório de transferências, como Arábia Saudita, México, Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, entre outros países. No decorrer da década de 1990, o volume de transações já vinha aumentando, então quando há a assinatura da Lei Pelé, o horizonte de destinos às transferências de futebolistas brasileiros vivenciou uma explosão, agregando uma ampla quantia de nações à coletânea de países envolvidos em transferências, alcançando em 2015 um total de 82 nações diferentes (SCHATZ, 2018).

Com a liberalização das transferências, o futebol cada vez mais expressa o fenômeno da globalização, com a promoção da internacionalização das fronteiras e dos produtos. Um vultoso ramo de mercado se inaugurou, e que delineou ainda mais o principal papel desempenhado pelo

futebol brasileiro, o fornecimento de pé-de-obra. Em virtude desta ampliação dos mercados, o elenco de qualidades exigidas de um atleta também observa uma variação, estas variações nas valências demandadas são importantes variáveis para compreender as principais rotas migratórias dos futebolistas brasileiros, como se observa no mapa 2.

Mapa 2: Principais rotas migratórias de jogadores Brasileiros (2024)



Fonte: CIES, 2024

Dentre os principais destinos a jogadores de futebol brasileiros, Portugal emerge como o primeiro na lista, uma vez que a viagem para terras lusitanas representa uma ótima oportunidade para jogadores promissores que, em muitos dos casos, dispõem de uma idade reduzida, situada entre 18 e 23 anos. A preferência por Portugal, em detrimento de Itália (7ª rota de imigração) e Inglaterra (9ª rota de imigração), que também buscam um perfil de jogador semelhante, ocorre por conta da familiaridade com o idioma, que assusta muito menos do que a viagem para nações estrangeiras não lusófonas (CIES, 2024). Além do fato de que, a transferência para um time português, significa uma adaptação mais amigável ao nível de competitividade, o que favorece um desempenho melhor, uma vez que se o jogador for bem, pode ser transferido para as principais ligas do mundo. Mas, se desapontar ainda existe uma relação grande de clubes interessados no Brasil.

Em segundo e no terceiro lugar, figuram Japão e Coreia do Sul, respectivamente. Ambos os países asiáticos dispõem de um perfil semelhante, os clubes de ambas as nações buscam jogadores experimentados, mas que ainda disponham de carreiras longevas. Ambos buscam jogadores que tenham talento, mas que não são abordados por clubes europeus. Em ambas as ligas, são ofertados campeonatos competitivos e com salários consideráveis. Claramente é um perfil diferente, mas que atrai grandes quantidades de jogadores.

Já sobre Malta, Hong Kong, os Emirados Árabes Unidos e Indonésia, o perfil de jogador que interessa aos clubes destes países, se refere a um jogador que não se encontra mais no auge físico, figurando no terço final de sua carreira. Mesmo assim, são jogadores talentosos, que podem fazer falta no cenário nacional, mas que preferem tais mercados por conta da pressão diminuta e dos salários astronômicos.

O que se pode observar é que o futebol brasileiro é um notório exportador de jogadores ao exterior. Todavia, o que se pouco aborda é o fato de que o futebol brasileiro se consolidou como um destino necessário para o desenvolvimento de promessas do futebol sul-americano, sendo cada vez mais comum o fluxo de jogadores estrangeiros às agremiações brasileiras.

Gradualmente os clubes brasileiros vêm incorporando mais e mais jogadores sul-americanos em seus plantéis profissionais. Este crescimento no desembarque de atletas estrangeiros as equipes nacionais, se torna evidente quando é realizada uma comparação ao longo das duas últimas décadas, como se observa na tabela 3.

Tabela 3: Quantidade de Estrangeiros no Campeonato Brasileiro (2003-2023)

Edição	Quantidade de Estrangeiros
2003	9
2008	37
2013	45
2018	73
2023	122

Fonte: Futebol em Números, 2024

Na temporada de 2003, o campeonato brasileiro contou com a participação de nove jogadores estrangeiros, que eram distribuídos entre 24 clubes. Para a temporada de 2008, o número de jogadores estrangeiros aumentou para 37, desta vez distribuídos entre 20 agremiações. Entre 2008 e 2013, o aumento ocorrido foi mais brando, com a quantidade de estrangeiros aumentando para 45 jogadores. Agora, entre 2013 e 2023 ocorreram dois saltos na

quantidade de jogadores estrangeiros, o primeiro deles vem quando comparamos com a edição de 2018, que contou com 73 jogadores, um aumento de 28 atletas. Já o segundo salto, ele é o mais destacado, pois quando comparamos o volume de estrangeiros em 2023 com o da edição de cinco anos antes, é possível observar um aumento de 49 jogadores.

A justificativa para este movimento repousa nas flagrantes disparidades econômicas existentes entre os mercados futebolísticos dentro da América do Sul, como se pode observar na tabela 4.

Tabela 4: Valor de Mercado dos Campeonatos Nacionais Sul-Americanos

Competição	Valor de Mercado (Valor em Reais)¹⁸
Campeonato Brasileiro Série A	10,7 Bilhões
Superliga Argentina	5,8 Bilhões
Liga Dimayor (Colômbia)	1,7 Bilhão
Primeira División (Uruguai)	1,4 Bilhão
LigaPro Serie A (Equador)	1,1 Bilhão
Primeira División de Chile	1,09 Bilhão
Liga 1 (Peru)	985 Milhões
Primeira División (Paraguai)	851 Milhões
División Profissional (Bolívia)	763,5 Milhões
Liga FUTEVE (Venezuela)	461 Milhões

Fonte: Transfermarkt, 2024

Com o empenho de uma atenção mais detida ao cenário econômico das principais competições nacionais Sul-Americanas, se evidencia a predominância das competições brasileira e argentina, em detrimento das demais, que lidam com avaliações de valor de mercado muito aquém (TRANSFERMARKT, 2024). O campeonato brasileiro figura no topo dos valores, avaliado em 10,7 bilhões de Reais, sendo seguido à distância pelo campeonato argentino, que acompanha o certame brasileiro a aproximadamente 4,9 bilhões de Reais atrás. Os campeonatos Brasileiro e Argentino, são as competições mais valorizadas da América do Sul, sendo nestes certames que se encontram equipes mais competitivas do continente, havendo

¹⁸Visando uma maior facilidade na interpretação dos dados, os dados foram convertidos ao real brasileiro, por meio da cotação de compra para o dia 18/12, na qual cada Euro era o equivalente a 6,4539 Reais, conforme indicado pelo site: [Conversor de Moedas](#).

maiores sucessos para as agremiações brasileiras nos últimos anos.

No que concerne aos demais campeonatos, salta aos olhos a distância existente entre as receitas destes e as quantias dos campeonatos brasileiro e argentino. Apesar de haver uma ampla desigualdade econômica, há de se pontuar a semelhança entre as receitas existentes, que experimentam uma diferença de 1,23 bilhões de Reais entre o terceiro mais valioso, o campeonato Colombiano e o menos valioso, o campeonato Venezuelano.

Em virtude do mercado futebolístico brasileiro ser o mais predominante dentre os países da América do Sul, temporada após temporada o futebol brasileiro se habitua a recepcionar uma quantidade crescente de jogadores profissionais estrangeiros. Grande parte destes atletas migram para o país, sob a perspectiva do recebimento de melhores salários, associado ao fato de que, ao atuar por uma equipe brasileira, este jogador estrangeiro pode se valorizar e assim ser transferido a um dos principais centros futebolísticos do mundo.

Ainda que as recorrentes notícias relacionadas ao fluxo de jogadores estrangeiros no país suscitem grandes debates midiáticos, o campeonato brasileiro é caracterizado por ser uma competição marcada pela pequena participação de jogadores estrangeiros, quando comparado as principais ligas internacionais e aos campeonatos de seus vizinhos (CIES, 2024). Contando com 18,1% de jogadores estrangeiros, o campeonato brasileiro dispõe de um volume muito menor de estrangeiros do que o Campeonato Italiano (61,3%), o Campeonato Inglês (60,3%), o Campeonato Português (58,5%), o Campeonato Equatoriano (26,1%) e o Campeonato Chileno (24,9%).

Tendo isto em mente, há de se ressaltar que o futebol brasileiro é um mercado futebolístico que dispõe de uma função exportadora de jogadores aos grandes centros internacionais, e que nas últimas décadas tem se consolidado como um centro regional na captação de jogadores da América do Sul, não à toa que das últimas cinco edições da Copa Libertadores todos os campeões¹⁹ eram equipes brasileiras. Deste modo, o futebol brasileiro emerge como um mercado central de uma região periférica do futebol mundial.

¹⁹Desde a edição de 2019, todos os campeões foram agremiações brasileiras. Na edição de 2019, o campeão foi o C.R. Flamengo, em 2020 e 2021 o clube campeão foi a S.E. Palmeiras, em 2022 o campeão retorna a ser o C.R. Flamengo, e o campeão da última edição, realizada em 2023, foi o Fluminense. Para mais informações obre os campeões dos demais anos - <https://www.rsssf.org/sacups/copalib.html>

2 – A TÉCNICA NAS QUATRO LINHAS: COMO A INSERÇÃO DOS OBJETOS TÉCNICOS MODIFICARAM AS NORMAS DO FUTEBOL

Conforme observado no capítulo anterior, desde a sua consolidação enquanto um esporte moderno, o futebol se remodelou substancialmente com o transcorrer das décadas, compondo um exercício desportivo drasticamente diferente daqueles primeiros prêmios ocorridos há cerca de 160 anos.

No seio das numerosas alteridades ocorridas no esporte, algumas delas saltam aos olhos dos adeptos do futebol, pois o desporto que conhecemos hoje muito se difere daquele constituído no final do século XIX, que ainda carregava consigo uma grande similaridade com o Rugby (FIFA, 2016). Ao lançar um olhar mais detido ao seu livro fundante, logo se observa a ausência de aspectos fulcrais para a sua prática atual, como a inexistência das posições de goleiro e de árbitro de campo²⁰, além das marcações de grande e pequena área não existirem, sem contar a ausência dos cartões amarelo e vermelho, dentre incontáveis outros elementos (CARMO, 2018).

As heterogeneidades entre as práticas mais recentes e aquelas primordiais, não se resumem somente a ausência de funções ou a dimensão tomada pelo esporte, ela também se expressa numa infinidade de elementos integrantes da prática futebolística, englobando o âmbito tático das partidas, passando pelos materiais esportivos trajados, e chegando ao cabedal de regras a serem obedecidas pelos praticantes.

Este acentuado contraste entre a prática do futebol na sua origem, em comparação ao momento atual, pode ser explicado pela gradual incorporação tecnológica ocorrida nos aparatos utilizados, visto que as maiores especificações destes objetos favorecem a otimização do desempenho atlético.

Um dos mais notórios exemplos de tal ocorrência, pode ser encontrado na observação da evolução dos trajes futebolísticos, que em seu princípio eram os uniformes das escolas inglesas, constituídos por calça e camisa de algodão, com botas de cano médio providas de travas de madeira, em conjunção a uma touca, para proteger a cabeça da costura exposta

²⁰ A figura do árbitro existia, porém ela dispunha de uma alçada diferente daquela que o árbitro de campo desfrutava. Denominado árbitro mediador, sua função era deliberar acerca de disputas não resolvidas entre os capitães das equipes protagonistas da partida, por intermédio da tomada de notas das ocorrências do jogo, advertência verbal, podendo até expulsar algum dos praticantes. Diferente do árbitro de campo, que é indicado pela organização, este era acordado entre as equipes antes da partida, e sua área de atuação se restringia à beira do campo (CARMO, 2018).

presente na bola (SANCHES, et. al., 2010).

Com o passar das décadas, estes materiais ainda se mantiveram em voga na produção dos equipamentos individuais futebolísticos até o final da década de 1970, desta vez tornando-se mais aptos a prática esportiva, contando com cortes de tecido mais curtos e esguios, além de que a bota foi substituída por um calçado específico, a chuteira. De meados da década de 1980 em diante, os tradicionais usos de algodão em camisas e calções foi abandonado, em favor do uso de fibras sintéticas produzidas visando assegurar uma maior conformidade aos ditames do desporto, no que confere a durabilidade, leveza e conforto (NOGUEIRA, 2018). Já para as chuteiras, a adoção de materiais sintéticos em sua fabricação ocorreu num período similar, tendo significativo impacto na maleabilidade do calçado, como se observa na figura 2, além de dispor de uma maior possibilidade para a personalização do mesmo (SOCCERBIBLE, 2014).

Figura 2: Exposição permanente do Museu do Futebol



Registro realizado pelo autor – 08/09/2022

Semelhante a trajetória percorrida pelos materiais esportivos individuais, o processo de manufatura das bolas de futebol experienciou um destacado avanço tecnológico com o transcorrer das décadas, conforme se observa na figura 3. Originalmente produzida pela envoltura de uma bexiga de boi inflada por uma capa de couro, a denominada bola de capotão era complicada de inflar²¹, machucava os praticantes com sua costura externa e não mantinha sua forma esférica por muito tempo. Com o domínio industrial da tecnologia de vulcanização da borracha, as bolas ganharam câmaras de ar, sendo infladas por uma bomba externa que não

²¹ Inflar corretamente uma bola de capotão era uma habilidade que poucos detinham, uma vez que para a realização desta atividade consistia no cumprimento de certos passos, como a abertura das costuras existentes, a extração da bexiga, o processo de enchimento com o ar e então remonta-lá. Este processo era tão importante, que podia-se observar diferenças na esfericidade da bola, se esta operação não fosse realizada com destreza (PESTI, 2023).

necessitava a abertura da bola, possibilitando a confecção de uma trama que se aproximasse da esfericidade ideal, sendo esta ainda mais sofisticada com a adoção das fibras sintéticas e o emprego de métodos de ligação térmica.

Figura 3: Exposição 22 em campo - Museu do Futebol



Registro realizado pelo autor – 08/09/2022

Diante desta vigorosa incorporação tecnológica no futebol, seus efeitos são observados mediante várias perspectivas do desporto, como os mencionados avanços tecnológicos dispostos nos materiais esportivos. Porém, dentre os mais diversos âmbitos, aquele que mais se destaca é o desempenho físico dos futebolistas, que experienciou tremendo incremento com a admissão de tecnologias em suas práticas. Este aumento observado na capacidade física dos atletas é notório, podendo ser comprovado pela evolução da quilometragem média percorrida por partida, sendo esta ampliada dos 4 quilômetros percorridos por cada jogador em 1954, até alcançar os 11 quilômetros cobertos por partida. (SANTOS, SOARES, 2001; MACIEL, CAPUTO, SILVA, 2011).

Ao olhar com maior cautela o avanço das tecnologias embarcadas no cenário

futebolístico, é possível vislumbrar que o esporte das multidões se altera em sincronia ao desenvolvimento tecnológico introduzido nas suas práticas. Isto se consolida no esporte a partir da admissão de novos equipamentos, de novas regras, mas não somente, havendo também a incorporação de novas características aos jogadores, que progressivamente observam o aumento de atributos requeridos para a manutenção de suas relevâncias tanto no campo de jogo, quanto fora dele.

Este paulatino acréscimo tecnológico no futebol, também trouxe consigo o desenvolvimento de funções subordinadas à prática esportiva, que se tornaram destacados componentes do circuito espacial produtivo do futebol (mercado de transferências de futebolistas, direitos televisivos, *marketing* esportivo, internacionalização das marcas, receitas de licenciamento, etc). Portanto, o futebol emerge como um prisma não usual de observação do fenômeno técnico no espaço geográfico, pois as tecnologias imbuídas nos equipamentos futebolísticos expressam o conteúdo material da técnica, manifestada pela definição de parâmetros de uso coincidentes com o regime produtivo em voga (SILVEIRA, 2009).

Levar em consideração esta ampla difusão tecnológica enquanto efígies materiais do fenômeno técnico é algo fundamental, pois a técnica não se resume somente a uma observação voltada ao objeto *per se*, ela traz importantes contribuições para um entendimento além da sua expressão concreta, por evidenciar minuciosamente a lógica produtiva estabelecida naquele período, conforme demonstrado por (SILVEIRA, 2012, P.30):

Considerar la técnica como un fenómeno significa ir más allá de las apariencias, de lo visible, de lo tecnológico, buscando entrar en lo invisible, en los nexos, en las relaciones, en otras palabras, llegar a la reducción fenomenológica de Husserl. En ese camino, diríamos que el fenómeno técnico no son sólo objetos técnicos – la tecnología – sino además las acciones que posibilitan la creación o la llegada de la técnica.

Deste modo, a consciência perante a presença ubíqua das técnicas na elaboração dos objetos que nos cercam, é algo de vital importância para um entendimento mais apurado dos arranjos espaciais existentes, pois as técnicas fundamentam a relação entre as sociedades humanas com o seu meio (SANTOS, 2006). Durante o caminho unidirecional do tempo, conforme a relação entre a humanidade e o meio foi se metamorfoseando, se tornou flagrante a presença de um certo elenco correspondente de técnicas que atendam às necessidades experienciadas por um certo período, qualificando-o em virtude dos objetos técnicos mais empregues, uma vez que a introdução de objetos técnicos no espaço geográfico ocorre de modo concomitante, em virtude de que estes objetos são componentes de um sistema técnico que os

engloba (SANTOS, 2001).

No transcorrer deste caminho, as diferentes técnicas vão delineando a tônica dos arranjos espaciais referentes aos seus objetos, promovendo variados usos do espaço, no qual cada um deles materializa as características dos seus respectivos períodos, validando o entendimento de que as técnicas empiricizam os tempos, como pontuado por Santos (2006, p. 33):

Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. Assim empiricizamos o tempo, tornando-o material, e desse modo o assimilamos ao espaço, que não existe sem a materialidade. (...) Então, essa empiricização pode ser a base de uma sistematização, solidária com as características de cada época.

Um dos efeitos desse acúmulo de distintos tempos no espaço geográfico é a sua complexificação, ocasionada pela coexistência de sistemas técnicos advindos de períodos diferentes num mesmo lugar. Esta coincidência de técnicas, apesar de seu convívio cômodo, resulta numa hierarquização dos sistemas ali dispostos, sendo o mais moderno denominado de hegemônico, devido ao fato de ser coerente aos ditames vigentes, ao passo que os demais são referidos como hegemonzados (SANTOS, 2006).

Ao contemplar o cotidiano, em muitas instâncias é possível observar a convivência de objetos técnicos provenientes de períodos distintos, sendo recorrente a emergência da “mudança dos tempos” como um tema de conversa entre desconhecidos, no qual cada um dos participantes traz sua experiência de vida com cada objeto, demonstrando a importância relativa destes em cada período. Nesta situação cotidiana, se exibe com clareza uma abordagem coloquial da periodização, pois estes relatos compartilhados carregam consigo a função da técnica na mediação com o meio. Logo, ao abordar a evolução dos sistemas técnicos, se faz necessário abordar a sua periodização, num esforço para compreender as particularidades da relação entre a sociedade e o seu meio, materializada no espaço por intermédio da técnica.

Em relação as variadas interações empreendidas no espaço, o meio natural abrange os primórdios da interação humana com a natureza, observada a partir da relação das sociedades com os recursos naturais, que os utilizavam para a realização de seus arranjos espaciais e os valorizavam, a partir da elaboração de rituais e festejos populares. Apesar da nomenclatura induzir uma interpretação de que não havia técnica, o que se observa é exatamente o contrário, uma vez que a técnica mediou a relação das sociedades humanas com o seu meio desde o seu início, como se observa na domesticação de animais e plantas, dentre outras práticas. A célebre diferença deste para os períodos seguintes, é que os sistemas técnicos do meio natural eram

harmoniosos com a natureza, não havendo a sobreposição do tempo natural (SANTOS, 2006).

A respeito do meio técnico, é neste período que há uma marcante transformação no ímpeto imbuído as técnicas, estas deixaram de serem objetos que privilegiam o prolongamento dos membros do corpo, para se tornarem próteses que promovem o prolongamento do território, oportunizando a mecanização do espaço (SANTOS, 2006). Esta passagem pode ser elucidada por uma conjunção de fatores, dentre os quais a superposição do tempo social perante o tempo natural é o mais notório, pois é a partir desta circunstância que os objetos vão ser concebidos, e vão ampliando a dimensão do uso do espaço pela sociedade, muitas vezes divergindo das lógicas naturais (SANTOS, 1988, 2006).

Isto posto, com a emergência da revolução industrial e o estabelecimento do capitalismo industrial, a produção de objetos permeados pelos princípios comerciais se consolidam, ampliando o horizonte para o uso do espaço, em conjunção a sua universalização, visto que os sistemas técnicos produzidos sob a dinâmica capitalista industrial são os mais eficientes para atender os anseios desta sociedade (SANTOS, 1988).

Quanto ao meio técnico-científico informacional, a sua exposição primordial é remontada ao pós-segunda guerra mundial, sendo difundido integralmente pelo globo aos arredores da década de 1970, influenciando amplamente a prévia dinâmica de uso do espaço, uma vez que o usufruto deste espaço somente é concretizado a partir da crescente disposição de ciência e informação atribuída a estes usos (SANTOS, 2008).

Com este crescente vínculo entre a informação e as técnicas, o que se observa é a elaboração muito mais eficiente dos sistemas técnicos, dado que estes já são produzidos visando a sua tecnicidade e sua informatividade, assegurando a consumação de uma intencionalidade extrema (SANTOS, 2006). Em virtude desta característica, a dimensão de abrangência espacial desses sistemas técnicos dispõe das mesmas qualidades requeridas pelo processo de globalização, visto que para o seu espargir ideal há de ser necessário a unicidade das técnicas, a convergência dos momentos, e a cognoscibilidade do planeta (SANTOS, 2001, 2006). Logo, a gestação e difusão do período atual, ocorreu em sincronia aos anseios postulados pela globalização, o que atrelou estes desenvolvimentos técnicos a um intenso crescimento do mercado, uma vez que a necessidade econômica prevaleceu perante as demais (SANTOS, 2001).

À medida em que há a sucessão dos meios técnicos, as relações estabelecidas entre a humanidade e a natureza vão se tornando cada vez mais artificializadas, mediadas por uma

quantidade cada vez mais abundante de instrumentos (SANTOS, 2006). Esta crescente presença de utensílios no cotidiano, é esclarecida pelas conversões dos anseios exigidos pelas sociedades na sua interação com o meio, que no perpassar do tempo impõem ao meio os seus tempos sociais, sempre sedentos pela oferta de maior fluidez econômica (SILVEIRA, 2009).

Este trajeto desempenhado pela relação sociedade-meio, se faz retratado em numerosos âmbitos do cotidiano, que relatam a progressiva sucessão dos sistemas técnicos no encargo do uso do espaço. Dentre este mar de retratos, um dos menos abordados é o realizado pelo futebol, que relata ao longo do seu percurso a materialização da evolução experimentada pelo fenômeno técnico. Através do simbolismo atrelado ao futebol, é possível observar o florescer e a acomodação do meio técnico perante uma realidade amplamente qualificada pelo meio natural, a consolidação da hegemonia dos sistemas técnicos, e mais recentemente a gradual incorporação de um conjunto de objetos técnicos alusivos ao meio técnico-científico-informacional, que propiciam a introdução de inovações no esporte.

Em razão desta crescente incorporação de sistemas técnicos pertencentes ao meio técnico-científico-informacional, o futebol tem assistido a obsolescência de distintos aspectos, tanto no que se refere aos materiais utilizados, quanto no que se refere ao dinamismo econômico alcançado pela modalidade, até influenciando a sua dinâmica normativa estabelecida. Os efeitos da integração deste novo cabedal técnico trouxeram consigo uma série de mudanças na sociedade, que aos poucos foram se manifestando no esporte (DA MATTA, 1982; SILVEIRA, 1997; ANTAS JR., 2005), visando o acolhimento destes novos objetos. Portanto, ao compreender que a utilização de sistemas técnicos hegemônicos no futebol inspira alterações nas dinâmicas estabelecidas, os instrumentos legais vigentes não logram sucesso na regulação de sistemas alusivos à nova racionalidade, entrando em crise por não sanar os problemas de modo satisfatório, conforme apontado por Melo (2011, p. 14-15):

(...) assim como a lei esportiva evolui pela superação de paradigmas, que não têm validade indefinida e perpétua, posto que entram em crise, seja ao permanecer aferida ao paradigma antigo cujos métodos, técnicas e concepções teóricas não mais se amolda às mutações operadas na vida desportiva, seja ao não conseguir explicar convenientemente a realidade ou resolver satisfatoriamente os problemas da vida desportiva. (...) a *lex sportiva* está, em elevado grau, submetida às exigências dos novos tempos (...).

Tendo isto em mente, esta investigação propõe uma periodização técnica do futebol, de modo a esclarecer os impactos promovidos pelos avanços técnicos na modalidade em questão, a partir das contribuições teóricas providas pela periodização de Milton Santos, assim como pode ser observado no quadro 1. Para tanto, foi desenvolvida uma classificação dedicada

exclusivamente ao cabedal técnico incorporado pelo futebol no transcorrer dos decênios, buscando delinear a intersecção de alteridades promovidas por estes avanços técnicos nas praxes do esporte, observada na relação dos equipamentos, normas do esporte e normas do direito desportivo. Composta por três períodos distintos, o período técnico, o técnico-científico e o técnico-científico-informacional. Cada um destes ciclos emana suas qualidades, sendo estas observáveis nos objetos usufruídos pela dinâmica futebolística.

Quadro 1: Periodização técnica no futebol

Período	Materiais Esportivos	Transmissão	Normas do Jogo	Direito Esportivo
Período Técnico (1863 - 1970)	1863 (Camisas de Algodão) (Bola de Capotão)	Ausência de Transmissão	1871 (Introdução do Goleiro)	1878 (A primeira transferência de jogador no futebol)
	1891 (Chuteiras feitas de couro, contando com a ponta feita de metal, chegando a pesar aproximadamente 1 kg) (Introdução do segundo uniforme)		1883 (Inserção do Travessão de Barra fixa) (Determinação do tamanho padrão da bola) (Demarcação dos limites do campo de jogo por linhas)	1885 (Profissionalismo na Inglaterra)
	1910 (Uniformes confeccionados sob o modelo de alfaiataria)	1930 - Transmissão por via Rádio	1891 (Introdução do Árbitro de Campo) (Introdução das linhas de pequena e grande área) (Introdução da linha de meio campo) (Introdução do pênalti)	1893 (Implementação do mecanismo do Passe na Inglaterra)
	1950 - Bola Duplo T (Primeira bola a contar com uma câmara ar e uma válvula para o seu enchimento)		1897 (Determinação de 11 atletas para cada equipe) (Determinado o limite de 90 minutos para a partida)	1926 (Adoção do profissionalismo pela FIFA)

	1954 (Introdução dos cravos substituíveis)		1921 (Uso do segundo uniforme pelo time adversário)	1953 (Adoção do mecanismo do Passe pela FIFA)		
	1960 (Chuteiras feitas de couro, com foco em maior leveza e menor restrição aos movimentos)	1966 - Transmissão via Televisão	1938 (Reformulação do texto das regras originais. Contando com um total de 17 normas)	1970 (O primeiro contrato de patrocínio de chuteiras é assinado)		
	1970 - Telstar (Primeira bola com 32 gomos - 20 hexagonais e 12 pentagonais) (A primeira chuteira personalizada fabricada)	1970 - Primeira Transmissão a cores	1970 (Introduzida as substituições em jogos de seleções) (Introduzido os cartões amarelo e vermelho) (Estabelecimento de disputa de pênaltis em caso de empate ao final da partida)		1973 (Primeiro contrato de patrocínio futebolístico)	
Período Técnico Científico (1970 - 1998)	1973 - Primeira aparição de patrocínio na camisa*			1980 - Liberação de patrocínio na camisa pela FIFA		1978 (UEFA instala o limite de 3 estrangeiros por jogo)
	1986 - Azteca (Primeira bola a ser totalmente construída com materiais sintéticos) (Incorporação da fibra de poliéster aos uniformes)		1994 (Introdução do Gol de Ouro) (Cada vitória conta 3 pontos no sistema de pontuação)		1980 (Liberação de patrocínio na camisa pela FIFA)	
	1992 (Incorporação dos nomes de jogadores nas camisas dos clubes/seleções)					
	1994 - Quetra (Uso de painéis de borracha para melhorar o controle de bola) (Uniformes					

	produzidos exclusivamente a partir de fibras poliéster)			
	1998 - Tricolore (Primeira bola colorida) (A primeira chuteira a ser construída inteiramente com materiais sintéticos)	1998 (Primeira Transmissão em HD)	1998 (Segunda Grande reformulação - IFAB)	1995 (Assinatura da Lei Bosman) (Introdução das regulações FIFA para empresários de jogadores)
Período Técnico-Científico Informativo (1998 -)	2000 (Com a introdução da tecnologia de inscrição a laser, as chuteiras podem ser customizadas por seus donos)		2000 (Fim da regra do sobrepasso, adoção da regra dos 6 segundos)	1998 (Lei Pelé)
	2002 - Fevernova (Última bola a ser costurada a mão) (Última bola a usar o padrão de 32 gomos)			2001 (Criação do Mecanismo de Solidariedade - FIFA)
	2006 - Teamgeist (Primeira utilizar painéis curvos) (Abandono das costuras para a adoção da ligação térmica) (Primeira chuteira a contar com microfibras de tecido em sua confecção)		2004 (Permissão de realizar jogos em gramados naturais ou artificiais)	2002 (Adoção das Janelas de Transferências)
	2007 (Primeira chuteira a usar fibra de carbono)			2009 (Criação do comitê da FIFA dedicado a proteção de menores)
	2010 - Jabulani (A bola mais esférica)		2011 (Autorizado o uso de	2010 (Introdução do

	da história)		sprays para sinalizar o local da barreira)	FIFA TMS)
	2011 (Primeira chuteira a incorporar microchips)		2012 (Uso opcional da <i>Goal Line Technology</i> nas partidas)	2012 (Criação do Certificado de Clube Formador pela CBF)
	2014 (Primeira bola a incorporar um chip - <i>Goal Line Technology</i>) (Primeiras chuteiras "botinhas")			2015 (Banimento na repartição dos direitos federativos do jogador)
	2015 (Primeira chuteira a pesar menos de 100g) (Chuteira apta para 10 jogos somente, pesando 103g)	2022 - Transmissões via Streaming	2016 (Aprovação do VAR nos seus primeiros testes)	
	2018 (Primeira bola Inteirativa) (Primeira Copa do Mundo realizada com auxílio do VAR)		2017 (Utilização do VAR na Copa das Confederações)	2020 (Redes sociais emergem como principal expositor de patrocínios)
	2022 - Al Rihla (Divulgada como a bola mais rápida da história) (Primeira bola implementada no sistema semi-automático de detecção de impedimento)		2022 (Uso de sistema autônomo para a marcação de impedimentos)	2021 (Diversificação de investimentos - Criptomoedas, Tokens e NFT's)

Fonte: Elaboração do autor

2.1 – PERÍODO TÉCNICO DO FUTEBOL

Com relação ao elenco de atributos referentes a aurora do *football association*, o período técnico deste esporte se diferencia dos demais por conta da destacada manifestação de características atreladas ao meio técnico na sua dinâmica, uma vez que o seu florescer ocorreu

num período subsequente a emergência da imposição do tempo social ante o natural, viabilizado de modo primordial na Inglaterra durante a revolução industrial (FRANCO JR, 2007). Em virtude disso, este desporto foi idealizado como um exercício atlético coerente a esta nova realidade, carregando consigo uma mensagem de harmonia com a civilização urbano-industrial moderna (ELIAS, DUNNING, 1995; LANFRANCHI, TAYLOR, 2001; HARVEY, 2013).

Sob o percurso do tempo, o futebol deixou de lado sua intrínseca relação com a aristocracia e se popularizou, tornando-se um espetáculo de ampla magnitude em diversos países do globo, diante da sua peculiar característica de ser um jogo agonístico, pautado na representação simbólica de seu local (DAMO, 2014; FONSECA, 2014). Apesar de haver considerações antigas designando o futebol enquanto um espetáculo, há de se observar que não se sucedeu a adoção de ideais liberais a prática, uma vez que ainda vigorava o entendimento que o futebol é apenas uma prática esportiva, caracterizada por ainda dispor de uma relativa autonomia a dinâmica vigente do capitalismo (PRONI, 2000; JAMESON, 2006). Por conta deste entendimento perante o futebol, se consolidou um sistema de normas muito restritivo, que se manteve ativo durante anos a fio, como observado no caso da lei do passe.

Ao examinar relação de materiais utilizados na sua prática, torna-se evidente as referências existentes ao meio técnico, uma vez que os ferramentais dispostos para o empreendimento da prática futebolística condizem com os sistemas técnicos hegemônicos do período, como o uso de algodão na tecelagem dos uniformes, o manuseio de couro para a produção das bolas e chuteiras, e o uso das linhas ferroviárias para viabilizar os deslocamentos mais longos. Esta harmonia com os sistemas técnicos não se restringe somente ao instrumental usufruído na manufatura dos materiais esportivos, sendo também evidente uma ampla adequação às regulações propostas, uma vez que os uniformes dos jogadores se mantiveram polidos de qualquer tipo de patrocínio até a introdução de materiais sintéticos.

Respalado sob este contexto, o período técnico do futebol se estende desde os primórdios da prática futebolística até meados da década de 1970, em virtude da manutenção da intencionalidade fundante deste desporto nas parcelas integrantes do seu circuito espacial produtivo, marcada pelos intentos de manter o esporte mais próximo de seus princípios básicos, argumento que esclarece as dificuldades para a instalação do profissionalismo no esporte, e a adoção de medidas jurídicas muito restritivas. Todo este ideário se consolidou nos campos, a partir da utilização de equipamentos esportivos imaculados de patrocínios, trajados por jogadores que eram exaltados pelo público, mas que não exploravam a sua imagem própria em

acordos comerciais, numa época em que os clubes obtinham suas receitas por meio da quantidade de adeptos levados ao estádio, uma vez que as transmissões eram raras e não tinham se consolidado enquanto acordos comerciais.

2.2 - PERÍODO TÉCNICO CIENTÍFICO DO FUTEBOL

Na esteira do vultoso desenvolvimento técnico ocorrido no pós-guerra, timidamente o período técnico do futebol foi incorporando uma quantidade maior de técnicas em sua dinâmica, promovendo uma gradual mudança dos paradigmas estabelecidos, uma vez que estes novos objetos técnicos requerem mudanças para viabilizar seus funcionamentos. Fruto desta nova safra de sistemas técnicos acomodados na dinâmica futebolística, o período técnico-científico do futebol dispõe de uma característica discordante da sua contraparte pretérita, uma vez que este período é pivotal na consolidação do capitalismo tardio no esporte, a partir da compreensão de que a cultura é algo imiscuída ao âmbito econômico, modificando seu princípio básico, deixando de ser uma prática educativa, para se consolidar enquanto um produto (HAAG, 2013).

Ao empregar um olhar mais atento sob o conjunto de objetos característicos deste período, se torna evidente a profusão alcançada pelo conhecimento científico na dinâmica futebolística. Nos primeiros anos do período técnico-científico do futebol, o cenário do esporte já observava a obsolescência do uso de algodão para a manufatura dos uniformes, do couro natural e das travas de metal para a confecção das chuteiras, sinalizando a insuficiência destes equipamentos em satisfazer as necessidades de refino exigidos por este período. O sucessivo uso de utensílios desenvolvidos a partir do conhecimento científico, como as câmeras televisivas, as fibras de poliéster e poliamida, dentre outros materiais, ressalta uma crescente habituação do cenário futebolístico às lógicas comerciais, que pautam o desenvolvimento da competitividade atrelado a ampliação da dimensão mercantil.

Diferentemente de momentos anteriores, a prática do futebol cada vez se aproxima mais de um entendimento de mercado, visto que este cabedal técnico introduzido promove um contínuo aumento da eficiência desportiva da modalidade, que está atrelado ao desenvolvimento comercial da mesma, expressando assim a intrínseca relação entre a técnica e o conhecimento científico, que se unem a partir da égide do mercado (SANTOS, 2006).

No cerne desta conjuntura, se encontra o papel exercido pela FIFA na consolidação da comercialização do esporte, que abandonou seu âmago tradicionalista no trato da modalidade, para adotar a transformação dos espetáculos futebolísticos em mercadoria (GIGLIO, 2013; ROCHA, 2019). Ao tomar este posicionamento, a FIFA empreendeu uma série de medidas

cruciais para o desenvolvimento do mercado do futebol, como a política de expansão de associados a entidade, a liberalização dos patrocínios em camisas das agremiações, além da comercialização do seu principal campeonato, a Copa do Mundo, pautada na venda dos direitos de transmissão do certame, conforme ilustrado por Havelange (2012, p. 11):

(...) a FIFA se modificou. (...) a (...) Copa do Mundo, que foi na Argentina, em 1978, o resultado bruto da Copa: setenta e oito milhões de dólares. (...) Quatro anos depois, a Copa foi na Espanha, em 1982, resultado financeiro: oitenta e dois milhões de dólares. Em 1986, a Copa foi no México (...) Quatro bilhões e seiscentos milhões, é o resultado de uma Copa. (...) Cada um paga cento e cinquenta milhões de dólares. (...) independente disso, (...) a receita é de um bilhão e oitocentos milhões.

Com base nesta decisão tomada pela FIFA, o futebol experimentou um vertiginoso aumento na relação de objetos técnicos utilizados, como se pode observar na quantia de câmeras presentes num estádio atual, em comparação com um estádio antigo. Este processo de admissão, garantiu ao futebol um maior estreitamento com as dinâmicas de mercado, principalmente quando se observa a influência do modal televisivo. A expansão do modal televisivo representa uma grande mudança na experiência futebolística, pois com a necessidade de integrar tais equipamentos transmissores de sinais destinados a uma parcela cada vez maior de televisores, os torcedores se familiarizam a propagandas, chegando até a influir na arquitetura dos estádios, por conta das cabines de transmissão televisivas (GIULIANOTTI, 2002).

Um dos mais eminentes produtos desta crescente comercialização da modalidade, é a gradual transição percorrida pelos certames, que deixam de ser somente um campeonato vinculado a uma federação nacional, para serem consideradas entidades independentes das suas respectivas federações, que comercializam o conjunto de partidas que compõem o certame. Designadas como ligas²², estas organizações comerciais exprimem o seu caráter mercantil mediante a lapidação de um atrativo figurino a competição, manifesto por meio de amplas mudanças visuais transmitidas pelos meios de comunicação, ressoando em mudanças na alcunha do campeonato, de modo a angariar uma maior quantia de capitais. No rol dos principais certames futebolísticos repaginados, temos a Copa dos Campeões Europeus (*Champions League*), o Campeonato Inglês (*Premier League*), o Campeonato Espanhol (*La Liga*), o Campeonato Italiano (*Serie A*), o Campeonato Francês (*Ligue 1*), o Campeonato

²² No momento de escrita deste trabalho, emergem discussões acerca da consolidação de uma Liga Brasileira, havendo o embate de duas organizações para a administração da competição, de um lado temos a LIBRA (Liga do Futebol Brasileiro), e a LFF (Liga Forte Futebol do Brasil). Ainda não há um acordo selado entre os clubes integrantes da atual Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, porém, pode haver num futuro próximo a adequação ao modelo de liga no futebol nacional. Para mais detalhes: <https://ge.globo.com/negocios-do-esporte/noticia/2023/02/27/calculos-de-divisao-de-receitas-da-libra-e-da-lff-se-aproximam-veja-as-tabelas.ghtml>

Alemão (*Bundesliga*), dentre outros.

O assentamento do modal televisivo no futebol, foi de extrema importância para entender a dimensão alcançada pela modalidade, pois foi a partir do usufruto desta técnica, que o futebol se consolidou como a modalidade esportiva mais popular do globo, ao mesmo tempo em que vivenciou um vultoso crescimento nas receitas referentes ao seu circuito espacial produtivo (PRONI, 2000; MATHIAS, 2018; SILVA, 2021).

Síncrono a expansão da dimensão do modal televisivo, o desenvolvimento na geração de imagens e grafismos, se fez presente no âmago do futebol, por intermédio da necessidade de integrar tais equipamentos transmissores de sinais destinados a uma parcela cada vez maior de televisores, influenciando em numerosos aspectos da experiência do futebol, como a sua Outro âmbito amplamente influenciado pelo período técnico-científico, alude a produção têxtil dos uniformes, que contemplaram a transição para os materiais sintéticos neste período, deixando de lado o tradicional algodão para usos cada vez mais frequentes de poliéster e poliamida na confecção das camisas e calções. A manipulação destas fibras sintéticas, trouxe consigo qualidades essenciais para a inserção de patrocínios nos mantos das agremiações, uma vez que costurar os logos empresariais à mão era uma tarefa árdua e muito difícil. Tão logo iniciou-se a implementação destes tecidos, os adeptos do futebol atravessaram um momento de adaptação a presença de acordos comerciais estampados em seus uniformes.

Imerso numa conjuntura marcada por sua fluidez econômica, o cabedal normativo tornou-se um impasse ao desenvolvimento do circuito espacial produtivo, uma vez que sua rigidez não condizia com os anseios voltados ao dinamismo comercial, restringindo o florescer de numerosos mercados intrínsecos à prática futebolística, como aquele referente às transferências de futebolistas.

Não à toa, as regulamentações do direito desportivo, e do jogo, foram sendo atualizadas, tendo em vista este dinamismo. No que diz respeito ao direito desportivo, ocorreram as liberações de inserções de patrocínios nos uniformes, de assinatura de patrocínios individuais dos futebolistas, a desregulamentação do mercado de jogadores, a criação do mecanismo de solidariedade, dentre outras medidas mais fluidas. Já sobre as regras do jogo, o dinamismo atende aos ditames postos pelas transmissões televisivas, que embasaram o argumento das substituições do sobrepasso pela regra dos cinco segundos, e a introdução do gol de ouro.

O período técnico-científico do futebol é uma época essencial para a compreensão do esporte das multidões no momento em voga, pois é neste intervalo entre meados da década de

1970, até os anos finais da década de 1990, que os ideários modernos permeiam o desporto, aproximando a tradição futebolística de prática popular ao entendimento mercadológico tão presente.

2.3 – PERÍODO TÉCNICO CIENTÍFICO INFORMACIONAL DO FUTEBOL

Ao sintonizar um televisor para assistir alguma partida, salta aos olhos do espectador assíduo de futebol as mudanças ocorridas no seio deste esporte. Os numerosos ângulos de transmissão, a disseminação de arenas multiuso pelos locais, e as quantidades abundantes de patrocínios nos uniformes e arredores, geralmente são as principais metamorfoses indicadas pelos torcedores. Contudo, no decorrer da última década, uma mudança tem ocorrido e tem sido pouco abordada, que é a crescente produção de informação a partir de uma partida de futebol. Esta circunstância, demonstrada pelo aumento no volume de informações veiculadas nas transmissões futebolísticas, evidencia a emergência do período técnico científico-informacional do futebol.

O período técnico-científico-informacional do futebol, se diferencia dos demais por conta da sua intrínseca relação com a informação, algo que não dispunha da mesma importância em outros períodos, mas que para o futebol atual é de extrema importância. Em virtude dos sistemas técnicos vigentes necessitarem de informações para assegurar o seu funcionamento ideal (SANTOS, 2006), as práticas futebolísticas vivenciam paulatinas adequações a esta nova dinâmica, remodelando desde os papéis desempenhados pelos equipamentos esportivos, passando pelos profissionais do ramo, pelas transmissões e chegando a remodelar até como as normas do esporte são redigidas.

Conforme se amplia a incorporação dos sistemas técnico-científico-informacionais no cenário futebolístico, a modalidade observa uma intensificação na busca pela eficiência desportiva, viabilizada através de duas frentes, a primeira delas sendo pautada na admissão de novos equipamentos tecnológicos, utilizados para a geração de avaliações sobre os dados captados do atleta. Já a segunda, se pauta na informatização de sensores nos equipamentos mais simples, como os uniformes, bolas, chuteiras, chegando até mesmo no campo de jogo.

De maneira simultânea a introdução de novas técnicas na dinâmica futebolística, se faz necessário admitir novas profissões atreladas ao tratamento destas informações, uma vez que a abundância de sensores presentes nos materiais desportivos gera preciosas informações para o refino do jogo. Em virtude da crescente importância dos dados para o futebol, a presença do

analista de desempenho nas agremiações se tornou algo corriqueiro, pois este profissional é o encarregado pela interpretação das informações, utilizadas no refino das ações táticas.

Estas amplas mudanças nos materiais utilizados no futebol, implicam em mudanças no âmbito do cabedal normativo que, após longos anos relutando contra a utilização das tecnologias, adotou-as como materiais permitidos no campo de jogo. Tendo isto posto, o futebol atravessou consideráveis alterações, sendo estas ocasionadas pelo desenvolvimento técnico, que se dispõe no espaço de modos ímpares, evidenciando as dinâmicas espaciais existentes. Ao mesmo tempo em que proporcionam as transmissões relevantes informações para as transmissões. O aprimoramento do jogo, também ocorre visando uma maior eficiência nas suas decisões, sendo a introdução do árbitro de vídeo²³ o maior exemplo disto.

²³ Numa entrevista para o canal do Youtube, do veículo jornalístico – Uol Esporte, o jornalista Leonardo Bertozzi saúda a introdução do árbitro de vídeo, ao evidenciar o incremento na eficiência das decisões tomadas pelo auxílio tecnológico, conforme demonstrado no trecho a seguir “Em qualquer indústria que você consegue aumentar o seu nível de acerto para 98% ou 99% você comemora o aumento nos acertos (...). Provavelmente apagaram da memória como era ter jogos decididos por erros grotescos e absurdos. ” Mais informações em - <https://www.youtube.com/watch?v=OWKtUHeEkhk>

3 – A MERCANTILIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE BASE: O PAPEL DESEMPENHADO PELO CERTIFICADO DO CLUBE FORMADOR

No âmago da esfera futebolística, uma visão idealizada sob esta modalidade desportiva povoa a mente de seus aproximados 265 milhões de praticantes (FIFA, 2006), na qual o termo futebol dispensa adjetivos qualificativos, pois o vocábulo é associado diretamente à prática masculina profissional, marcada pelos grandes espetáculos sob o qual convergem os holofotes perante a sua dinâmica, sejam eles midiáticos ou acadêmicos²⁴, reconhecido também pela alcunha de matriz espetacularizada²⁵ (DAMO, 2005).

Por conta do futebol-espetáculo exigir de seus atletas certos atributos, existe um trajeto a ser percorrido por aqueles que almejam alcançar a apoteose do profissionalismo, o processo de formação de base. Através das categorias de base (Sub-13, Sub-15, Sub-17 e Sub-20), os atletas logram uma carreira preparatória, na qual são introduzidas e desenvolvidas as capacidades técnicas e motoras para atingir o nível requerido de um elenco profissional de futebol.

Durante o intervalo dos 12 aos 18 anos, os jovens aspirantes a futebolistas encontram extenuantes cargas de treinos e trabalhos corporais, dedicando por volta de 5.000 horas de preparação física e técnica para garantir a proficiência na prática do esporte das multidões (SOARES, et. al, 2011). Uma série de características são desenvolvidas, como a habilidade de manusear a bola de maneira mais clássica, a destreza de realizar um longo lançamento, a utilização do artifício de um drible mais vistoso, dentre outras qualidades. Através dos anos, certas qualidades continuaram a ser essenciais para os futebolistas, como o drible desconcertante, o refino dos passes, entre outras técnicas. Porém, uma série de novos atributos também são necessários para que um jogador possa trilhar uma carreira longa na modalidade. Conforme o volume de objetos técnico-científico-informacionais se proliferam no esporte, gradativamente há a metamorfose de diversos aspectos da prática futebolística, sejam situações referentes ao “campo e bola” ou circunstâncias além das quatro linhas de jogo.

²⁴ Em relação à dimensão do futebol espetacularizado nas ciências sociais, um levantamento realizado por (SILVA, et. al, 2009), nos mostra que durante o intervalo entre 1980 a 2007, foram catalogados 626 obras (livros, dissertações, teses e artigos), das quais aproximadamente 132 delas se dedicaram a estudar os espetáculos esportivos, alcunha dos autores para se referirem ao futebol espetáculo.

²⁵ No que confere a matriz espetacularizada do futebol, esta dispõe de uma certa relação de qualidades que a caracterizam. O elenco de atributos referentes ao molde espetacularizado do futebol é constituído pela utilização das regras instituídas pela IFAB, pelas competições gestadas pelo sistema FIFA, e pela sua pronunciada divisão social do trabalho fora dos campos, uma vez que o futebol espetáculo é um dos principais produtos da indústria cultural (DAMO, 2005; MATIAS, 2018).

Um dos principais contextos afetados por esta metamorfose se refere às categorias de base, onde se verificam amplas alterações nos últimos anos, em virtude da integração de objetos técnicos hegemônicos aos treinos. A mais recente destas alterações, é a crescente busca de alteração no foco do processo de formação de atletas, no qual as categorias de base dos clubes dediquem mais atenção a formação do ser humano, pois um ser humano mais bem formado pode se tornar um atleta mais capaz de lidar com as adversidades dos jogos, balanceando a sua responsabilidade social e a sua necessidade de prover novos talentos (CONAFUT, 2017)²⁶.

O declínio de uma formação escolar tradicional implica a negação de conhecimentos gerais aos atletas, o que pode ocasionar problemas na reinserção profissional ao final da carreira. Todavia, esta ausência de uma formação escolar também é prejudicial para o desenvolvimento da carreira do jogador, pois uma valência de crescente importância se torna subutilizada, o raciocínio lógico.

Em virtude destas circunstâncias, o processo formativo brasileiro experimentou destacadas mudanças em sua função, desde a gênese dos departamentos formativos nas agremiações. O relato concreto destas alterações, pode ser observado a partir de dois prismas, o primeiro se refere as metodologias de treinos, que no futebol nacional ainda são utilizadas metodologias mais tradicionais (THIENGO, 2011). Já o outro aspecto em que pode ser observado esta modificação, é no que diz respeito ao âmbito legal, pois os mecanismos legais se sobrepõem no espaço para regular diferentes esferas referentes a dinâmica futebolística, a partir do desenvolvimento de objetos técnicos (SILVEIRA, 1997).

3.1 – O IMPACTO DAS MUDANÇAS NORMATIVAS NAS CATEGORIAS DE BASE

Por muito tempo, o processo de formação de base no Brasil ocorria de forma quase espontânea, com talentos florescendo a partir dos quintais das casas, das ruas, de campinhos, praias, entre outros locais (FERREIRA, PAIM, 2011). Numa tentativa de integrar habilitados jovens para seus elencos, logo as agremiações inauguraram categorias dedicadas para formação de jogadores²⁷, precursoras do que conhecemos como categorias de base (DAMO, 2005;

²⁶ O trecho parafraseado é pertencente a uma mesa redonda gravada durante a edição de 2017 do evento CONAFUT. Intitulada “Categoria de base (formação de atletas com excelência)”, fizeram parte desta mesa o mediador, Felipe Rolim, e os convidados - Augusto Carvalho (Psicólogo de Categorias de Base), Rodrigo Bellão (Técnico da Categoria Sub-17 do Atlético-PR) e Leandro Zago (Técnico de Futebol). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y5Z5C_SaxfU&t=4308s

²⁷ Estas primeiras organizações de clubes para formação de jogadores datam da primeira metade da década de

CORREIA, LIMA, RIGO, 2014).

O processo de captação de jogadores no Brasil no seu início, era conduzido pelas equipes sob parâmetros empíricos, pautados na valorização de qualidades como o improviso, e a criatividade no manejo da bola, condizentes com um momento que a incipiente incorporação de treinamentos táticos e de preparação física eram observados como constrangimentos ao modo de jogo destes futebolistas (TOLEDO, 2000; MORAES, BASTOS, CARVALHO, 2016).

Esta conjuntura acerca do processo formativo de futebolistas no Brasil manteve-se inalterada até a década de 1960, quando ocorreu um grande marco para a formação de base. Por conta da eliminação brasileira na Copa do Mundo de 1966, as “escolas de futebol” foram criadas para garantir uma formação moderna ao jovem atleta (SOUZA, 2001; KUNZ, 2003). A importante mudança no modo em que ocorria a formação de atletas, se deu pela institucionalização da atividade formativa pelos clubes, que desenvolveram suas escolas, que mais tarde se tornaram as categorias de base. O depoimento dado por um dirigente do Flamengo-RJ, para o documentário *Passe Livre* (1974), evidencia o entendimento à época desta medida:

“As escolas de futebol foram criadas com esta finalidade. Os meninos são arregimentados entre as idades de 12 a 16 anos e ali são forjados para, gradualmente e na medida de suas capacidades técnicas, a subir para o juvenil e depois se tornarem, realmente, jogadores profissionais de futebol de alto gabarito, e se constituem como patrimônio dos clubes”

Com a alvorada das “escolas de futebol”, o processo formativo no Brasil observou uma tímida introdução de conhecimentos científicos para balizar o desenvolvimento dos jogadores, por meio de treinamentos técnicos, táticos e preparações físicas, o que ficou conhecido como “futebol-força”. Mesmo com o desembarque de novas metodologias de treinos, uma circunstância fundamental ainda se mantinha inalterada no cenário de formação nacional, o futebol ainda se caracterizava por dispor de uma conjuntura econômica em que a produção de jogadores para a exportação ainda não tinha se consolidado como uma atividade rentável²⁸.

Ainda que as transferências de jogadores experimentavam um gradual acréscimo nos seus volumes, não havia uma conjuntura normativa que contribuía para o desenvolvimento deste ramo do mercado. Não à toa, o mecanismo legal vigente no território nacional expressava

1910, sendo conhecidas como “Filhotes”, ou “Dentes de Leite”, estas divisões também foram importantes protagonistas no desenvolvimento de rivalidades, como aborda em mais detalhes o trabalho de (CORREIA, LIMA, RIGO, 2014).

²⁸ Apesar de não ocorrer com a frequência atual, havia a produção de futebolistas por clubes de menor expressão, que buscavam vendê-los para equipes de maior expressão de modo a manterem suas atividades (DAMO, 2005).

a característica rigidez normativa existente à dinâmica futebolística. O dispositivo legal vigente era a lei do atleta profissional (nº 6.354/76), que concebia tanto o atleta em formação, quanto o atleta profissional, como uma posse do clube, mediante a vigência do mecanismo do passe (BRASIL, 1976), conforme evidenciado pelo depoimento do dirigente. Logo, não era de se estranhar que a formação de base era voltada majoritariamente a suprir futebolistas para a equipe principal da agremiação.

Progressivamente, o processo de formação de base brasileiro abraçou a sua necessidade de modernização, uma vez que grande parte de escolas de futebol dispostas pelo território nacional careciam de uma organização coesa dos conteúdos relacionados a especialização esportiva da categoria de base (DRUBSCKY, 2003). Esta adversidade enfrentada, durante as décadas de 1980 e 1990, foi o estímulo necessário para que as agremiações nacionais incorporassem uma quantidade maior de objetos técnicos em suas instalações, numa tentativa de aprimorar a formação de seus talentos.

O fruto deste empreendimento a modernizar as infraestruturas das categorias de base, deu origem ao que é chamado de Centro de Treinamentos (CT), que é caracterizado por ser uma instalação específica para as divisões formativas, nas quais dispõem de tecnologias de ponta, valorizam os conhecimentos científicos, além de empregar uma nova gama de profissionais, como preparadores físicos, fisiologistas, supervisores, nutricionistas, psicólogos e outros na formação de atletas (RODRIGUES, 2004).

Estes CT's podem ser entendidos como laboratórios, onde há a promoção de uma formação pautada em conhecimentos científicos, uma preparação mais aguçada do atleta, uma maior competitividade e uma maior viabilidade de negociação desta prata da casa²⁹, sendo esta a instalação ideal para um momento em que a circulação internacional de jogadores se consolida como uma atividade rentável (TOLEDO, 2002). Conforme as divisões formativas admitem um maior volume de objetos técnicos, o processo de formação de base se torna cada vez mais propenso a emular os movimentos da categoria profissional, se tornando cada vez mais mercantilizado por conta das intencionalidades presentes nestes objetos. Visando amparar legalmente estes desenvolvimentos, o processo de formação de base também observou importantes mudanças no seu cabedal regulatório e na sua função primordial.

²⁹ O termo “Prata da Casa” é uma expressão brasileira para indicar o prestígio ao talento nacional, que é habitualmente utilizada no cenário futebolístico para se referir a jogadores talentosos.

A lei Zico (nº 8.672/93), foi a primeira legislação brasileira que proporcionou a difusão da concepção mercantil do futebol. Apesar da manutenção do passe, este mecanismo legal proporcionou um horizonte no qual a obtenção de lucro pelas agremiações era uma realidade, aproximando o cenário futebolístico nacional a uma concepção comercial do esporte, que já se mostrava predominante no cenário internacional (BRUNORO & AFIF, 1997). O emprego desta legislação no cenário do futebol nacional, carregava consigo o discurso da modernização do futebol brasileiro, que reivindicava a expansão mercantil sob a modalidade como uma solução aos problemas existentes (HELAL, 2002). Todavia, o que viria a se observar foi a consolidação do papel internacional exercido pelo país, pautado na exportação de pé-de-obra para outras nações com o futebol-empresa mais consolidado (REIS, 2013).

O efeito destas mudanças na dinâmica formativa é expresso no caminho trilhado pelo entendimento das categorias de base, que deixou no passado uma compreensão pautada na captação e treino de aspirantes a atletas para a composição do elenco principal, para assumir um entendimento em que a formação de base pode resultar em ganhos econômicos a equipe (FERREIRA, PAIM, 2011). Apesar da lei Zico não ter promovido mudanças imediatas ao futebol nacional, ela foi o pavimento para que condutas favoráveis a incorporação comercial do futebol fosse desempenhada com êxito nos anos seguintes.

No momento de chancela da lei Pelé (nº 9.615/98)³⁰, enquanto mecanismo jurídico vigente no território brasileiro, esta legislação viabilizou a liberalização do mercado de transferências de futebolistas no país, a partir da abolição do mecanismo do passe na legislação nacional, sendo veiculada como o documento legal que acabou com a prisão do jogador de futebol pelo clube (RODRIGUES, 2014). Com o aceite de uma legislação voltada a satisfação dos reclames mercadológicos, o horizonte de oportunidades empregatícias para os atletas brasileiros se ampliou enormemente, em virtude de uma maior viabilidade para execução de transferências ao exterior, o que levou a muitos dos profissionais brasileiros a migrarem à países estrangeiros.

Este movimento, é justificado quando é observado os detalhes que compõem a cadeia produtiva do futebol nacional. Dentre o vasto elenco de profissões atreladas as competições futebolísticas, são empregadas aproximadamente 156 mil pessoas. Deste valor total, a profissão mais prestigiada é sem dúvidas o atleta profissional de futebol, que carrega consigo a

³⁰ Sendo esta legislação alterada mais 3 vezes, por meio das jurisdições (lei nº 9.981/00; MP - 2.141/01; lei nº 10.672/03). Apesar destas releituras, não houve considerável mudança na dinâmica estabelecida.

idealização de grande retorno financeiro. Todavia, chegar até o nível profissional é algo difícil, sendo reservado para somente 15 mil dos mais de 86 mil jogadores registrados como profissionais na CBF, no qual somente 520 deste total sendo postos de trabalho perenes, em agremiações que dispõem de calendário anual, como os clubes das duas primeiras divisões nacionais (CEDECA, 2014; YOUNG, 2019).

Não à toa que o entendimento acerca da formação se base vivenciou uma mudança no seu entendimento. O contraste existente entre a escassa quantidade de vagas no profissional, em comparação ao excepcional volume de jogadores registrados, indica uma ampla margem para as agremiações assegurarem um retorno financeiro marcante, ao adotarem uma abordagem das suas categorias de base voltada as transferências.

Todavia, há de se observar que esta lei pouco versou acerca do amparo legal referente às instituições formadoras de jogadores, ameaçando a sustentabilidade de uma fonte de receitas vital aos clubes (MELO, 2011). O fruto da combinação entre a escassa elucidação perante a formação de base, e um mercado de transferências aquecido, se verificou numa realidade em que o assédio às pratas da casa se acentuou em demasia, acarretando a juvenalização do êxodo³¹ de prestigiosos talentos em direção as agremiações estrangeiras (RIAL, 2008).

Não à toa, nos anos subsequentes a chancela da lei Pelé, se sucedeu uma intensificação nos volumes de transferências de promessas brasileiras ao exterior (MORAES, 2015), ocorrido no ínterim entre 1998 e 2012³². Dentre as mais eminentes consequências desta ampliação das transações de futebolistas em formação, a grande quantidade de atletas brasileiros que realizaram sua profissionalização fora do país é uma delas. Outra importante repercussão, atrelada a anterior, é observada no decurso da busca pela realização de uma carreira futebolística profissional, quando um atleta opta pela naturalização³³, em virtude da oferta de conjunturas mais favoráveis para o exercício de seu ofício (melhores salários, postos de trabalho fixos, etc) em outras nações.

³¹ Com o amplo crescimento no volume de jovens atletas sendo transferidos, a atuação de empresários se torna cada vez mais intensa, o que pode levar a causar perdas econômicas para os clubes formadores, mas não se resume somente a isso. Empresários e agentes mal-intencionados, podem se utilizar do sonho para captação de esquemas relacionados a tráfico de pessoas (SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA, 2013).

³² Durante o período destacado, uma série de jogadores brasileiros realizaram seu processo formativo em clubes nacionais, para então serem transferidos ainda nas categorias de base e se profissionalizarem em clubes estrangeiros, como observado nos casos de Thiago Motta, Eduardo Alves Silva, Képler Laveran Lima Ferreira (Pepe), Diego Costa, Ederson, dentre numerosos outros casos.

³³ Dentre os inúmeros exemplos existentes no futebol brasileiro, um caso que ganhou os holofotes recentemente foi o do meio campo Jorginho, nascido em Imbituba-SC, se naturalizou Italiano sob o argumento de que o Brasil nunca lhe deu a chance de realizar seu sonho (GLOBO ESPORTE, 2021).

Concomitante a esta crescente abordagem internacional feita por agremiações formadoras, no contexto doméstico há a consolidação de uma situação similar, na qual os clubes de menor expressão assistem seus talentos serem integrados às *canteras* dos clubes de maior expressão³⁴ a troco de migalhas, acarretando num decréscimo das inversões destinadas às categorias de base por estas tradicionais equipes formadoras de atletas, uma vez que o vácuo legal estabelecido pela lei Pelé propicia uma situação para que estes investimentos não se sustentem economicamente, conforme observado no relato de um dirigente desportivo retratado por Melo (2011, p.150):

A Lei Pelé trouxe um problema para os clubes que formam jogadores. Por exemplo, o atleta chega aqui com 12 anos, nós o preparamos, damos escola, damos alimentação, etc. Só que, até os 16 anos, ele não pode assinar nenhum contrato. Então, hoje, o que acontece é que muitos olheiros vêm e levam esses atletas com a idade inferior a 16 anos para outros clubes. E nós que ficamos com eles durante três anos, que gastamos um monte de dinheiro, perdemos o atleta, pois o vínculo desse atleta é um vínculo amador, ou seja, é um vínculo mais frágil.

Na busca de modernizar o cenário futebolístico nacional, a Lei Pelé fragilizou os clubes em relação aos empresários e agentes de jogadores, aumentando a mercantilização dos atletas desde cedo e levando à rápida exportação de talentos para o exterior. A repercussão deste efeito, foi muito mais notório na desorganização financeira de clubes menos expressivos, que passaram a enfrentar ainda mais dificuldades para equilibrar suas contas e manter elencos competitivos, o que levou um enfraquecimento das categorias de base, comprometendo o desenvolvimento a longo prazo do futebol nacional.

3.2 – O SURGIMENTO DO CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR

Diante desta conjuntura marcada por uma legislação frágil, em conjunção com o desinteresse do Estado no seu cumprimento (DAMO, 2005), é oficializado no ano de 2011 pela lei nº 12.395, o Certificado de Clube Formador (CCF), um mecanismo jurídico que assegura a proteção legal aos investimentos despendidos nas categorias de base, realizados pelos clubes portadores deste certificado (BRASIL, 2011; MELO, 2011). Sendo de responsabilidade da confederação nacional, da modalidade em questão, a discriminação dos

³⁴ São representantes destas transferências realizadas ainda nas categorias de base, os casos de Richarlison (Real Noroeste - América-MG), Oscar (União Barbarense - São Paulo), Luan (América-SP - Grêmio), dentre inúmeros outros.

parâmetros para a promulgação do CCF, neste caso a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que define e aplica estes critérios no cenário futebolístico brasileiro a partir de ações das federações estaduais (BRASIL, 2011; MORAES, 2015).

Através da resolução presidencial da CBF (RDP Nº1/2012), é efetuada a oficialização do cabedal normativo referente a emissão do CCF sob o futebol brasileiro, havendo em sua redação um elenco de procedimentos e requisitos necessários a serem satisfeitos para a sua sanção, que foram delineados pela confederação com base em diretrizes estritamente desportivas, tanto para a categoria A, quanto para a categoria B (CBF, 2012; CBF, 2019). Em virtude do falecimento de dez promessas da base do Flamengo, num incêndio³⁵ ocorrido no alojamento das categorias de base do clube, as especificações para emissão do CCF foram revisadas, sendo abandonado o escalonamento previamente estabelecido (CBF, 2019).

Conforme revisto pela resolução da CBF (RDP Nº1/2019), as agremiações postulantes à homologação do CCF necessitam satisfazer uma série de exigências desportivas descritas na resolução para assegurar a sua emissão, tal qual a apresentação da relação de técnicos e preparadores físicos habilitados para o exercício da função, demonstrar a comprovação de inscrição em competições oficiais, apresentar um programa de treino compatível com a jornada escolar, dispor de instalações desportivas em boas condições de conservação, proporcionar acesso à uma rotina educacional, assegurar a frequência escolar dos jovens e as condições de saúde destes, oportunizar um contato familiar frequente, dentre outras responsabilidades (CBF, 2019).

Este refino na relação das exigências demandadas pelo CCF, retrata a modernização experimentada pelas categorias de base no cenário nacional, que se manifesta no cotidiano do processo formativo ao evidenciar a importância de garantir o caráter social da formação de atletas. A medida em que gradativamente as categorias de base se adequam aos critérios, um maior número de agremiações passa a ofertar estruturas e profissionais capacitados para a alicerçar o elenco de práticas humanizadas aos seus atletas, garantindo assimilar um maior número de profissionais na formação, ao dispor um atendimento multidisciplinar, para além de que o atleta frequente a escola, receba acompanhamento pedagógico, abrindo portas para um futuro não só esportivo (SÁ FILHO, 2011; TOLEDO, 2023³⁶).

O aumento no reconhecimento dado pelas agremiações à uma formação mais adequada,

³⁵ Mais informações em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/08/incendio-no-ninho-do-urubu-completa-tres-anos-ate-hoje-nenhum-dos-indiciados-foi-condenado-pela-tragedia.ghtml>

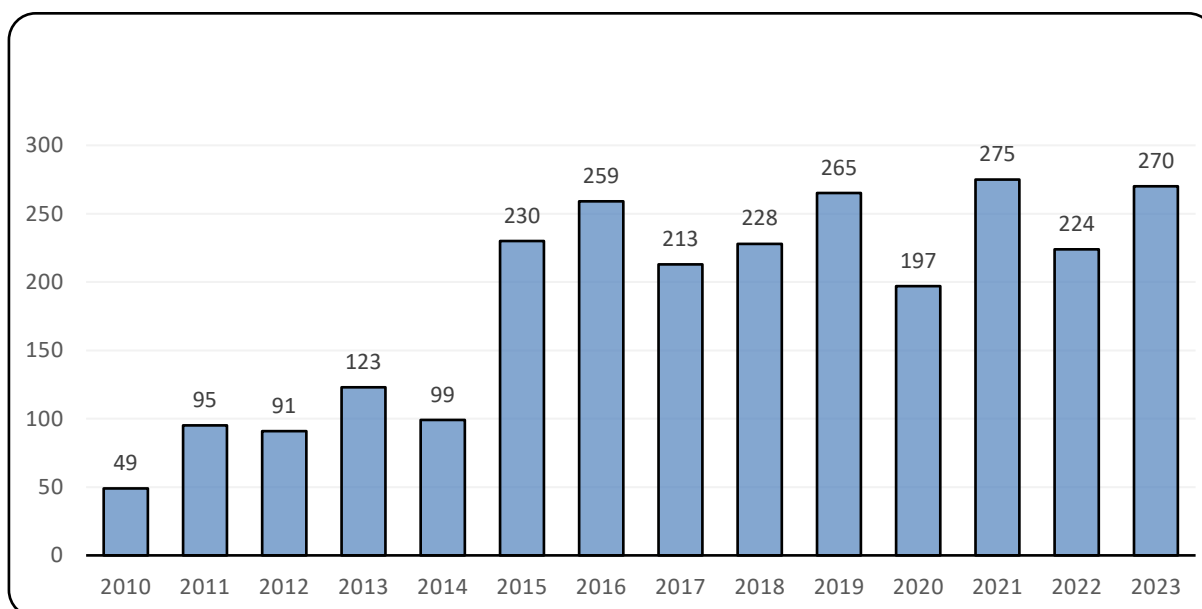
³⁶ TOLEDO, Thais. [Entrevista]. Entrevistador: Leandro Luís Lino dos Santos. Rio Claro, 30 nov. 2023.

é uma expressão material do propósito do CCF, que ao buscar atestar as qualidades técnicas presentes nas infraestruturas das categorias de base (CBF, 2019), induz uma adequação dos hábitos previamente existentes às necessidades vigentes. Por meio da introdução de profissionais aptos, passo a passo as categorias de base direcionaram sua atenção a acomodar suas ações aos objetos técnicos contemporâneos. Deste modo, há de se ressaltar que o principal encargo do CCF versa sobre a incorporação de objetos técnicos vinculados ao período técnico científico-informacional do futebol no cenário formativo brasileiro, pois a admissão de novos objetos técnicos traz consigo novas maneiras de manejá-los, assim como pontuado por Santos, (2006, P. 151):

Os objetos têm um discurso que vem de sua estrutura e revela sua funcionalidade. É o discurso do uso, mas, também, o da sedução. E há o discurso das ações, do qual depende sua legitimação. Essa legitimação prévia tornou-se necessária para que a ação proposta seja mais docilmente aceita, e mais ativa se torne na vida social.

Em virtude do amparo jurídico promovido pelo CCF, o cenário futebolístico nacional vivencia uma circunstância favorável à retomada de seus investimentos nas categorias de base, como se observa no gráfico 2.

Gráfico 2: Investimentos em categorias de base pelos principais clubes brasileiros³⁷ (2010-2021) - em Milhões de Reais



Fonte: Elaboração do autor com base em - Universidade do Futebol, Ivan Furegato, CCF

³⁷ São consideradas como as principais equipes do país, por parte dos relatórios Itaú BBA e Convocados XP, as 40 agremiações participantes das duas primeiras divisões do campeonato brasileiro.

Este ressurgimento observado nos volumes de investimentos desde o ano de 2012, se justifica pelo suporte legal provido, assegurando que todo o empenho financeiro, técnico e profissional despendido na adequação da infraestrutura as normas requeridas resulte na oferta de um processo formativo mais refinado aos atletas, aumentando a capacidade de retorno financeiro às agremiações pela negociação destes talentos (POTERIKO, 2022).

No decurso do seu período de vigência no futebol brasileiro, há de pontuar o destaque do CCF enquanto um importante pivô na retomada do crescimento nos investimentos destinados à formação de jogadores. Durante os anos de 2010 e 2011, que antecederam a assinatura do certificado, os valores observaram uma tendência crescente, orbitando a casa dos cem milhões de reais. Porém, o que se observa no período que se sucede a introdução do certificado, é um amplo crescimento nos investimentos.

O ano imediatamente seguinte a formalização do CCF traz um indício deste crescimento, aumentando os investimentos na ordem de vinte milhões de reais, em comparação ao ano anterior. Em 2014 há uma breve queda na quantia investida, mas que já supera o maior valor de investimento no período anterior ao certificado. A partir do ano de 2015 há uma mudança no patamar de investimentos destinados as categorias de base no país.

O crescimento observado de 2014 para 2015 foi de 131 milhões de reais, inaugurando um novo momento dos investimentos despendidos a formação de base, pois, desde então, os valores designados a formação de jogadores giram em torno dos 240 milhões de reais investidos. Mesmo havendo certas flutuações entre os anos, mais notadamente em 2020, há de se pontuar como o fluxo econômico dedicado as categorias de base se expandiu em abundância, ainda que grande parte dos clubes brasileiros estivessem atravessando uma sensível queda em suas receitas, ocasionada por conta da crise econômica do futebol brasileiro³⁸.

De acordo com esta retomada das inversões destinadas à formação de atletas, muitas agremiações brasileiras empreenderam proeminentes melhorias no elenco de infraestruturas usufruídas por estas divisões, como a construção/manutenção de um CT para as promessas, aperfeiçoamentos nos alojamentos, nos equipamentos dispostos para seus treinos, na relação dos profissionais empregues, dentre incontáveis outros aspectos.

Perante as repercussões proporcionadas por esta ampla relação de arremates às

³⁸ O futebol brasileiro observou uma ampla queda nas suas receitas durante os anos de 2014 e 2018, motivado por uma sucessão de circunstâncias desfavoráveis, dentre elas: a recessão econômica que o país vivia, em conjunção com os maus resultados em campo, além da eclosão de denúncias envolvendo cartolas da CBF em casos de corrupção, como FIFAGATE em 2015 (COLAGROSSI, 2020).

instalações físicas e aos profissionais vinculados aos treinamentos, a primordial expressão destes aperfeiçoamentos ocorre dentro do campo de jogo. A partir da disposição de melhores condições de treinos, o processo formativo destes jogadores se sucede de maneira mais refinada, ao abordar em maior minúcia o desenvolvimento de recursos físicos, técnicos e táticos destas promessas, favorecendo a revelação de atletas mais qualificados a atuar na categoria profissional.

Uma outra ressonância acerca da retomada dos investimentos em categorias de base promovida pelo certificado, que muitas vezes passa despercebida, se refere as localidades nas quais são consolidadas estas inversões. Apesar do CCF ser um documento de alcance nacional, sua distribuição territorial é marcada por uma ampla concentração, ou seja, as benesses descritas acima somente povoarão uma parcela do território, aprofundando a tamanha disparidade existente entre os grandes centros do futebol brasileiro e as demais localidades do país.

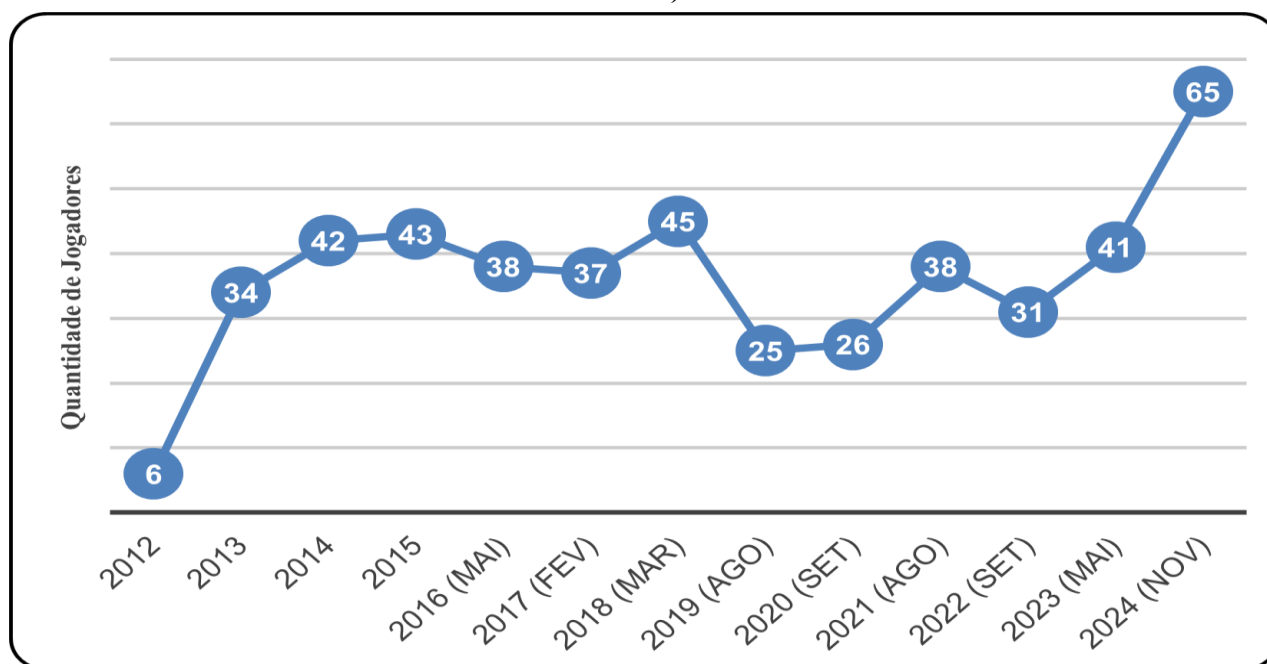
O modo pelo qual o CCF é posto em prática, evidencia como a necessidade de adesão a legislações modernas a uma dinâmica territorial existente causa uma série de atritos em seu acômodo a tal circunstância. De início, a CBF observou o CCF como uma certificação atrelada a um aparelho jurídico, porém, a sua distribuição pelo território nacional não ocorre de maneira homogênea, ela se instala numa dinâmica desigual e aprofunda este cenário. Ao acentuar as desigualdades existentes, o CCF moderniza somente uma pequena parcela das categorias de base do país, sendo um claro exemplo daquilo que (RODRIGUES, 2007) chama de “modernização conservadora do futebol”.

3.3 – O TERRITÓRIO NORMADO DO CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR

Através dos 12 anos desde o seu referendo, o Certificado de Clube Formador tem sido um pivô fundamental acerca da mudança significativa na forma como as categorias formativas são desenvolvidas e geridas no país. Sua função de atestar as qualidades técnicas para a formação de atletas (CBF, 2019), vem trazendo importantes repercussões no que diz respeito ao aperfeiçoamento das principais infraestruturas relativas as categorias de base no Brasil. Tais melhorias, são experimentadas a partir de processos formativos mais elaborados, o que leva a constituição de um jogador mais valioso, devido ao desenvolvimento das valências necessárias para a prática do futebol atual.

O elenco de repercussões atribuídas ao CCF é vasto, indo desde a melhoria das instalações físicas das categorias formativas, passando pela incorporação de novas tecnologias, e chegando até a admissão de novos profissionais a atuarem no processo de formação de jogadores, como psicólogos, analistas de desempenho, nutricionistas, dentre outros. Este ímpeto desempenhado pelas agremiações em garantir a melhoria das infraestruturas relacionadas as suas categorias de base, somente ocorre a partir do amparo legal provido pela legislação, que assegura as receitas do “mecanismo de solidariedade interno”³⁹ as equipes certificadas, o que resguarda os investimentos realizados pelo clube no momento de venda do atleta. Em virtude disto, não é à toa a tendência crescente da quantia de clubes que buscam a emissão do CCF, como se observa no gráfico 3.

Gráfico 3: Quantidade de Clubes portadores do Certificado de Clube Formador (2012-2024)



Fonte: Elaboração do autor com base em - Universidade do Futebol, Ivan Furegato, CBF

Conforme observado no gráfico 3, a corrida pela emissão do certificado foi intensa nos primeiros anos. No seu ano inaugural, poucas agremiações se interessaram pela emissão, sendo somente Athletico-PR, Palmeiras, Paraná Clube, Portuguesa e Vitória que foram certificados (MORAES, 2015). Se em 2012 poucos clubes buscaram a certificação, o ano de 2013 foi

³⁹ De acordo com Melo (2011, p.175-176): (...) o mecanismo de solidariedade é uma distribuição de renda às entidades formadoras de prática desportiva, anteriores ao clube-destino na cadeia de negociação do atleta, desde os seus 12 anos até a idade limite de 23 anos. (...) Aduza-se que o mecanismo de solidariedade, antes adstrito à normatividade internacional, agora passa a ganhar espaço no âmbito interno (...).

testemunha de um amplo salto na quantidade de clubes certificados, saindo de 6 certificados emitidos, para um total de 34 certificados. Entre 2013 e 2018, a busca pelo CCF se intensificou, atingindo a quantia de 45 agremiações portadoras deste documento.

Ao mesmo tempo em que o CCF ganhava terreno no futebol brasileiro, importantes deficiências em seus critérios foram manifestadas, sendo a mais notória destas a tragédia ocorrida no ninho do urubu, que vitimou 10 talentos da base do Flamengo. O indevido modo pelo qual os dormitórios das categorias de base se encontravam em 2019, propiciou o florescer de uma série de questionamentos acerca da conduta da CBF e da validade do certificado (SABINO, GARCIA, 2019), uma vez que a agremiação tinha sido cancelada com o documento. Tanto que, para os anos subsequentes, os critérios adotados pela CBF na emissão do certificado dispunham de maior rigor (MOREIRA, 2020). Este aumento no rigor, se observa na drástica queda ocorrida na quantidade de clubes certificados em 2019, e na manutenção das mesmas equipes para a emissão em 2020.

Logo na esteira do acontecimento, a CBF reviu a resolução presidencial que versava acerca da emissão do CCF (RDP N°1/2012), de modo a reforçar o caráter esportivo do certificado, a sua aplicação através das federações estaduais, e a sua isenção de ser considerado como um documento que ateste o direito de utilização ou funcionamento de seus centros esportivos, locais de treinamento, sendo tais decisões de incumbência do poder público (CBF, 2019). Com a intensificação das normas para a emissão do CCF (RDP N° 1/2019), o número de equipes que conquistaram o documento observou um grande crescimento, saltando de 38 em 2021 para 54 em 2024. Um dos aspectos que há de ser ressaltado como justificativa para este crescimento, é a importância do certificado na profissionalização do cenário formativo no futebol brasileiro (TOLEDO, 2023)⁴⁰, pois, a busca pela adequação aos novos parâmetros de formação de atletas, traz consigo um trato do atleta símile a de um ativo econômico, um modo de pensar as categorias de base que aproxima de uma concepção mercantil, sob o título de modernidade.

Guiadas pela finalidade de modernizar o cenário formativo brasileiro, as federações estaduais são as entidades responsáveis pelo cumprimento dos parâmetros estabelecidos pela confederação brasileira de futebol. No decorrer desta função, o processo de emissão do CCF evidencia as disparidades normativas existentes, uma vez que cada confederação estadual acresce critérios a serem cumpridos pelas agremiações, não havendo um diálogo entre estas

⁴⁰ TOLEDO, Thais. [Entrevista]. Entrevistador: Leandro Luís Lino dos Santos. Rio Claro, 30 nov. 2023.

entidades numa tentativa refinar o processo de avaliação (BRASIL, 2011, MORAES, 2015). Cada uma inclui algo que mais condizente a sua realidade. Em virtude desta circunstância, há a possibilidade de cada uma das federações elaborarem um cabedal de critérios próprios, assim como pontua Toledo (2023)⁴¹:

Cada federação possui um protocolo individual de avaliação, por conta da minha proximidade à FPF, eu sei que eles possuem um manual específico de aplicação do CCF. Esta lista de requisitos mínimos pedidos pelas federações, são transmitidos aos clubes para a realização de uma análise das infraestruturas. Uma vez realizada esta análise, ela é encaminhada à CBF onde será feita uma outra análise, desta vez conforme os protocolos próprios da confederação, para então ser cancelado o CCF a agremiação requerente.

Tendo isto em mente, há um constante debate entre as federações estaduais, no que se refere a flexibilização dos critérios tomados como parâmetro pela CBF (SALES, 2019). De um lado, existem federações que almejam flexibilizar as normas para assegurar um maior número de clubes certificados, uma vez que os critérios vigentes são considerados inalcançáveis por grande parte das suas agremiações administradas (MORAES, 2015). Porém, há do outro lado uma série de federações que buscam adotar o CCF, a partir do seu intuito final, a garantia de que a consolidação de melhorias nas infraestruturas irá promover o desenvolvimento das categorias de base (MORAES, 2015).

Esta contínua discussão existente entre as federações, é uma demonstração concreta do pluralismo jurídico existente dentro do âmbito futebolístico brasileiro, uma vez que há a convivência em harmonia de sistemas de ações jurídicas distintas, dentro de um território nacional consolidado (ANTAS JR, 2005). O modo pelo qual foi elaborado o procedimento de emissão do CCF, evidencia as características territoriais das frações administradas por estas entidades privadas, as federações estaduais. Mesmo com uma revisão derradeira, realizada por parte da CBF, há de se ressaltar que a implementação do certificado ocorre sob a consideração de parâmetros vinculados às características locais.

3.4 – O PÚBLICO ALVO DO CERTIFICADO DE CLUBE FORMADOR E AS SUAS LOCALIDADES

Ainda que o seu escopo fulcral seja pautado no estímulo aos investimentos em categorias de base por todo o cenário brasileiro, um exame mais detido acerca do seu horizonte de atuação exprime a sua real aplicação, caracterizada por sua restrição a uma parcela muito

⁴¹ TOLEDO, Thais. [Entrevista]. Entrevistador: Leandro Luís Lino dos Santos. Rio Claro, 30 nov. 2023.

diminuta de equipes do futebol nacional, visto que das 1430 agremiações ativas no país, somente 54 dispõem do título (YOUNG, 2019). Um olhar minucioso dedicado a este reduzido elenco de equipes certificadas, traz à tona o quão díspar é a atuação do CCF no cenário do futebol nacional, conforme observado na tabela 5.

Tabela 5: Quantidade de clubes portadores do CCF - por divisão nacional (2024)

Divisão de Atuação do Clube	Quantidade Total de Clubes por divisão	Quantidade de Clubes Certificados	Porcentagem de Clubes Certificados no total
Campeonato Brasileiro – Série A	20	18	90%
Campeonato Brasileiro – Série B	20	12	60%
Campeonato Brasileiro – Série C	20	4	20%
Campeonato Brasileiro – Série D	64	4	6,25%
Primeira Divisão Estadual	274	4	1,45%
Segunda Divisão Estadual	254	5	2%
Terceira Divisão Estadual	107	1	0,93%
Quarta Divisão Estadual	28	1	3,58%
Categorias de Base	556	5	0,90%

Fonte: CBF, 2024

No que diz respeito a competições de maior patamar competitivo, a presença do certificado nas agremiações participantes é bem difundida, havendo 30 equipes certificadas entre as duas principais competições brasileiras (primeira divisão e segunda divisão do campeonato nacional), sendo que 18 das equipes certificadas figuram na primeira divisão e as restantes 12 figuram na segunda divisão.

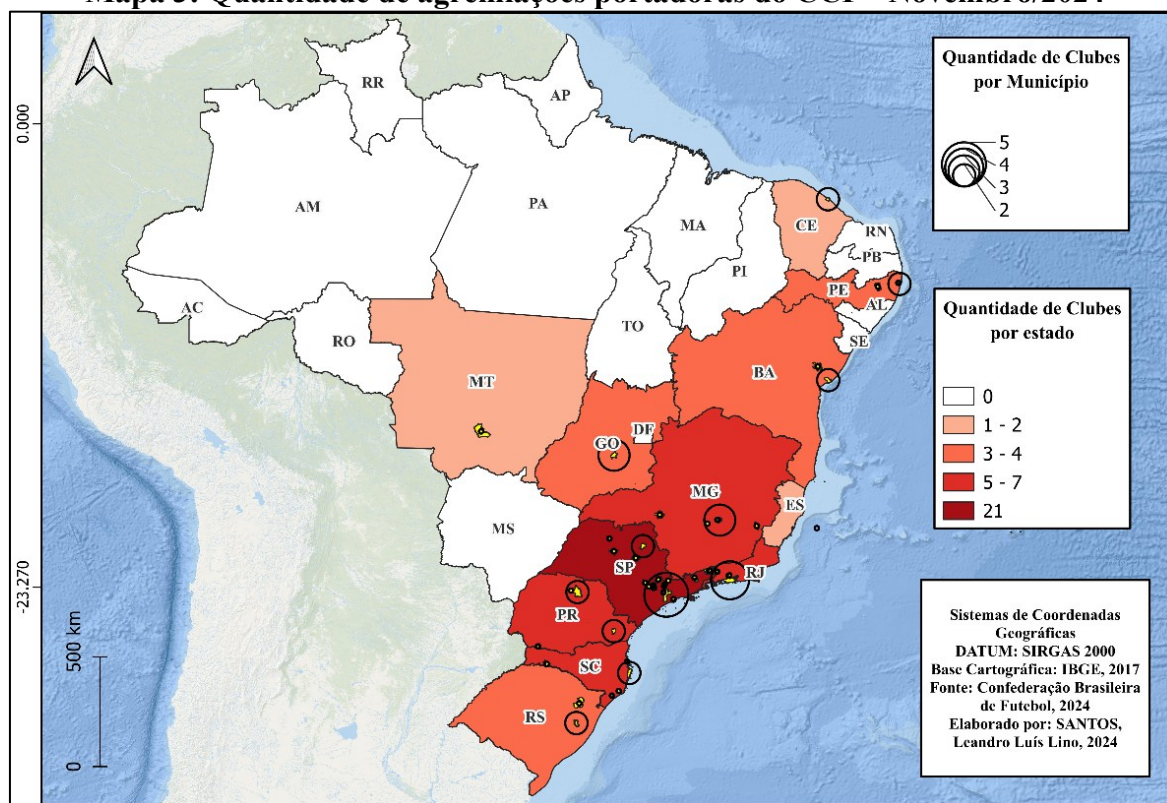
Já no que se refere as divisões de acesso, a quantidade de agremiações certificadas decai em comparação aos principais certames. Levando em conta a terceira e quarta divisão nacional, junto dos campeonatos estaduais e suas divisões inferiores, se reúne um total aproximado de 644 clubes (OGOL, 2024)⁴², dentre os quais o CCF é uma raridade entre aquelas equipes que disputam estas competições, uma vez que somente 19 equipes dispõem deste documento.

Dos 84 clubes que disputam a terceira e quarta divisão nacional, somente 8 deles possuem o certificado. Ao abordar as divisões estaduais, a presença do certificado diminui ainda mais, pois de um total aproximado de 560 clubes, somente 11 destes cumpriram os requisitos para a emissão do certificado. As 5 vagas restantes neste elenco, são destinadas a clubes formadores. Tendo em vista o que foi posto, se revela o caráter elitista pelo qual o CCF regula o futebol nacional, uma vez que a sua disposição para melhoria das infraestruturas é uma realidade bastante reduzida dentro do futebol nacional.

Esta discrepância observada entre os patamares competitivos dos clubes que dispõem do certificado, não se circunscreve somente a relação de certames disputados, ela também se manifesta nas esferas normativa e espacial, pois ao lançar um olhar mais apurado acerca das agremiações detentoras do título, é possível constatar que o futebol retrata as amplas diferenças existentes na disposição do fenômeno técnico no país. O empenho de maior atenção à distribuição espacial do Certificado do Clube Formador, demonstra a destacada predominância espacial nas unidades federativas localizadas no centro-sul do país, em detrimento daquelas situadas nas demais regiões do país, como se observa no mapa 3.

⁴² O levantamento foi realizado a partir das informações providas pelo portal OGol, referente as edições de 2024 dos certames. Foram considerados como divisões de acesso a terceira divisão do campeonato brasileiro (Série C), a quarta divisão do campeonato brasileiro (Série D), em conjunção as primeiras, segundas, terceiras e quartas divisões dos campeonatos estaduais. Para mais informações acesse - <https://www.ogol.com.br/>

Mapa 3: Quantidade de agremiações portadoras do CCF - Novembro/2024



Fonte: CBF

De todas as 54 agremiações portadoras do CCF, somente 9 registros não são referentes a clubes das regiões Sul e Sudeste do país. Esta ampla concentração na parcela centro-sul do país, é um retrato de como as emissões do certificado ocorrem nas localidades em que há uma combinação entre o tradicionalismo dos clubes na prática do futebol, em conjunto ao extenso volume de investimentos dispendidos. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais abrigam os maiores volumes de clubes certificados, havendo 17 clubes paulistas, 7 agremiações mineiras e fluminenses portadoras do CCF. Este destacado protagonismo, é justificado pela combinação de haver agremiações renomadas no futebol, ao mesmo tempo em que há uma grande disposição de capitais para investimentos, seja das instituições consagradas ou de clubes mais novos, o que consolida a importância destes estados na dinâmica do CCF.

No que diz respeito aos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, estes abrigam um total de 7 clubes combinados, 4 deles são agremiações paranaenses e 3 delas são instituições gaúchas. Apesar dos clubes destes 2 estados disporem de tradição no cenário futebolístico nacional, somente uma parte deles dispõem dos capitais necessários para assegurar a adequação requerida para a emissão do certificado. Em virtude desta situação, a quantidade de certificações

é mais reduzida.

Quanto ao estado de Santa Catarina, o que se observa é o inverso. Ainda que as agremiações catarinenses não sejam tão expressivas no cenário nacional ou internacional, obtendo somente uma conquista de relevância nacional⁴³ e uma destaque internacional⁴⁴ (RSSSF, 2024), o estado é o que mais concentra clubes portadores do CCF na região sul do Brasil, contando com um total de 6 agremiações certificadas. O futebol catarinense vem sendo marcado por um crescimento nos investimentos em agremiações futebolísticas, o que viabiliza a formação de agremiações voltadas a venda de jogadores recém-formados como o Barra Futebol Clube, o Nação Esportes, o Clube Atlético Tubarão, dentre outros. Este crescente surgimento de clubes especializados na venda de jogadores no estado, retrata como uma parte deste incremento nas quantias investidas no futebol catarinense foi desembolsada visando comercializar as categorias de base (COSTA, SILVA, 2006).

Relativo aos restantes certificados emitidos, estes se distribuem em somente outras duas regiões do país, o Nordeste e o Centro-Oeste brasileiro. De todos os nove clubes certificados, sete são agremiações nordestinas. O destaque secundário dos clubes Nordestinos no arranjo espacial do CCF, é justificado por uma destacada tradição regional e nacional, mas que não é acompanhada de maneira habitual por eminentes triunfos competitivos profissionais, muito ocasionado por conta das disparidades econômicas existentes para com as equipes do centro-sul do país.

Esta dissemelhança no volume de capitais, ajuda a entender a disposição dos clubes certificados nesta região. Ao passo em que nas regiões Sul e Sudeste, existam uma grande quantidade de agremiações certificadas que se situam em cidades interioranas, esta não é a realidade para as equipes nordestinas, que observam a maioria de suas agremiações certificadas se localizarem nas suas capitais estaduais (THERY, 2006), ou nas cidades pertencentes as regiões metropolitanas adjacentes, com a única exceção sendo a Associação Desportiva Bahia de Feira (Feira de Santana).

No estado da Bahia, existem 2 clubes agraciados pelo certificado, o Esporte Clube Bahia, de Salvador, e o supracitado Bahia de Feira. Já no estado do Pernambuco, todos os seus clubes certificados se situam na região metropolitana de Recife, sendo eles o Sport Clube do Recife, o Náutico e o Retrô Futebol Clube, sendo este último da cidade de Camaragibe. Além

⁴³ Criciúma 1991 – Copa do Brasil

⁴⁴ Chapecoense 2016 – Copa Sul-Americana

destes, no estado do Ceará os dois clubes certificados são da capital, o Fortaleza e o Ceará.

A respeito da região Centro-Oeste, a região conta com somente quatro clubes certificados com o CCF, sendo considerada como aquela que dispõe do menor número de clubes portadores do certificado. O porquê para esta pequena expressão, reside na combinação de pouca tradição futebolística de suas agremiações, acompanhado de um diminuto volume de investimentos, quando comparadas as equipes das demais localidades do país. Em virtude desta combinação, não se observa uma grande quantidade de clubes, sendo somente o Goiás, o Atlético-GO, o Vila Nova e o Cuiabá os representantes dos estados do Centro-Oeste brasileiro no elenco dos agraciados com o CCF.

Este mergulho acerca das minúcias do arranjo espacial do CCF no território brasileiro, retrata a disposição do fenômeno técnico no país. O volume de certificações emitidas pela CBF evidencia como as emissões do certificado acompanham a densidade técnica disposta por cada região nacional. O protagonismo fica por parte da região concentrada, em virtude da maior densidade técnica em seus limites, já o segundo posto é ocupado pela região nordestina, pois é uma região caracterizada pela distribuição pontual dos sistemas técnicos. Por último, temos a região Centro-Oeste, que se destaca por sua incorporação recente de sistemas técnicos, quando comparado as demais regiões do país (SANTOS, 2001).

Apesar das importantes melhoras no modo em que são formados os jogadores, a vigência deste certificado não altera o papel desempenhado pelo futebol brasileiro no cenário internacional, ele somente estimula a continuidade deste sistema (SOARES, ET AL, 2010). Seu principal objetivo não versa sobre a retomada do protagonismo internacional do futebol brasileiro, mas sim pela consolidação do país como o principal centro formador da América do Sul. Não à toa, no momento atual do futebol brasileiro, se testemunha uma ampliação de seu papel exportador de pé-de-obra para o exterior (ALVITO, 2006).

3.5 – A CRESCENTE ATRAÇÃO DE JOGADORES ESTRANGEIROS POR PARTE DAS CATEGORIAS DE BASE BRASILEIRAS

Diante de uma conjuntura em que o futebol cada vez mais expressa o fenômeno da globalização, a promoção da internacionalização das fronteiras e dos produtos favorece a expansão do horizonte de atuação do cenário do futebol brasileiro. Há algumas décadas, se tornou um hábito para os clubes brasileiros incorporem jogadores sul-americanos em seus plantéis no nível profissional, uma vez que o futebol brasileiro é o mais predominante economicamente dentro da América do Sul. Em virtude das disparidades comerciais existentes

entre os campeonatos nacionais, os jogadores profissionais buscavam vir para alcançar melhores salários e se possível uma transferência ao futebol europeu. Esta situação se desenvolveu durante décadas no futebol profissional, e agora está se desenvolvendo no futebol de base nacional, porém, pouco se discorre sobre.

O aumento na captação de talentos estrangeiros, realizados por agremiações brasileiras, é uma das repercussões do CCF no cenário formativo nacional. Diferentemente de outras, muitas vezes esta situação passa despercebida, pois esta realidade contradiz o fato de que o Brasil é a nacionalidade que mais transaciona jogadores no mundo. Sob um olhar do senso comum, emerge a questão da necessidade de contratação de jovens estrangeiros, sendo que temos tantos outros aqui.

Este movimento está atrelado ao CCF, pois aquelas equipes que portam o documento, dispendem maiores quantias no aperfeiçoar suas infraestruturas, incorporando objetos técnicos hegemônicos, de modo a oferecer melhores condições para estadia e manutenção de seus jogadores, o que amplia os seus horizontes de atividade, tanto para atuar no interior do território nacional, quanto para expandir as nações vizinhas. Com o aumento na área de atuação das equipes certificadas, aos clubes se torna viável investir num atleta estrangeiro promissor, uma vez que a agremiação dispõe dos meios para mantê-lo.

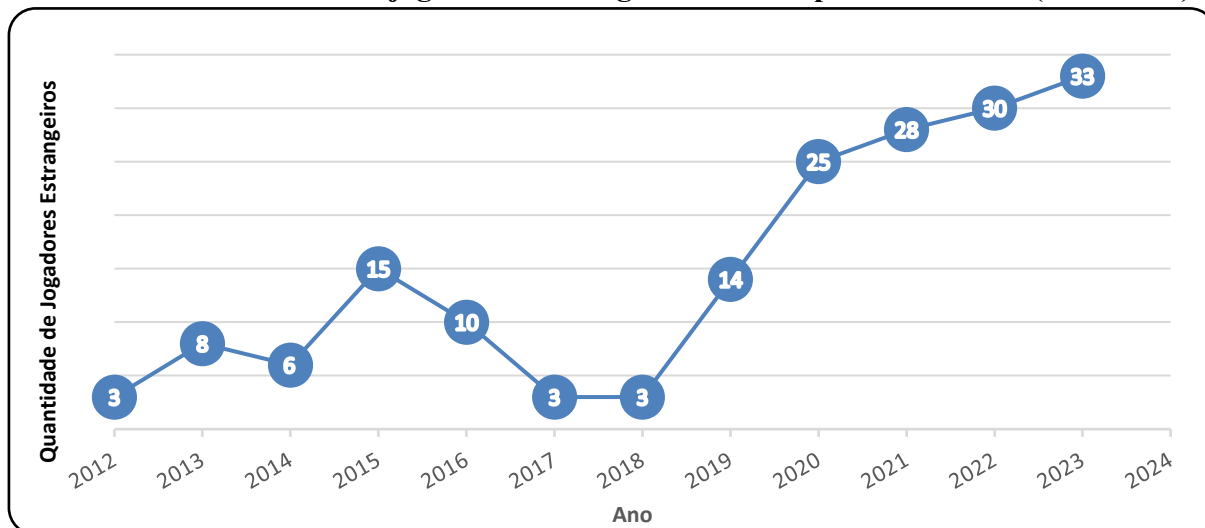
Em simultâneo a ampliação da atuação dos clubes brasileiros, este crescimento do desembarque de promessas estrangeiras nas categorias de base brasileiras é justificado pelo aspecto econômico. Conforme o Brasil se consolidou como o principal país exportador de jogadores ao exterior, gradativamente os valores que povoavam as transações por atletas em formação começaram a aumentar. Deste modo, com a vigência do CCF, os valores rescisórios observaram grandes crescimentos, o que levou a contratação de jogadores nacionais a se tornar um negócio menos vantajoso economicamente, quando comparado a trazer um talento estrangeiro, que dispõe de um movimento de negociação mais simples, assim como validado pelo depoimento de Júnior Chávare⁴⁵, em entrevista ao Globo Esporte (2021):

Muitas das negociações são mais simples, tanto no aspecto comercial quanto financeiro, de serem realizadas fora do país do que aqui dentro. Os clubes do Brasil em sua maioria já têm hoje uma estrutura muito bem montada, são clubes que estão se formando para serem vendedores, e clubes vendedores já se colocam num patamar de referência financeira que inviabiliza trazer o jogador para que você possa observar com mais calma, com mais possibilidade - acrescenta.

⁴⁵ Júnior Chávare foi um diretor e gerente de futebol, que durante seu período de atuação, contou com passagens como dirigente no Coritiba, na A.E. Ferroviária, foi gerente de futebol no E.C. Bahia, além de contar com passagens pela de Grêmio, São Paulo e Atlético-MG

Tendo isto em mente, no decorrer do período de vigência do certificado, o desembarque de jovens promessas estrangeiras se ampliou em demasia, conforme exposto no gráfico 4.

Gráfico 4: Quantidade de jogadores estrangeiros no Camp. Bras. Sub-20 (2012-2023)



Fonte: Portal Ogol

A influência do CCF na habituação do futebol brasileiro com a chegada de promessas estrangeiras, é algo que se torna mais evidente a partir do ano de 2018. Até o dado momento, a presença estrangeira nas categorias de base brasileiras era diminuta, havendo somente um pequeno pico no ano de 2015. Todavia, este pico se tornaria pequeno, quando comparado com o volume que viria período seguinte.

Enquanto o primeiro momento do gráfico (2012-2018) foi marcado por um crescimento repentino seguido por uma queda até atingir o patamar pretérito, o segundo momento do gráfico se caracteriza por expor uma destacada escalada nos volumes. Entre os anos de 2018 e 2019 a quantidade de jogadores saltou de um total de 3, para um total de 14 atletas. O amplo crescimento se manteve nos anos seguintes, quase não levando em consideração o período da pandemia de COVID-19, uma vez que a quantidade de estrangeiros em 2020 foi maior que no ano anterior, o volume de jogadores em 2021 superou o do ano anterior, e no momento de reabertura da pandemia, em 2022, o valor superou o prévio.

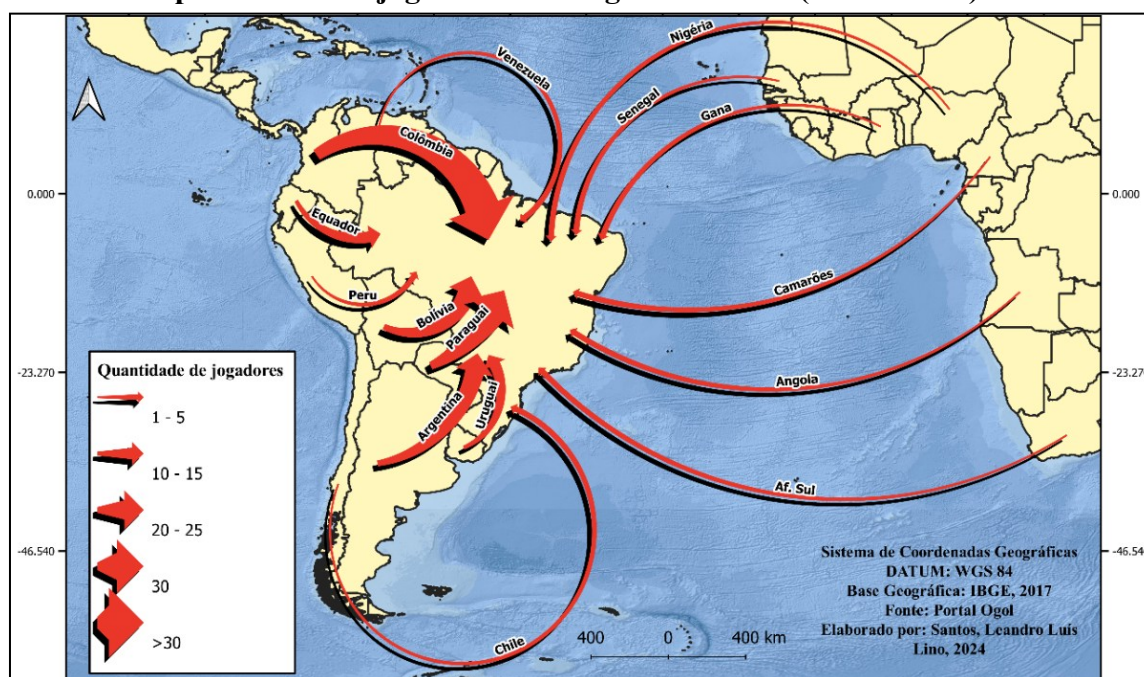
Ao observar a tendência crescente deste gráfico, se torna evidente como o papel desempenhado pelo futebol brasileiro no cenário internacional se manteve o mesmo, sendo somente acrescida uma característica ao seu propósito internacional, a titulação de centro futebolístico de áreas periféricas do futebol internacional. Com a disposição de um modelo formativo adequado as necessidades do jogo, em conjunto com infraestruturas de ponta,

resultam numa circunstância em que o Brasil se aprofunda como formador de pé-de-obra para exportação.

Com o desembarque cada vez mais frequente de jovens estrangeiros no futebol brasileiro, certos fluxos migratórios se tornam mais destacados do que outros. Durante o decurso de atuação do CCF, aportaram em terras brasileiras jogadores Estadunidenses, Italianos, Suíços, Italianos e até Finlandeses. Todavia, é preciso levar em consideração quais são as nacionalidades mais comuns para entender os impactos do certificado, como se observa no mapa 4.

No que diz respeito as nacionalidades, se observa que a maioria das migrações de atletas são daqueles advindos de países Sul-Americanos, como Colômbia, Paraguai, Argentina, Equador, dentre outros. Diferentemente do esperado, jogadores Argentinos e Uruguaios não figuram como as nacionalidades protagonistas deste fluxo migratório, uma vez que ambos os países dispõem de grande tradição futebolística. O protagonismo destas transferências fica por conta dos jogadores Colombianos e Paraguaio, que almejam a garantia de condições mais favoráveis no Brasil para o desenvolvimento de suas carreiras.

Mapa 4: Fluxo de jogadores estrangeiros Sub-20 (2012 – 2023)



Fonte: Portal Ogo

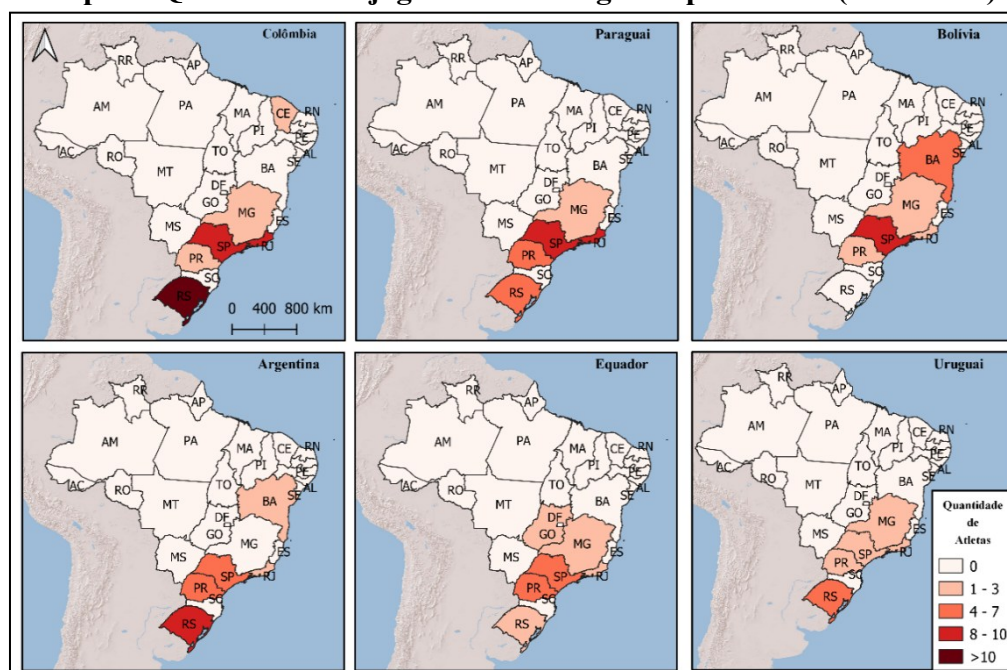
Apesar do fluxo sul-americano ser o mais importante, também se observa um ramo de fluxos migratórios muito intrigante, aqueles jogadores que migraram do continente Africano para o Brasil. Atletas nascidos em Gana, Nigéria, Angola, Camarões, Senegal e na África do Sul optaram por migrarem ao país do futebol para desenvolver o seu processo formativo. O

volume de jogadores vindos do lado africano do atlântico é muito mais reduzido, quando comparado aos vizinhos sul-americanos, porém, estes fluxos são muito mais intrigantes devido ao fato de que clubes brasileiros vêm recrutando atletas africanos para seus plantéis, algo que evidencia como que o país se consolidou como um centro formativo regional.

O desembarque destes talentosos jovens no território nacional, ocorre ao final da adolescência, de modo em que estes aspirantes a atletas componham as categorias sub-20 das equipes brasileiras. No momento de acolhimento deste jogador, dependendo das circunstâncias, é dedicada uma maior atenção para que o jovem se sinta confortável, que ocorre por meio da oferta de um curso de idioma, um apoio psicológico, dentre outras atividades (MAGATTI, 2021). Conforme a chegada de jogadores estrangeiros se torna cada vez mais comum para integrar as categorias de base brasileiras, se torna cada vez mais evidente a importância do CCF para a viabilização destes movimentos migratórios.

Para a grande maioria dos atletas que migram para o país, há a busca pela garantia de melhores condições para o seu processo formativo, para então alçar voos mais altos em suas carreiras profissionais. Estas equipes que vão prover o jogador com as melhores infraestruturas para o seu crescimento, grande parte delas dispõem do certificado, uma vez que o propósito do certificado é a modernização do cenário formativo, não a pulverização do cenário formativo. Tendo isto posto, os atletas estrangeiros que migram para o país estarão alocados em agremiações portadoras do CCF, na maioria dos casos, como se observa no mapa 5.

Mapa 5: Quantidade de jogadores estrangeiros por estado (2012-2023)



Fonte: Portal Ogol

Ou seja, a disposição destes jogadores reflete o propósito do certificado no cenário das categorias de base, que é marcado pela certificação de dois grandes grupos de clubes, aqueles que dispõem de uma grande tradição na prática futebolística, e aqueles que foram criados sob a justificativa de promover a venda de jogadores.

Ao dedicar maior atenção à disposição das principais nacionalidades que migram às categorias de base, logo se observa um padrão entre todas elas, o destaque das equipes pertencentes ao centro-sul do país. Os times dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul, são aqueles que acolhem com maior frequência os jogadores estrangeiros, o que é algo compreensível, pois estes estados concentram 57% do total de agremiações certificadas.

Apesar de haver um padrão de distribuição, cada uma das seis principais nacionalidades dispõe de um arranjo espacial característico, sendo este motivado por uma miríade de fatores, como: proximidade do país natal, relevância nacional e internacional, parcerias estabelecidas entre clubes, dentre muitos outros.

No que se refere a distribuição espacial dos jogadores Colombianos, tais atletas estão em maior quantidade nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, havendo outros atletas presentes em clubes paranaenses, mineiros e cearenses. Já no que concerne os jogadores Paraguaio, estes se localizam em maiores quantias nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, havendo uma considerável presença destes nos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. Os atletas Bolivianos se distribuem de maneira mais concentrada entre os estados de São Paulo e da Bahia, sendo presentes também nos clubes paranaenses, mineiros e cariocas, desta vez em menores números. Argentinos e Uruguaios dispõem-se no território brasileiro de maneira semelhante, com maior foco no Rio Grande do Sul, seguido dos estados do Paraná e São Paulo. Por último, os jogadores Equatorianos se localizam em maior demasia entre os estados de São Paulo e do Paraná.

CONCLUSÕES

Mediante o decorrer das últimas três décadas, os estudos de futebol observaram um vultoso crescimento no volume de produções acadêmicas desenvolvidas, situação constatada pela evolução na profusão de publicações destinadas ao tema, que em 1990 somava 13 livros publicados, ao passo que em 2014 foram 47 publicações (SOUZA, et. al, 2019). No entanto, há uma evidente escassez de interpretações geográficas sobre o esporte das multidões, que pode ser justificada pelo débil interesse disposto pelos geógrafos em aprofundar os estudos acerca dos esportes, em especial do futebol.

O tradicional desdém geográfico em desenvolver pesquisas relacionadas a fenômenos populares, como os esportes, os festejos tradicionais, as religiões, dentre outras temáticas, fizeram com que a ciência geográfica se abstivesse de contribuir para os estudos futebolísticos, algo que contradiz a natureza das próprias práticas esportivas, pois estas são inerentemente geográficas (GAFFNEY, 2014). Utilizar o futebol como um prisma de observação do espaço, é algo pouco recorrente nos estudos geográficos, porém, quando é empregue este enfoque com o intuito de compreender a dinâmica espacial, se torna evidente como que esta temática pode contribuir tanto para a geografia, quanto a disciplina geográfica tem a colaborar com o desenvolvimento de estudos relacionados a esta prática.

Não à toa, se tem verificado, um aumento de produções acadêmicas de caráter geográfico no que concerne os estudos futebolísticos, nos últimos anos. Todavia, estas obras têm sido protagonizadas por autores advindos de áreas correlatas a geografia, como a história, a antropologia, a economia, a sociologia, dentre outras disciplinas do conhecimento científico. As razões pelas quais o volume de trabalhos de cunho geográfico, escrito por autores que não são geógrafos, são numerosas, indo desde maior tradição nos estudos futebolísticos que a sua disciplina de formação possui, passando por um entendimento de vínculo entre o esporte e o seu local de formação, chegando até no interesse de entender as lógicas existentes por detrás do cenário futebolístico. No final das contas, todas estas motivações buscam responder uma questão, através do uso do conhecimento geográfico. Tendo dito isto, a geografia precisa estar presente nestes debates, pois é possível contribuirmos com estes estudos.

É imerso neste contexto de produção geográfica acerca do futebol que este trabalho foi idealizado e realizado. Ainda que o campo dos estudos futebolísticos seja pouco desenvolvido na geografia, ele possui maior robustez em outras disciplinas, que já versaram sobre diversos

aspectos do esporte das multidões. Visando trazer uma maior contribuição, o objeto de estudos da pesquisa sofreu uma grande mudança no decorrer da investigação, sendo deixado para trás uma análise do papel exercido pelo futebol brasileiro no cenário internacional, em virtude de farta bibliografia, para abordar um aspecto pouco abordado em estudos futebolísticos, as categorias de base.

O cerne escolhido para a elaboração desta investigação foi a influência espacial do Certificado de Clube Formador na dinâmica formativa brasileira. Esta temática foi escolhida, pois no decorrer do período de vigência do Certificado de Clube Formador (2012 - 2024), observou-se a introdução de uma nova regulamentação no cenário do futebol brasileiro, elaborada com o intuito de promover o aprimoramento das infraestruturas disponibilizadas pelas agremiações futebolísticas formadoras de atletas, sendo esta legislação escrita com o intuito de promover a modernização do cenário de base no futebol brasileiro.

Diante disso, para o desenvolvimento de uma análise geográfica sobre o referido tema, este trabalho usufruiu do cabedal teórico provido pela teoria crítica do espaço para desempenhar um exame mais detido acerca do CCF, de modo a incitar debates acerca do futebol sob os holofotes do fenômeno técnico. Para tanto, o diálogo entre referenciais bibliográficos da geografia e das demais áreas do conhecimento foi essencial, de modo a aproximar os conteúdos, e chegar na conclusão de que o futebol é um representa as metamorfoses experimentadas pelos períodos técnicos na concretude. Perante este fundamento teórico, que a análise das influências do CCF no território brasileiro é desenvolvida.

O pontapé inicial para entender os efeitos do CCF no futebol brasileiro, é entender qual é a função desempenhada pela nação pentacampeã no cenário internacional. Através do simbolismo que o esporte carrega, o futebol brasileiro dispõe de um protagonismo ímpar, devido a sua tradição na prática, em conjunto com a ampla galeria de títulos conquistados, e pela grande quantidade de jogadores habilidosos revelados. De modo bastante destacado, o Brasil se consolidou como o principal país em volume de transações de jogadores ao exterior, contando com a transferência de 2.375 jogadores em 2023 (FIFA, 2024). Contudo, este renome internacional acerca de transferências de jogadores não é algo novo, é uma característica histórica do futebol brasileiro que se sucede há décadas a fio, o espanto com a dimensão do volume de jogadores exportados salta aos olhos pois significa o aprofundamento do papel de fornecedor de pé-de-obra (ALVITO, 2006).

Em face a conjuntura na qual o futebol brasileiro está inserido, uma importante

explicação para o papel exercido pelo país pode ser encontrada ao observar a evolução do fenômeno técnico. Conforme a humanidade modificou o modo pelo qual se relacionava com o meio, cada vez mais o tempo da sociedade se impunha ao tempo da natureza (SANTOS, 2006). No momento atual, a mediação entre a sociedade e o seu meio ocorre através de objetos técnico-científico-informacionais, dotados de uma intrínseca relação com o desenvolvimento do mercado.

Visto que o Brasil é um país situado na periferia do capitalismo, o seu usufruto das técnicas hegemônicas não ocorre nos mesmos termos que outras nações ditas “desenvolvidas”, ou seja, o futebol brasileiro ao incorporar as novas técnicas se moderniza, de modo a atender a incorporação mercantil da prática do futebol, aprofundando o seu papel internacional (MATIAS, 2018). O resultado deste cenário, é a instalação de um ciclo vicioso ao futebol nacional, que se torna cada vez mais intenso a partir da evolução do fenômeno técnico.

A medida em que o futebol foi incorporando um volume crescente de técnicas, sua dinâmica também foi sendo alterada, mais notadamente os objetos utilizados numa partida foram incorporando microchips, para garantir uma geração de informação sobre parâmetros do jogo. No momento em que estes equipamentos informatizados foram se tornando habituais, logo se notou importantes alterações no que se refere ao âmbito legal do esporte e no âmbito formativo.

A década de 1990 foi o momento da história em que se traçou uma divisória do futebol, antes dela reside um futebol analógico, marcado pela utilização majoritária de equipamentos e de relações alheias a ciência informatizada. Depois desta linha reside um futebol amplamente mediado pela informação, tanto nos acessórios utilizados, quanto nos treinos desenvolvidos, chegando até a se fazer presente no modo em que acompanhamos as partidas. Esta cisão de parâmetros futebolísticos, implicou na adequação de legislações sobre o desporto, que foram realizadas sob o pressuposto de angariar uma nova faceta de mercado.

O protagonismo brasileiro em transferências internacionais, já era grande, mas com a assinatura do acórdão Bosman e a sua contraparte jurídica nacional, a Lei Pelé, o Brasil somente observou a sua consolidação na exportação de jogadores, o que prejudicou em demasia o cenário futebolístico interno, pois se criou uma situação em que não havia condições econômicas para garantir um investimento de longo prazo nas categorias de base.

Visando a retomada de um cenário favorável a investimentos nas categorias de base, que o Certificado de Clube Formador foi idealizado. Seu principal trunfo para garantir esta

retomada, foi atrelar um mecanismo financeiro de proteção aos investimentos das equipes, o mecanismo de solidariedade interno, a emissão de um documento de caráter estritamente desportivo (CBF, 2019). Com o passar dos anos, desde a vigência do CCF, muitas reportagens e declarações da CBF atribuem ao certificado o propósito de modernizar as categorias de base do país, algo que realmente ocorreu, todavia, somente aprofundou as disparidades internas.

Ao exigir dos clubes uma série de condições mínimas de qualidade para manter um processo formativo, a CBF pouco se atentou as características do processo de implementação do certificado, que é realizado pelas federações estaduais. Cada uma destas dispõe de um parâmetro, que julgam condizente com a normativa da CBF, e então aplicam. Durante este processo de aplicação, evidencia o pluralismo jurídico vigente, no qual as federações estaduais mais abastadas dispõem de critérios mais rígidos.

No que diz respeito a disparidade espacial, o assunto ainda não se esgotou, pois, o cumprimento do propósito inicial do CCF, acarreta num processo de modernização conservadora, marcada pela adequação da elite futebolística nacional, em conjunto ao esquecimento da maioria das equipes. O arranjo espacial dos clubes certificados demonstra bem essa dissemelhança, uma vez que somente 16% dos clubes certificados não residem no sudeste do país, sendo uma clara emulação da distribuição espacial do fenômeno técnico no país.

Esta concentração de equipes certificadas na parcela centro-sul do país, também expressa as heterogeneidades existentes no processo de formação de jogadores, no qual uma reservada parcela dos clubes brasileiros dispõe de infraestruturas de ponta, comandadas por profissionais qualificados, que empregam os treinamentos mais eficazes para o atleta, ao passo em que a maioria usufrui de instalações precárias, profissionais não habilitados, e poucos equipamentos para variações de treinos.

Tais discrepâncias, são fundamentais para entender o arranjo dos desembarques de atletas estrangeiros as categorias de base brasileiras, que se situam no país de maneira semelhante à disposição dos clubes certificados pelo CCF.

Em suma, ao considerar o papel do futebol brasileiro no cenário internacional, na companhia das evoluções técnicas e das alterações legislativas atreladas, é possível entender o contexto pelo qual o CCF foi criado no Brasil. Seus frutos estão sendo colhidos agora, após doze anos de vigência, este trabalho trouxe à tona algumas das influências que o certificado teve no cenário futebolístico nacional, como a modernização conservadora do cenário formativo, a ampliação do horizonte de atuação das categorias de base nacionais, e a disposição

espacial dos fluxos de jogadores estrangeiros. Estas foram as contribuições deste trabalho, contudo, este tema ainda foi pouco abordado e pode ser enriquecido, com pesquisas visando entender as características geográficas do processo de implementação do certificado, dentre outras valências. O tema não se esgota, e sempre pode ser acrescido com contribuições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVITO, Marcos. **A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização**. Análise Social, p. 451-474, 2006.

ANTAS JR, Ricardo Mendes. **Território e regulação: espaço geográfico, fonte material e não-formal do direito**. Editora Humanitas, 2005.

ARAÚJO, GENILSON. G1. **Incêndio no Ninho do Urubu completa três anos; até hoje, nenhum dos indiciados foi condenado pela tragédia**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/08/incendio-no-ninho-do-urubu-completa-tres-anos-ate-hoje-nenhum-dos-indiciados-foi-condenado-pela-tragedia.ghml>. Acesso em: 22 mar. 2023.

ARIOLA, Dean. Football Boots. **Football Boot History**. 2020. Disponível em: <https://www.footballboots.co.uk/history.html>. Acesso em: 03 fev. 2023.

BRASIL. Constituição (1967). **Lei nº 6354, de 02 de setembro de 1976**. . Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6354.htm. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRASIL. Assembleia Legislativa. Constituição (1988). **Lei nº 12395, de 16 de março de 2011**. . Brasília, DF, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12395.htm. Acesso em: 21 mar. 2023.

BRUNORO, J. C., & AFIF, A. (1997). **Futebol 100% profissional**. São Paulo: Editora Gente.

BLOG DA FUT. Fut Fanatics. **A evolução da chuteira de futebol: veja as mudanças ao longo do tempo**. 2019. Disponível em: <https://blog.futfanatics.com.br/futebol/evolucao-da-chuteira-de-futebol>. Acesso em: 03 fev. 2023.

BUTLER, David; BUTLER, Robert. **The evolution of the football jersey—an institutional perspective**. Journal of Institutional Economics, v. 17, n. 5, p. 821-835, 2021.

CARMO, Daniel Destro do. **Grandes Árbitros do Futebol Brasileiro: o desenvolvimento do futebol pelo olhar da arbitragem**. São Paulo: Daniel Destro do Carmo, 2018. 306 p.

CBF, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Certificado de Clube Formador**. 2023. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/registo-transferencia/certificado-de-clube-formador>. Acesso em: 25 fev. 2023.

CBF, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Resolução da Presidência: nº1**, 2012. Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201210/520841145.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023

CBF, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Resolução da Presidência: nº1**.

2019. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202009/20200918145239_131.pdf. Acesso em: 25 jun. 2023.

CBF, CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Estatuto**. 2021. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202206/20220617160856_326.pdf. Acesso em: 30 jan. 2022.

CEDECA, CENTRO DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE YVES DE ROUSSAN. Governo Estadual da Bahia. **A INFÂNCIA ENTRA EM CAMPO: riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol. Riscos e Oportunidades para Crianças e Adolescentes no Futebol**. 2014. Disponível em: https://www.mpggo.mp.br/portal/arquivos/2014/04/24/09_15_15_908_A_inf%C3%A2ncia_entra_em_campo.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

CIES, INTERNATIONAL CENTRE FOR SPORTS STUDIES. **Origins and destinations of football expatriates (2020-2024)**. 2024. Disponível em: <https://football-observatory.com/MonthlyReport95>. Acesso em: 18 dez. 2024.

COELHO, Paulo Vinicius. **Bola fora: A história do êxodo do futebol brasileiro**. Panda Books, 2015.

CIES, INTERNATIONAL CENTRE FOR SPORTS STUDIES. **Demographic Atlas**. 2019. Disponível em: <https://football-observatory.com/Tool-Demography>. Acesso em: 19 jan. 2025.

CIES, INTERNATIONAL CENTRE FOR SPORTS STUDIES. **Team demographics in 48 leagues worldwide**. 2023. Disponível em: <https://football-observatory.com/MonthlyReport89>. Acesso em: 20 jan. 2025.

COLAGROSSI, JOSÉ. Ibope Repucom. **A maior vitória do futebol brasileiro em 2019**. 2020. Disponível em: <https://www.iboperepucom.com.br/artigos/a-maior-vitoria-do-futebol-brasileiro-em-2019/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

COMITÊ ORGANIZADOR FRANCÊS. **L'organisation de la Coupe du monde de football 1998**. 1998. Disponível em: <https://www.ccomptes.fr/sites/default/files/EzPublish/OrganisationCoupeMonde1998.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CONAFUT, CONFERÊNCIA NACIONAL DE FUTEBOL. **Categoria de base: formação de atletas com excelência**. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y5Z5C_SaxfU&t=4308s. Acesso em: 01 fev. 2023.

CORREIA, Jones Mendes; LIMA, Fernando Godinho; RIGO, Luiz Carlos. **Contexto e organização do futebol em Rio Grande (1900-1916): histórias sobre amistosos, torneios, fundação de ligas e os primeiros campeonatos municipais**. Revista Didática Sistêmica, p. 120-135, 2014.

COSTA, Carlos Everaldo Silva da; SILVA, Rosimeri Carvalho da. Empresarização e controle organizacional: um estudo nos clubes de futebol em Santa Catarina. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 4, p. 01-16, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** 2005.

DAMO, Arlei Sander. **O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro.** In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. *Futebol objeto das Ciências Humanas.* São Paulo: Leya, 2014. p. 24-56.

DINIZ, Guilherme. **Mantos do Futebol. Camisas de futebol – primórdios e evolução.** 2017. Disponível em: <https://mantosdofutebol.com.br/2017/12/camisas-de-futebol-primordios-evolucao/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

DRUBSCKY, R. **O universo tático do futebol: escola brasileira.** Belo Horizonte: Editora Health, 2003

ELIAS, N. & DUNNING, E. *Deporte y Ócio en el Proceso de la Civilizacion.* México: *Fondo de Cultura Económica*, 1995.

FERREIRA, D. D. P.; PAIM, M. C. C. **Estruturação das categorias de base no futebol.** *Lecturas, Educación Física y Deportes* [periódico na Internet], 2011.

FETT, Matthias. **The game has changed—a systematic approach to classify FIFA World Cups.** *International Journal of Sport Policy and Politics*, 2020.

FIFA et al. **FIFA Big Count 2006: 270 million people active in football.** Zurich: Fédération Internationale de Football Association, 2007.

FIFA. **1982 FIFA World Cup In Spain: Report.** 1983. Disponível em: https://issuu.com/minaduki/docs/world_cup_1982. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **2018 FIFA World Cup Russia™ Global broadcast and audience summary.** 2018. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/2589b77c20849beb/original/njqsntrvdvqv8ho1dag5-pdf.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Beaming 2010 to the World.** 2010. Disponível em: <http://www.fifa.com/worldcup/news/newsid%3D1223134/index.html>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Circular no 769.** 2001. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/52905820e6b2bd01/original/dml3hvtpgzmjkb5hixd-pdf.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **FIFA World Cup - Mexico '86: Oficial Report.** 1987. Disponível em: http://www.fifa.com/mm/document/afdeveloping/technicaldevp/50/09/08/fwc_mexico_1986_en_part1_283.pdf. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Financial Report 2002.** 2003. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/10e86ad2eaf02dab/original/qkdqvkrhkrnqfswpmjct-pdf.pdf>.

Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Financial Report 2006**. 2007. Disponível em:
<https://digitalhub.fifa.com/m/114402613edaae50/original/zq7qokz0hgq1g7jlosqk-pdf.pdf>.
Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Financial Report 2010**. 2011. Disponível em:
<https://digitalhub.fifa.com/m/605abd94a1bc476f/original/miuql8kpghitm7kdzha2-pdf.pdf>.
Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Financial Report 2014**. 2015. Disponível em:
<https://digitalhub.fifa.com/m/6d29dfb0f8a0e4ad/original/e4e5lkxrbqvgscxgjnpx-pdf.pdf>.
Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Ten Years of International Transfers: A report on international football transfers worldwide 2011-2020**. Disponível em:
<https://digitalhub.fifa.com/m/5d60d57540044adb/original/FIFA-Ten-Years-International-Transfers-Report.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **The FIFA World Cup TV viewing figures**. 2007. Disponível em:
http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/ffprojects/ip-401_05a_tvstats_9299.pdf. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **THE REFORM OF THE TRANSFER SYSTEM (2017-2022)**. 2023. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/3763fd3a3b4cb319/original/Report-The-reform-of-the-Transfer-System.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FIFA. **Unlucky 13: Revisit the original Laws of the Game**. 2016. Disponível em:
<https://www.fifamuseum.com/en/blog-stories/blog/lucky-13-the-original-laws-of-the-game-2610292/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FONSECA, Venilson Luciano Benigno. **Lugares e territórios na cultura do futebol brasileiro**. 2014.

FOOTBALL ASSOCIATION. **1863 Minute Book**.

FOOTBALL ASSOCIATION. **The History of the FA**. 2025. Disponível em:
<https://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>. Acesso em: 16 jan. 2025.

FOOTBALLHISTORY.ORG. **FA Cup History**. 2025. Disponível em:
<https://www.footballhistory.org/tournament/fa-cup.html>. Acesso em: 16 jan. 2025

FOOTYBOOTS. **Football Boots History**. 2021. Disponível em: <https://www.footy-boots.com/football-boots-history/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FURMSTON, Michael Philip. **Retain and transfer system offside**. The Modern Law Review, v. 27, n. 2, p. 210-216, 1964.

GAFFNEY, Cristopher. Geography of sport. In: MAGUIRE, Joseph (ed.). **Social Sciences in Sport**. Loughborough: Human Kinetics, 2014. p. 109-134.

GARCÍA, Borja. He was not alone: Bosman in context. In: **The Legacy of Bosman**. TMC Asser Press, The Hague, 2016. p. 13-30.

GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GIULIANOTTI, Richard. **O preço da vitória: as finanças do futebol e a revolução da tv**. In: GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 116-141.

GLOBO ESPORTE. **Jorginho explica escolha pela Itália: "Brasil nunca me deu a chance de realizar meu sonho"**. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/jorginho-explica-escolha-pela-italia-ao-inves-do-brasil-quando-mais-precisei-estava-ali-por-mim.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2014.

HAAG, Fernanda Ribeiro. **Futebol e o giro neoliberal: apontamentos e o caso brasileiro**. PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review, v. 2, n. 1, p. 57-80, 2013.

HARVEY, Adrian. **Football: The first hundred years: The untold story**. Routledge, 2013.

HAVELANGE, João. **João Havelange (depoimento, 2012)**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2012. 53 p.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**, v. 5, n. 1, 2002.

ITAÚ - GRAFIETTI, CESAR. Itaú BBA. **Análise Econômico-Financeira dos Clubes Brasileiros de Futebol**. 2020. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2020/07/Analise-dos-Club-Brasileiros-de-Futebol-2020-ItaUBBA.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

JAMESON, F. (2006) **A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Ática.

JORNAL DOS SPORTS. **O êxodo de jogadores no anno de 33 veio realmente enfraquecer a seleção nacional?** 1933. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_01&pesq=%22NO%20ANNO%20DE%2033%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3461. Acesso em: 25 jul. 2024.

JUNIOR, LINCOLN; SCHMIDT, RONALD TÉBARO. **Mercado aquecido: saiba por que**

há cada vez mais estrangeiros na base dos times brasileiros. 2021. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/materia/mercado-aquecido-saiba-por-que-ha-cada-vez-mais-estrangeiros-na-base-dos-times-brasileiros.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2024.

KARAK, Anirban. Accumulation by dispossession: A Marxist history of the formation of the English Premier League. **Review of Radical Political Economics**, v. 49, n. 4, p. 615-632, 2017.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. **Football in neo-liberal times: a marxista perspective on the European football industry.** Routledge, 2016.

KUNZ, E. **Perspectivas de Intervenção pedagógica da Educação Física para a formação de Sujeitos Autônomos.** Rio de Janeiro, 2003.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. **Moving with the ball: the migration of professional footballers.** Oxford: Berg Publishers, 2001. 282 p.

LOIS, Rodrigo. Globo Esporte. **Janela de transferências na Europa mostra recuperação financeira de clubes; veja resumo.** 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2022/09/02/janela-de-transferencias-na-europa-mostra-recuperacao-financeira-de-clubes-veja-resumo.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2022.

MACIEL, Wagner Pottes; CAPUTO, Eduardo Lucia; SILVA, Marcelo Cozzensa da. **Distância percorrida por jogadoras de futebol de diferentes posições durante uma partida.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, p. 465-474, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol.** Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2014. 254 p.

MARTINO, Duilio D. **Nascimento de uma paixão universal: história do futebol.** COSEP, 1997.

MATIAS, Wagner Barbosa. **A economia política do futebol e o “lugar” do Brasil no mercado-mundo da bola.** 2018.

MATTA, Roberto da et al. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982. 124 p.

MELO FILHO, Álvaro. **Nova Lei Pelé: avanços e impactos.** Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2011. 351 p.

MORAES, Ivan Furegato. **FORMAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL: da implementação às perspectivas futuras do certificado de clube formador.** 2015. 300 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão Desportiva, Universidade do Porto, Porto, 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/79158>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MORAES, Ivan Furegato; DA CUNHA BASTOS, Flávia; CARVALHO, Maria José.

Formação de jogadores de futebol: processo histórico e bases para a evolução no Brasil. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 2, p. 148-163, 2016.

MOREIRA, GABRIELA. GLOBO ESPORTE, **Inquérito que apura incêndio no Ninho do Urubu troca de promotor e ainda não tem conclusão às vésperas de completar dois anos**. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-da-gabriela-moreira/post/2020/12/18/inquerito-que-apura-incendio-no-ninho-do-urubu-troca-de-promotor-e-ainda-nao-tem-conclusao-as-vesperas-de-completar-dois-anos.ghhtml>. Acesso em: 30 out. 2024.

NOGUEIRA, Alberto. Folha de São Paulo. **EVOLUÇÃO DO FUTEBOL: Tecnologia, estética e conforto determinam mudanças nas camisas**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://temas.folha.uol.com.br/evolucao-do-futebol/equipamentos/tecnologia-estetica-e-conforto-determinam-mudancas-nas-camisas.shtml>. Acesso em: 03 fev. 2023.

OGOL. Mercado da Bola. Disponível em: <https://www.ogol.com.br/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

PASSE LIVRE. **Direção: Oswaldo Caldeira**. Brasil. Filmes da Matriz, 1974. DVD.

PESTI, Peter. World Cup Balls. 2022. Disponível em: <https://www.worldcupballs.info/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

PLACAR, Revista. Edição Histórica. São Paulo: Editora Abril, n. 1097, 01 out. 1994.

POTERIKO, Igor Gabriel Krüger. Instituto Brasileiro de Direito Desportivo (IBDD). **O método de escalonamento do Certificado de Clube Formador como alternativa de irrigação do sistema de formação de atletas no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://ibdd.com.br/o-metodo-de-escalonamento-do-certificado-de-clube-formador-como-alternativa-de-irrigacao-do-sistema-de-formacao-de-atletas-no-brasil/?v=19d3326f3137>. Acesso em: 23 mar. 2023

POTERIKO, Igor Gabriel Krüger. **Patrocínios esportivos e veiculação de marcas**. Ludopédio, São Paulo, v. 153, n. 17, 2022.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A Metamorfose do Futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

REIS, Heloisa. **La crisis del fútbol brasileiro**. Polémika, v. 4, n. 10, 2013.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, v. 14, p. 21-65, 2008.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise

sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, p. 260-299, 2004.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A Lei Pelé, o fim do passe e a modernização conservadora do futebol-negócio no Brasil: uma análise das percepções dos jogadores**. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 2, n. 2, 2014.

RODOLFO RODRIGUES. Futebol em Números. **Brasileirão de 2023 bate recorde de jogadores estrangeiros**. Disponível em: <https://futebolemnumeroscom.wordpress.com/2023/08/06/brasileirao-de-2023-bate-recorde-de-jogadores-estrangeiros/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

REC. SPORT SOCCER STATISTICS FOUNDATION. **Brazil Cup History**. 2023. Disponível em: <https://rsssfbrazil.com/tablesae/cbrcamp.htm>. Acesso em: 15 ago. 2024.

REC. SPORT SOCCER STATISTICS FOUNDATION. **Copa Libertadores de América**. 2024. Disponível em: <https://www.rsssf.org/sacups/copalib.html>. Acesso em: 10 set. 2024.

REC. SPORT SOCCER STATISTICS FOUNDATION. **Copa Sudamericana**. 2023. Disponível em: <https://www.rsssf.org/sacups/sudamcup.html>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SABINO, ALEX. FOLHA DE SÃO PAULO. **Sem fiscalizar, CBF ignorou lei e não exigiu itens de segurança em CT do Fla**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/02/sem-fiscalizar-cbf-ignorou-lei-e-nao-exigiu-itens-de-seguranca-em-ct-do-fla.shtml>. Acesso em: 30 out. 2024.

SÁ FILHO, Fábio Menezes. RESPONSABILIDADE CIVIL DOS CLUBES PELA FORMAÇÃO DE JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL. **Duc In Altum-Cadernos de Direito**, v. 3, n. 3, 2011.

SALES, ARTHUR. Indústria de Base. **Onde há fogo, há fumaça**. 2019. Disponível em: <https://industriadebase.com/onde-h%C3%A1-fogo-h%C3%A1-fuma%C3%A7a-9c774bf2cde4>. Acesso em: 30 out. 2024.

SAMPAIO, Mateus de Almeida Prado; SOUSA, Igor Breno Barbosa de; SILVA, Elvis Simões Pitoco da. Geografia dos campeões: migração, força de trabalho e nacionalidade de argentinos e franceses na Copa do Mundo do Catar 2022. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 61, 2023.

SANCHES, Regina Aparecida et al. **Contemporâneo: evolução dos tecidos no uniforme de futebol**. *dObra [s]: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, v. 4, n. 9, p. 21-23, 2010.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1988

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, P. J.; SOARES, J. M. **Capacidade aeróbia em futebolistas de elite em função da posição específica no jogo**. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 1, n. 2, p. 7-12, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. São Paulo, Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 176 p.

SCHATZ, Patrícia Volk. Aspectos históricos do mercado de trabalho dos jogadores de futebol. In: ESPÍNDOLA, Carlos José (org.). **Estruturas e Estratégias Geoeconômicas: Estudos de cadeias produtivas específicas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. Cap. 7. p. 135-149.

SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. **DIAGNÓSTICO SOBRE TRÁFICO DE PESSOAS NAS ÁREAS DE FRONTEIRA**. 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/trafico-de-pessoas/publicacoes/pesquisas-regionais/pesquisa_-enafon_202x266mm_1710_19h00_web.pdf. Acesso em: 01 maio 2024.

SEDA, VICENTE. Globo Esporte. **Cálculos de divisão de receitas da Libra e da LFF se aproximam; veja as tabelas**. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/negocios-do-esporte/noticia/2023/02/27/calculos-de-divisao-de-receitas-da-libra-e-da-lff-se-aproximam-veja-as-tabelas.ghml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SILVA, Silvio Ricardo et al. **Levantamento da produção sobre o Futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. 2009.

SILVA, William Tales. **VAR: a história e os impactos da maior mudança na aplicação das regras do futebol**. Salvador: Footbooks, 2020.

SILVEIRA, María Laura. **Concretude territorial, regulação e densidade normativa**. Revista Experimental: Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 35-45, mar. 1997.

SILVEIRA, Maria Laura. **Espaço geográfico e fenômeno técnico: por um debate substantivo**. Anais, 2009.

SILVEIRA, María Laura. **Territorio usado y fenómeno técnico en el periodo de globalización**. Párrafos geográficos, v. 11, n. 2, p. 25-38, 2012.

SIMMONS, Robert. **Implications of the Bosman ruling for football transfer markets**. Economic Affairs, v. 17, n. 3, p. 13-18, 1997.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol**

moderno. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SKY SPORTS. World Cup 2022: **Qatar tournament to feature semi-automated offside technology with ball sensors and cameras.** 2022. Disponível em: <https://www.skysports.com/football/news/12098/12643330/world-cup-2022-qatar-tournament-to-feature-semi-automated-offside-technology-with-ball-sensors-and-cameras#>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SOCCERBIBLE. **Mercurial Mk1 - The Original R9.** 2014. Disponível em: <https://www.soccerbible.com/performance/football-boots/2013/05/nike-mercurial-r9-1998-the-original/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SOCCERBIBLE. **PUMA Ultraweave Tech Creates Lightest Ever Football Shirt.** 2021. Disponível em: <https://www.soccerbible.com/performance/football-apparel/2021/10/puma-ultraweave-tech-creates-lightest-ever-football-shirt/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SOUZA, Júlio César Couto de et al. **A transformação do futebol brasileiro: avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas categorias de base.** 2001.

SOUZA, Adriano Lopes de et al. **Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre o futebol 1980-2016.** In: COUTO, Ana Cláudia Porfírio et al. **POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER: CENTRO MG DA REDE CEDES.** Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019. Cap. 5. p. 73-95.

TABLEAU. Data Story: **The History of Football Player Transfers.** 2013. Disponível em: <https://www.tableau.com/solutions/gallery/history-football-player-transfers>. Acesso em: 08 nov. 2022.

TRANSFERMARKT. **Campeonato Brasileiro Série A.** 2024. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/campeonato-brasileiro-serie-a/startseite/wettbewerb/BRA1>. Acesso em: 30 jun. 2024.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA UNIÃO EUROPEIA. Relatório nº C-415/93, de 15 de dezembro de 1993. **Acórdão do Tribunal de Justiça: Acórdão Bosman.** Luxemburgo, Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:61993CJ0415>. Acesso em: 04 maio 2023.

THÉRY, Hervé. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 5, n. 9, p. 7-16, 2006.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube.** Rio Claro: C. R. Thiengo. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". 2011.

TOLEDO, L. H. d. **Lógicas no Futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional.** São Paulo: L. H. de Toledo. Dissertação de Doutorado apresentada a Universidade de São Paulo. 2000.

TOLEDO, Thais. **[Entrevista]**. Entrevistador: Leandro Luís Lino dos Santos. Rio Claro, 30 nov. 2023.

XP - **Convocados XP: Finanças, História e Mercado do Futebol Brasileiro em 2021**. 2022. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/relatorio-futebol-2022/>. Acesso em: 22 mar. 2023.

YOUNG, ERNST. **Relatório Impacto do Futebol Brasileiro na Economia**. 2019. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-apresenta-relatorio-sobre-papel-do-futebol-na-economia-do-brasil>. Acesso em: 27 mar. 2023.